

MUSEU NACIONAL
RIO DE JANEIRO

Quaerite, quos agitat mundi labor.

Lucan. I. 411



Francisco Venancio Filho

EUCLYDES DA CUNHA

A SEUS **AMIGOS**

Vol. 1/1

BRASILIANA

5.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECCÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — Baptista Pereira: Figuras da Imperio e outras ensaios — 2.ª edição.
- 2 — Pand'á Calogeras: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — Alcides Gentil: As Ideias de Alberto Torres (synthese com julico semis vni).
- 4 — Oliveira Vianna: Itaca a Assimilação — 3.ª edição (augmentada).
- 6 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem da Rio de Janeiro a Minas Gerais e a H. Paula (1822) — Trad. de Affonso de E. Taunay — 2.ª ed.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e episódios do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira: Directrizes do Ituy Barboza — (Segundo textos escolhidos).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil — 4.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil. — (ilustração e prefacio do Homero Pires). Profusamente Illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 2.ª edição (ilustrada).
- 11 — Luiza da Cunha Casarol: O Corde d'Eu — Vol. Illustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe — Vol. Illustrado.
- 13 — Vicente Licio Cardoso: A margem da Historia do Brasil.
- 14 — Pedro Calman: Historia da Civilização Brasileira — 2.ª edição.
- 15 — Pand'á Calogeras: Da Regencia á queda de Itana — 3.º volume (da serie "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: A Organização Nacional.
- 17 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 18 — Visconde de Taunay: Pedro II. — 2.ª Ed.
- 19 — Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVII). — 2.ª Ed.
- 20 — Alberto de Faria: Maué (com tres Illustrações fóra do texto).
- 21 — Baptista Pereira: Porto Brasil Malal.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Pand'á Calogeras: Problemas de administração.
- 25 — Mario Marroquim: A lingua do Nordcaté.
- 26 — Alberto Rangel: Ramos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Lillo Junior: Populações Paulistas.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem no Araguaya — 4.ª edição.
- 29 — José de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio do prof. Pedro Brando.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pela Brasil Central — Ed. Illustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na cõlso actual.
- 32 — C. de Mello-Lealão: Visitantes do Primeiro Imperio — Ed. Illustrada (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Anyona Costa: Introducção á Archeologia Brasileira — Ed. Illustrada.
- 35 — A. J. de Saizalo: Phytogeographia do Brasil — Ed. Illustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. Illustrada).
- 38 — Ruy Barbosa: Mocidade e Exilio (Cartas Inciditas. Pseudocadas e annotadas por Averlio Jacobina Lacombe) — Ed. Illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: Rondonia — 3.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calman: Historia Social do Brasil — 1.º Tomo — Espirito da Sociedade Colonial — 2.ª edição illustrada (com 13 gravuras).
- 41 — José Maria Netto: A intelligencia do Brasil.
- 42 — Pand'á Calogeras: Formação Historica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mappas fóra do texto).

- 43 — A. Sboya Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste (com 15 gravuras e mappas) — 1.º volume.
- 45 — Basilio de Magalhães: Expansão Geographica do Brazil Colonial.
- 46 — Ricardo Mendonça: A influencia africana no portuguez do Brazil — Ed. Illustrada.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brazil — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Vianna: Bandeiras e sertanistas bahianes.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brazil — Ed. Illustrada (com 50 gravuras e mappas).
- 50 — Mario Travassos: Projecção Continental do Brazil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
- 51 — Octavio de Freitas: Doenças africanas no Brazil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 8.ª edição completa, com parte original Tupy-guarany.
- 53 — A. J. de Sompáio: Biogeographia dynamica.
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildebrando Azevêdo: O Reconhecimento do Brazil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Exilly: Mulheres e Costumes do Brazil — Traducção, prefacio e notas de Gastão Penava.
- 57 — Flausino Rodrigues Vilete: Elementos do Folk-lore musical Brasileiro.
- 58 — Augusto do Saint-Hilaire: Viagem à Provincia de Santa Catharina (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivasseau: A vida dos Indios Guaycurúas — Edição Illustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar no Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orléans, commentadas por Max Fricgens) — Edição Illustrada.
- 62 — Agnôr Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição Illustrada.
- 63 — Raymundo Moraes: Na Planície Amazonica — 4.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Schrados e Mucambos — Decadência patriarcal rural no Brazil — Edição Illustrada.
- 65 — João Dorcas Filho: Sítio Jardim.
- 66 — Primitivo Maacyr: A Instrucção e o Imperio (Subditos para a historia do educacão no Brazil) — 1623-1863 — 1.º volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — Augusto do Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 1.º tomo — Traducção e notas de Clodo Ribeiro Lessa.
- 69 — Frodo Mala: Atravez da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Affonso Arinos de Mello Franco: Conceito de Civilização Brasileira.
- 71 — F. C. Hochne — Botanica e Agricultura no Brazil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto do Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brazil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Maclara.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira — Machado de Assis — (Estudo Critico-Biographico) — Edição Illustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostra...) — 2.ª edição.
- 75 — Affonso A. de Freitas: Vocabulario Nheengatú (veraculizado pelo portuguez falado em S. Paulo) — Língua Tupy-guarany. (com 8 Illustrações fóra do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: Historia Secreta do Brazil — 1.ª parte: "Do descolhimento á publicação de Pedro I" — Edição Illustrada.
- 77 — C. de Mello-Lethão: Zoologia do Brazil — Edição Illustrada.
- 78 — Augusto do Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 2.º tomo — Traducção e notas de Clodo Ribeiro Lessa.
- 79 — Cravelro Costa: O Visconde de Sinimobú — Sua vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1890.
- 80 — Oswald R. Cabral: Santa Catharina — Edição Illustrada.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Batalha do Principe Imacéo — Fref Couceiro — Ed. Illustrada.
- 82 — C. de Mello-Lethão: O Brazil Visto Pelos Ingleses.
- 83 — Pedro Calmon: Historia Social do Brazil — 2.º Tomo — Espirito da Sociedade Imperial.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição Illustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Cutegips e seu Tempo — Ed. Illustrada.
- 86 — Aurelio Pinheiro: A Margem do Amazonas — Ed. Illustrada.

- 87 — Primitivo Moacyr: A Instrução e o Imperio — (Subsídios para a Historia da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reforma do ensino 1854-1888.
- 88 — Heitor Lobo: Um Varão da Republica: Fernando Lobo.
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: As Forças Armadas e o Destino Historico do Brasil.
- 90 — Alfredo Ellis Junior: A Evolução da Economia Paulista e suas Causas — Edição Illustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco.
- 92 — Almirante Antonio Alves Camara: Ensaio Sobre as Construções Navaes Indígenas do Brasil — 2.ª edição Illustrada.
- 93 — Scraphim Leite: Paginas de Historia do Brasil.
- 94 — Sotomio de Vasconcellos: O Fico — Minas e os Ministros da Independencia — Edição Illustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cury Agassiz: Viagem ao Brasil — 1866-1866 — Trad. de Edgar Süssckind de Mendonça — Edição Illustrada.
- 96 — Osorio da Rocha Diniz: A Politica que convem ao Brasil.
- 97 — Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição Illustrada.
- 98 — Fernando de Azevedo: A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 99 — C. de Mello-Letão: A Biologia no Brasil.
- 100 — Roberto Simonsen: Historia Economica do Brasil — Ed. Illustrada em 2 tomos — 100 e 100-A.
- 101 — Herbert Baldus: Ensaio de Ethnologia Brasileira. — Edição Illustrada.
- 102 — S. Froes Abreu: A riqueza mineral do Brasil — Edição Illustrada.
- 103 — Souza Carneiro: Mythes Africanos no Brasil. — Edição Illustrada.
- 104 — Araújo Lima — Amazonia — A Terra e o Homem — (Introdução á Anthropogeographia) — 2.ª edição.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: A Provincia — 2.ª edição.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: O Valle do Amazonas — 2.ª edição.
- 107 — Luis da Camara Cascudo: O Marquez de Olinda e seu tempo (1793-1870) — Edição Illustrada.
- 108 — Padre Antonio Vieira: Por Brasil e Portugal — Sermões commentados por Pedro Calmon.
- 109 — Georges Rueders: D. Pedro II e a Condição do Gabinete (Correspondencia Inedita).
- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — Washington Luis: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indigenas do nordeste brasileiro).
- 113 — Gastão Cruz: A Amazonia que eu vi — Obidos-Tumuc-Ihumac — Prefacio de Roquette-Pinto — Illustrado. 2.ª edição.
- 114 — Carlos Süssckind de Mendonça: Sylvio Romero — Sua Formação Intellectual — 1861-1880 — Com uma Indicação bibliographica — edição Illustrada.
- 115 — A. C. Tavares Bastos — Cartas do Solitario — 3.ª edição.
- 116 — Agostinho Augusto de Miranda — Estudos Piechycotas — Edição Illustrada.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Tratado Descriptivo do Brasil em 1587 — Commentarios de Francisco Adolpho Varnhagen — 3.ª Edição.
- 118 — Ven Spix e Ven Martius: Atravez da Bahia — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Edição Illustrada.
- 120 — Pedro Calmon: O Rei Philosopho — Vida de D. Pedro II — Edição Illustrada.
- 121 — Primitivo Moacyr: A Instrução e o Imperio (Subsídios para a Historia da Educação no Brasil) 3.º volume — 1854-1889.
- 122 — Fernando Seboya de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America.
- 123 — Hermann Wätjen: O Dominio Colonial Hollandez no Brasil — Um Capitulo da Historia Colonial do Seculo XVII — Tradução de Pedro Cozo Uchôa Cavalcanti.

- 124 — Luiz Norton: A Corte do Portugal no Brasil — Notas, documentos e cartas diplomaticas da Imperatriz Leopoldina — Edição Illustrada.
- 125 — João Dornas Filho: O Padroado e a Igreja Brasileira.
- 126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagens pelas Provincias do Rio de Janeiro e Minas Geraes — em 2 tomos — Edição Illustrada. Tradução e Notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
- 127 — Ernesto Druce: As Guerras dos Palmares (Subsídios para sua historia) 1.º Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Tropa Negra" — Prefacio de Affonso de E. Taunay.
- 128 e 128-A — Almirante Custodio José do Mello: O Governo Provisorio e a Revolução de 1893 — 1.º Volume, em 2 tomos.
- 129 — Afrânio Peixoto: Clima e Saúde — Introdução bio-geographica á civilização brasileira.
- 130 — Major Frederico Rondón: Na Rondônia Occidental — Edição Illustrada.
- 131 — Hildebrando Aedloy: Limites da Brasil — A fronteira com o Paraguay — Edição Illustrada com 2 mappaes fóra do texto.
- 132 — Sebastião Pugno: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817 — Edição Illustrada.
- 133 — Heitor Lyra: Historia da Dom Pedro II — 1826-1891. Vol. 1.º "Ascensão" — 1825-1870 — Edição Illustrada.
- 134 — Pandá Calogeras: Geologia Economica do Brasil — (As Minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º. Distribuição geographica dos depositos auríferos. Edição refundida e actualizada por Djahna Guimarães.
- 135 — Alberto Pizarro Jacobina: Dias Carneiro (O Conservador) Edição Illustrada.
- 136 — Carlos Pezzer: Tavarra Bastos (Aureliano Candido) 1839-1876.
- 137 — Anibal Mattos: Prehistória Brasileira — Varios Estudos — Edição Illustrada.
- 138 — Gustavo Dodt: Descrição dos Rios Parahyba e Gurupy — Prefacio e notas de Gustavo Barroso. Edição Illustrada.
- 139 — Anyone Costa: Migrações e Cultura Indígena — Estudos de archeologia e ethnologia do Brasil. -- Edição Illustrada.
- 140 — Hermes Lima: Tobias Barreto — A Epoca e o Homem — Edição Illustrada.
- 141 — Oliveira Vianna: O Idealismo da Constituição — 2.ª edição augmentada.
- 142 — Francisco Venancio Filho: Euclides da Cunha e seus Amigos — Edição Illustrada.
- 143 — Bruno de Almeida Magalhães: O Visconde de Alencar — edição Illustrada.

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Guimarães, 118/140 — São Paulo

Euclides da Cunha a seus amigos

1229

Serie 5.^a

BRASILIANA

Vol. 142

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

FRANCISCO VENANCIO FILHO

*Euclýdes da Cunha
a seus amigos*



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1938

I N D I C E

Euclides da Cunha e seus amigos	5
Antes d' "Os Sertões"	53
Em torno d' "Os Sertões"	65
Da Amazonia	139
Do Rio	169

A' memoria de Francisco Escobar

"São linhas íntimas. Na sua intimidade, porém, nada ha que lhe diminua o espirito fulgurante e a dolorida sentimentalidade que as ditaram. Não podia ser de outro modo. Hontes dessa natureza não têm altos nem baixos, conservando também, no obscuro bastidor das relações communs, a integridade de suas nobres qualidades raras".

ALBERTO RANGEL.

"Sinto não poder entregar ao publico todas as cartas que possuo de Euclides da Cunha de 1904 a 1906 e de 1908 a 1909, nas quaes se encontraria ainda melhor desenhada do que nos seus livros — mesmo porque elle possuia o talento, raro no Brasil, pela falta de ser exercido, da epistolografia — a sua personalidade curiosa e atraente, conquanto á primeira vista pouco expansiva".

OLIVEIRA LIMA.

EUCLYDES DA CUNHA E SEUS AMIGOS

Todas as vidas têm, em geral, duas vidas: uma que termina com a morte, outra que aí começa. Para a maioria dos homens só a primeira conta. Para outros, muito poucos, só a segunda. Para alguns ela prossegue, continua, na gloria ou no oprobio.

A de Euclýdes da Cunha teve este aspecto duplo. Glorioso em vida, continuou-o depois de morto. Mas tambem o mesmo oprobio que lhe encerrou os tñas se manteve com a sua memoria.

Viveu os seus 43 anos entre magoas e dissabores. Orfão o foi de mãe e de afetos proximos desde os 3 anos.

Afetuosos e afetivo teve a adolescencia e a juventude longe do lar proprio.

Homem feito, não encontrou na profissão com que se susteve o encanto de uma occupação predilecta.

Entre nós os que vivem de alguma sorte do pensamento, ou se refugiam no funcionalismo de qualquer especie, burocracia e magisterio, ou na politica.

No mundo inteiro ainda não ha lugar para o pensamento puro, sem outra forma de actividade.

Para Euclýdes da Cunha, abandonado o exercito que o seu sogro, General Solou, reputava, em 1894, a melhor profissão do país, atirou-se à engenharia civil oficial e aí viveu a maior parte de sua vida, em permanente conflito com as aspirações superiores da cultura, a que se destinava.

A engenharia não lhe foi, senão raramente, a arte de melhorar e aperfeiçoar a Natureza, como ele proprio a definiu, mas se agitava "entre o estilo aleijado dos officios e a alma tortuosa dos empreiteiros".

Ao lado disso a tragedia oculta e obscura, dia a dia, da trama de sua dolorosa vida intima, que jamais confessou a ninguem e que raro lhe escapou discreta em alguma alusão incompreensivel, porque para ele, como no verso de Marcial, "o recato do sofrimento era a unica expressão simpatica do orgulho".

Esse drama são foi revelado pelo claro do escandalo que se originou do seu assassinio a 15 de agosto de 1909.

Eloy Pontes, com o carinho piedoso e o gosto da investigao paciente, ha de revela-lo no "Destino tragico de Euclýdes da Cunha".

Certa vez descia ele, em companhia de Adalgizo Pereira, a rua 15 de novembro, em S. Paulo, quando vem um desses escandalos de sensacionalismo passional que a imprensa tantas vezes explora, e ataca de repente deante do amigo para dizer-lhe o seu temor de se ver um dia envolvido num desses episodios.

Seria já previsão da tragedia que o prostrou varado de balas? Adalgizo, que o conhecera de privação intima, comentava assim: o dia em que a idéa de traição lhe atravessasse a cabeça seria Euclides assassino ou assassinado.

Assassinado, começou a sua geena dolorosa.

Deste dia em diante, no comentario da imprensa e das conversas, no julgamento rapido e apressado da multidão e até na barra do pretorio, onde nem se ouviu a voz de protesto da verdade e da justiça, passou Euclides a ser apenas o homem de intelligencia e de cultura, tiendo no caracter e na afetividade pela advocacia mercenaria e inescrupulosa.

Não foi bastante o grito indignado de Nestor da Cunha pela *Gazeta da Tarde* em 1911.

Continuaram a mesma injustiça e a mesma infamia.

Em 15 de agosto de 1911 a sucessão na Academia Brasileira deu a Afranio Peixoto a oportunidade de uma reivindicação. Se o discurso fumoso e formoso no que se refero á obra de Euclides pode merecer qualquer repara idólatra mais exigente, o que tange ao homem, á sua vida publica, é um perfil de gigante, de dimensões imensas, mas justas.

O escritor e o homem de pensamento se completavam deste modo com o homem de carater, na attitude publica.

Restava ainda a vida privada, a vida intima e affetiva.

Só em 15 de agosto de 1913, dia memorável de uma ressurreição, a palavra de Alberto Rangel, companheiro fraterno, de mocidade, de escola e de egressão, que lhe sentira bem perto as delicadezas sensíveis de homem de sentimento, de homem bom e puro, digno e altivo, que não se subtraía em um deslize, iniciou a obra sem par de reabilitação de uma memória sagrada e que não só não merecia o opróbrio de que a cobriram, como também toda ela era um protesto violento contra aquilo com que a queriam infamar.

Já Oliveira Lima destacava em 1911, pelo "O Estado de S. Paulo", os traços afetivos do amigo incomparável, trazendo a público parte da sua correspondência.

Mais tarde Coelho Netto, na transfiguração mágica de sua palavra cinética e colorida, evocou a figura do amigo cujo coração lhe deixara vazio maior do que o da inteligência excepcional. As páginas do "Livro de Prata" guardam, felizmente, essa evocação maravilhosa que de certo modo completa a de Alberto Rangel.

Daí por diante, o Gremio Euclides da Cunha, que se nutre da seiva que lhe chega sempre e a dia certo desse Homem de dimensões intelectuais e morais da escala das de Euclides, que é o autor do "Inferno Verde", não esquece, há já vinte e cinco anos, na evocação do seu dia, "por protesto e adoração", de trazer a documentação indispensável ao traçado exato do perfil sem par.

E foi o Gremio buscar esta documentação por toda parte, na dispersão natural e inevitavel dos papeis intimos, que raros conservam, nos pontos mais longinquos.

Teve a colaboração inestimavel deste euclýdeano puro — Fernando Nery, que não só conseguiu coligir muitas das cartas dirigidas a academicos, como publicou-as todas na Revista da Academia, anotando-as prohibosamente, com a paciencia e o carinho de devoto da primeira hora.

E estas cartas completam o perfil do gigante d'*Os Sertões*. Se falta a elas o tom lirico, tambem ausentes na sua obra escrita, como o notou Afranio Peixoto, estão bem presentes os traços de coração e da sua "meiga e profunda afetividade" nestas mensagens de carinho, que nunca suspeitaram a luz da publicidade.

Faltarão cartas de amor, mas para Euclýdes, mais do que para qualquer outro, estas não deviam passar de dois leitores, conforme a observação justa de Henry Bordeau e ele de certo não as escreveu...

Mas nestas cartas está todo o Euclýdes íntimo, no carinho com que pensava nos amigos, no cuidado com que atendia aos seus apelos, na preocupação com seus deveres e no escrupulo em cumpri-los, nas suas angustias, nas suas magoas, nas suas amarguras, sempre discreto e pundonoroso, no seu idealismo incuravel e até no seu "pessimismo abominavel", como ele proprio dizia, pessimismo bem justo, em quem tivera, na partilha dos bens da vida, como parte maior, a de dores e peccates.

Entretanto em todas estas paginas, mesmo nas que contêm um desabafo desesperado, ha um reativo forte de heroicidade e de estoicismo.

Quando se publicou a admiravel correspondencia de Teine tiveram os editores o cuidado de citar a recommendação do eminente pensador: "As unicas cartas ou correspondencias que poderão ser publicadas são as que tratam de materias puramente gerais ou especulativas, por exemplo de filosofia, historia, estetica, arte, psicologia".

Não precitaria Euclýdes da Cunha fazer recommendação semelliante, porque na sua correspondencia, onde ha sempre uma tonica original, encontra-se uma apreciação de episodio coevo, figura da epoca, questões gerais de ciencia ou de literatura. As proprias referencias pessoais são elucidativas de fatos de sua vida ou dos amigos eminentes com quem se correspondia e foram muitos.

Convem considerar, e o proprio papel, grafia e ás vezes a diversidade de tratamento em que eram feitas estas cartas o revelam, que todas, talvez sem uma exceção, se compunham ao correr da pena e da inspiração, sem folga nem calma sequer para uma composição mais cuidada, mas nesse descuido e nesse abandono quanta farsação de intelligencia e quanta ternura do afeição!

Não haverá na historia de nossa cultura muitas figuras que tivessem transposto o seu pensamento e o seu sentimento para as folhas fugidiças de cartas, que a completam e modelam, através de uma das maiores e mais

fortes dentre as forças morais da espécie humana, a Amizade, como o fez Euclýdes da Cunha.

* * *

A amizade na vida de Euclýdes não foi apenas episódio, mas constituc, ao contrario, capitulo de relevo.

Sobre ser da sua propria natureza, sem o que ella é impossivel, as condições de sua vida, onde faltou aquelle "afeto que num recanto pôs um mundo inteiro" impuseram essa compensação á sua "meiga e profunda afe-tividade".

Depois da sabedoria é a amizade o maior presente dos deuses, escrevia Cicero, acrescentando, no seu ensaio celebre, o conselho sabio: preferir a amizade a todos os bens, exceto a virtude, sem a qual não poderia existir.

Se se fizer a historia d'este nobre sentimento humano ver-se-á quanto lhe deve a especie.

Faguet, repetindo o grande orador romano, num de seus mandamentos, mostra como os mais belos livros da antiguidade reproduziam conversas entre amigos. Nos tempos modernos, expressa ou oculta, tem tido em muitos casos o seu papel.

Para Faguet os elementos essenciaes á amizade são a busca natural do semelhante, horror da solidão, sentimento de propria fraqueza e a necessidade de expansão e comunicção.

Embora Euelydes fosse dono de um legitimo orgulho e se comprazesse tantas vezes no isolamento, havia nelo um imperativo de comunicabilidade acentuado, que o obrigava a companhia de algumas afeições. Participou sempre dos encantos da intimidade dos seus grandes amigos, sendo acolhido nos seus lares com alegria e carinho fraternais. Para a maioria d'elles o vazio de afeição que a sua morte abriu foi maior do que o da intelligencia.

Mais feliz que o filosofo grego, escasscavam-lhe na sua existencia, em tanta cousa malfadada, os dedos na contagem dos amigos, que principalmente a admiração pelo seu genio lhe deu.

A maioria desses amigos foi da fase d'Os Sertões.

Da Escola Militar, do periodo da adolescencia, o maior de todos, que lhe ũeu á memoria o milagre de uma resurreição, foi Alberto Rangel. Veio da Escola a grande amizade fraternal, que afinidades de temperamento reuniriam mais tarde na estréa literaria do "Inferno Verde".

Eis como Alberto Rangel refere, em carta a Carlos Dias Fernandes, em 1905 o episodio maior da vida em comum do companheiro "de fileira, de escola, de juventude e de egressão".

"No portalô de um navio que vai soltar já do lado da baía o formidavel dente de sua ancora forte e que, dos ardentes pulmões de sua caldeira, pelo tubo de descarga, está já a deitar fóra sobras de seu folego maus-

truoso, tu me pedes que dê noticias do escritor d'“Os Sertões” — Euclýdes da Cunha.

Deixei-o em Manáos, numa casita alpendrada com largo panorama de mata baixa, vingada em areias dessa Cachoeira-Grande e Taruman, distante pelo extenal verde de folhas murchas dos ramos, o entremeio de brumas que fazem fantástico desenrolar de caudais espumosas e alvas neste verde banco da baixada triste.

Piloto a cata de uma estranha plaga levou a sondar o horizonte das folhas noviças, e quando tudo delido pelas chuvas do inverno, só é curioso pelo que dizem padres e geógrafos do mistério do Amazonas. E de uma letra miúda, que exige applicação de uma lente elle vai arrumando a lenha que mais tarde o fogo do seu espirito queimará em grandes chuvas a alumiar o passado em maravilhosos reflexos das aguas dos rios e dos lagos remotos num sertão de ante o qual a sua visão de Artista, como um Orelí de sonho, se alarga e se aprofunda.

Quando appareceu “Os Sertões” o indigena literario foi tomado de assalto. De onde vinha esse moço? Qual o cadinho que apurou a sentimentalidade desse escritor, que veio assim de arrancada à crista de uma trincheira de um tataral de asas fortes a uma friacha do céu?

De chapeleira na mão, enquanto o vapor do paquete chia nas valvulas, é tarde para dizer-to. E porque a tua mão se aperta nas minhas, diz a nossa saudade e o desejo que te revolve, deixam-me, a propósito, somente evocar uma página da minha mocidade.

Era no pateo da Escola Militar da Praia Vermelha. Seguíamos em coluna, marchando em continencia à suprema autoridade administrativa do exército: — o Sr. Ministro da Guerra. Não me lembro se o velho Pedro, o imperial valetudinario, dormitava em terra pátria ou se ainda sua filha despachava em São Cristóvam. Ao ministro, ucompanhava Gaspar Martins, hoje uma memória, então uma memória também, que a bandeira historica que êle desfraldara na senado do Imperio, arrancada ao pregão do gancho, chamuscada nas pelejas de 35, êle a utirara como um trapo sem significação, agachado por trás do 3.º reinudo. famos marchando. Na correção dos uniformes e no polido das baionetes, a tropa de escol seguia numa festa, no passo firme da ordenança. Eu ia no pelotão da cauda.

De repente, um aluno destacou-se da fôrma, à frente da coluna de marcha. Tentou quebrar ao joelho a carabina e atirou-a por fim aos pés do surpreso ministro. Mais adeante ao toque de alto, a coluna parou; a outro toque, fez-se em linha, a outro, debandou.

Quem era esse revoltado?

No laço de ferro que enlaçava esses soldados, quem o partiu assim num repente?

O mesmo que dezeseis anos depois, na submissão geral do pensamento nacional a velhas fórmulas, no cansado tradicionalismo social-político que nos comprime, na velha cadeia de disciplinaadas conveniências que nos aflige, surgiu com esse livro, diante um país, a Autoridade

e o que é mais diante o Poder Armado, para dizer com sinceridade a fraca constituição de um país, a incapacidade dessa autoridade e os crimes e as fantasias desse poder armado”.

* * *

Francisco Escobar é, ao lado de Julio Mesquita, a quem devemos “Os Sertões”. Se foi o grande jornalista que proporcionou a Euclides da Cunha a oportunidade da viagem a Canudos, não fosse a ação providente de Escobar e teríamos apenas fragmentos do nosso maior livro.

Chegado a S. José do Rio Pardo para a reconstrução da ponte ruidada um mês após armada, foi Euclides visitado para logo pelo presidente da Camara Municipal, Francisco Escobar.

Estabeleceu-se entre os dois grandes espiritos a corrente de simpatia que se tornaria em pouco uma solida e estreita amizade.

Perceheu desde logo Escobar o homem com quem se defrontava e em pouco iniciou a obra inestimavel de assistencia moral e material de que tanto precisava Euclides.

Mas não teria escrito Euclides *Os Sertões* não fosse a amizade de Francisco Escobar. Haverá, um dia, na história do pensamento humano, um lugar destacado para essa espécie socrática de mestres, que nada deixam de si, a não ser a impressão nos que com elles conviveram, felizes se entre estes há um Platão ou um Xenoc-

fonte. E a espécie de Trapa intelectual a que se refere Nabuco, a propósito de Tautphocus.

Era um homem, não modesto, porque era humilde. Ruy Barbosa, que com êle conviveu, chamou-o "eruditeísmo e doutíssimo". Baptista Pereira, que herdou essa amizade e admiração, disse dêle: "cabeça de Salomão". E Waldomiro Silveira: "esse assombro de engenho, de cultura e de bondade". Não tinha um diploma, mas sabia tudo: arte, ciência, literatura, história, paleografia, política, direito e tudo isso com humildade e timidez, quasi desculpando-se de saber tanta coisa, numa curiosidade insatisfeita e multifôrme.

Perceheu Escobar o homem que encontrava e prepara-lhe, providente e providente, um ambiente de estímulo e de carinho. Ao mesmo tempo que armava, uma a uma, as peças da ponte, num assombro de economia e de técnica, ia Euclides compondo as páginas magníficas, muitas vezes na própria barraquinha ao lado da ponte. Aos domingos reunia-se um grupo de escol: Adalgizo Pereira, Waldomiro Silveira, Lafayette de Toledo, Humberto de Queiroz, Jovino de Silos, José Honorio de Silos, com quem se deu o episodio conhecido do estouro da boiada. Sôbre todos, requintando no cuidado, no carinho, velava o santo amigo. Foi pessoalmente à Câmara de Casa Branca buscar a Flora de Martius e traduziu o latim a que era Euclides estranho. Livros não lhe faltaram. E a tudo acudia a sua esplendida erudição. Euclides, pode dizer, entre agradecido e comovido: *"foste o meu melhor colaborador d'Os Sertões,*

neste ermo de S. José do Rio Pardo". Pronto o volume, que deixou de ser apenas o relato de campanha de Canudos para ser o maior livro brasileiro, ainda Escobar conseguiu um sargento da polícia para passá-lo a limpo, em boa grafia. Terminada estava também a ponte. Euclides construiu junto a um dos pilares uma ilha artificial e, à maneira do arquiteto de Herculano, românticamente, quis ficar sob a ponte, para ser esmagado, se ela ruísse...

Nesta cidade, fundou ele, com Francisco Escobar e Paçoal Artese, um partido socialista, avançado para a época, cujo manifesto este ainda possui. Ao retirar-se, foi-lhe prestada carinhosa homenagem e S. José do Rio Pardo é a Meca de euclidianismo, cidade única do Brasil no culto a um grande pensador e que conserva como relíquia e monumento local a tosca barraquinha, hoje protegida contra a destruição do tempo.

* * *

Coelho Netto relata, em "Livro de Prata", o seu primeiro encontro com Euclides.

"Foi na manhã de 1 de novembro de 1902, em Campinas.

Trabalhava eu na pequena sala de visitas da casa que, então, habitava, à rua Francisco Glicério, sala em que me instalara com os meus livros, quando me apa-

receu Cesar Bierrembuch anunciando-me, desde a porta, Euclydes da Cunha.

Levantei-me de golpe e, d'olhos altos, para fitar em face o gigante fui, a subitas, surpreendido por uma voz áspera, um tanto rouca, que me saudava com simplicidade.

— Bom dia!

Baixei o olhar e dei com um homenzinho seco, mal enjorcado em andaim de brim escuro, sobraçando um rôlo; rosto moreno, arestoso como fulquejado em vinhático, queixo energico, olhar duro, que passara por baixo de meu raio visual e, diante de mim, militarmente apurado, como em continencia, encarava-me hostil.

Pasmei! Quê! Pois era aquilo o titan, o escritor pujante cujos artigos tanto e tão alto repercutiam?

Era aquele o camiukeiro infatigavel e destemeroso que palmilhava as asperrimas estradas sertanejas, amigo das selvas e das montanhas, contemplador enamorado dos rios largos e das lagôas melancolicas, que tanto lamentava a destruição das florestas reclamando, a brados, proteção para as velhas arvores vitimas do machado e do fogo?

Era aquele tamanino o heroe que partira com as forças de Artur Oscar e acompanhara para, mais tarde descrevê-la no seu poema epico, toda a campanha fratricida, na qual só houve um triunfador, que foi o homeride: êle! Era aquele o que, ainda aluno da Escola Militar, affrontara, com um gesto igual ao de Camilo

diante de gaulês, o Ministro Tomaz Coelho? Era aquele o Euclides da Cunha?

Sim, era aquele.

Abri-lhe os braços como a velho amigo, sentei-me na rede, ofereci-lhe a minha cadeira de trabalho e entabulamos conversa. Em dado momento, porém, como de habito, levantei-me para apanhar na mesa de trabalho o pôte de fumo. Tornando à rede achei Euclides de pé, sombrio e, logo, estendendo-me resolutamente a mão, disse rispido em tom soturno:

— Adeus!

Estranhando tão insólita mudança, olhei-o aturdido, olhei Bierrembach e, intrigado, perguntei:

— Que há?

— Nada. Preciso sair. São horas de trabalho. Voltarei outra vez. Adeus.

— Mas não veio ler-me umas páginas?...

— Sim... depois. Outra vez.

Insisti, roguei. Tudo em vão. E foi-se, hirto, cabeça alta, batendo fortemente os tacões. Dei d'ombros. E encostado à mesa, enrolava vagamente, preocupadamente um cigarro quando ouvi uma casquinada fôra. Era o riso estardalhante de Bierrembach.

Cheguei à janela. Lá iam os dois: Bierrembach, parando de passo em passo, dobrando-se esgargalhadamente; êle inflecto, pisando duro, com o rôlo debaixo do braço. Uma hora depois o ardoroso tribuno reapareceu e, entrando de esfusiate na minha sala, deixou-se cair na rede a rir, a rir em desbordo, até as lágrimas.

— Que é? perguntei desconfiado.

— Não imagina! Sabe por que êle se foi naquele repente?

-- ?

— Por causa do pote de fumo.

— Do pote de fumo?...

— Sim. Convenceram-no em S. Paulo (algum trocista) de que você, quando se quer livrar de importunos, vale-se desse pote. Toma-o, põe-se a fazer infundavelmente um cigarro e...

— Eu! Ora essa! Que idêia!

— É verdade! Parece incrível que um homem como Euclides caia em esparrelas tais. Pois, meu amigo, saiu feroz e não houve convencê-lo...

“Que sim! Que você o despedira com o pote. E atirou a culpa para cima de mim, porque o obriguei a trazer tamanha maçugada de originais.

“Pois de certo... O homem tem razão. Entrar-lhe um canhestro, como eu, pela casa dentro com um bacamarte destes debaixo do braço... Agarrou-se ao pote. Fez muito bem. Eu faria o mesmo”.

— E agora! exclamei desolado.

— Agora... Deixei-o mais calmo. Escreva-lhe você umas linhas para a Pensão Pinheiro. Insista com êle para que volte à noite. Essas e que tais rebentinas são-lhe frequentes, mas passam. É agreste. Fruto selvagem, de apparencia hispida; descascado, porém, no âmago é um favo. Enfim... Tente. Pôde ser.

Fiz como me aconselhou o grande tribuno campineiro e, à noite, Euclydes tornou apaziguado, com o rôlo, mas muito reduzido; um capítulo apenas.

Leu-mo em voz pausada, monótona, lançando, de vez em vez, d'esguelha, um olhar escabriado ao pote. E eu, para não perturbá-lo, privei-me do cigarro enquanto durou a leitura.

Terminada que foi, enrolou as páginas, amarrou-as e, indo e vindo ao longo da saleta, pôs-se a falar do sertão e do sertanejo, envolvendo no mesmo espanto o meio e o homem: a terra maninha e adusta, atascada em ipueiras, cadáveres de lagoas, armada de cardos, juremas e manducarús, espinhais e agaves em panoplias de espadas serrilhadas, ardendo em montas causticas de urtigas, com estridor perene nas caatingas do chocalhar raivoso das cascaveis.

Com que largueza de traços êle desenhava a imensidão deserta, ora rasa, em planura amarelenta e seca na qual avultam rochedos nus, disseminados, semelhando, à distancia, um rebanho profugo de elefantes, ora eriçada em alcantis, espigada em penhascos arestosos, vertebrada em muralhas escalonadas, a um só lado ou aos dois, em paralelas, apertando desfiladeiros e tudo, terra e rochas, ardendo a um sol implacavel, sol de flagelo, diante do qual tremem, em vibrações electricas, o ar, o solo, a macega, o penedio e os olhos, por vezes, instantaneamente, escurecem em cogneira queimados pela fulguração".

Vicente de Carvalho, interrogado sobre como conhecera Euclýdes, respondeu que, por ocasião de seu desaparecimento, procurara recordar-se e não o conseguira. Tinha-o na memória de longa data, dos tempos da propaganda republicana e ficára-lhe na intimidade desde logo.

A amizade entre eles fôra sempre fiel e constante.

Levantou-lhe Euclýdes a candidatura á Academia Brasileira pela primeira vez em 1904 e da Amazonia se afflige pela possível derrota do amigo. Em 1908 patrocina-lhe de novo a investidura acadêmica, triunfalmente vitoriosa.

Vicente, por sua vez, na recordação do amigo desaparecido, tinha-lhe a imagem no seu gabinete de trabalho, em Barão de Tatuí.

Recordou-o nesta pagina comovida.

“Euclýdes da Cunha, illustre autor dos Sertões, e pessoalmente muito conhecido aqui, onde viveu algum tempo, e de onde ha meses saiu para chefe da Comissão Brasileira de limites com o Perú, seguiu doente, dizem os telegramas, de Manaus, para o Alto Purús.

O fato de ter seguido, apesar de doente, não indica, infelizmente, para quem o conhece bem, que a sua doença seja sem gravidade. Porque Euclýdes leva até ao exagero o sentimento do dever, e realiza a hipérbole dita por um estudista da monarchia no velho Senado do Imperio: “Só há uma desculpa plauzível de não se comparecer em certas ocasiões: é a certidão de obito”.

Vimo-lo em condições bem difíceis, tentando cumprir a todo transe um dever bem duro... Tínhamos sido surpreendidos na ilha deserta dos Buzios por um famoso temporal caído à boca da noite. O pequeno Alamiro, um rebocador, que lá nos levára e lá nos esperava, passara a noite de fogos acesos, pronto a fugir do seu abrigo estreito, onde a furia do mar ameaçava a cada instante esmagá-lo nos costões... Antes de clarear o dia, repetiam-se os apitos do rebocador, chamando-nos. Nós estávamos no alto de um morro, a oitenta metros acima do nível do mar; e não podíamos, no escuro da noite, que o temporal da chuva em torrentes fazia mais escura, descer a íngreme escarpa e atravessar o aspero costão, que nos separavam do mar.

Aos primeiros clarões do feio dia que raiava, descemos. Conseguimos, encharcados da chuva e dos borrisos das ondas, chegar ao Alamiro. E, largando o seu perigoso abrigo, uma remançosa enseada que a furia do oceano violara e pusera a perder, o pequeno Alamiro meteu valentemente a prôa no mar largo e no temporal desfeito que esbravejava e rugia.

Euclides tinha a incumbencia official de visitar a ilha da Vitoriu, mais ao largo, e que aparecia, no horizonte carrancudo, através da chuva que caía, como uma mancha cinzenta e lúgubre. Mandou aproar para a Vitoria.

Logo ao sair da enseada, o pequeno vapor começou nos bolcos. Tínhamos de segurar-nos aos varões de ferro para não sermos atirados ao mar, varridos pelas ondas

que entravam pela prôa do Alamiro e iam sair-lhe, espumantes e mugindo, pela pôpa. A cada passo, o rebocador subia, vagarosamente, — como por uma montanha acima — por uma onda enorme que lhe viera ao encontro; e chegado ao cume, na rapidez da propria marcha e do movimento da vaga em contrario, precipitava-se, como uma flecha, com a prôa quasi em rumo vertical ao fundo do mar...

Euclides, pouco afeito ao oceano, pelo qual sente verdadeiro pavor, conservava-se palido com os olhos fixos na mancha longinqua e meio apagada que designava no horizonte e na solidão do mar a ilha da Vitoria.

O mestre do barco, um velho lobo do mar, que neste se creara como marinheiro da armada nacional, veio a custo, aos trambolhões, agarrando-se por onde podia, dizer a Euclides que a ida à Vitoria era um perigo, contra as aguas e contra o vento, com aquele mar e com aquele tempo.

Ninguem sabe, dizia êle, o que vem atrás do temporal... O que já está aqui é grande; mas não se sabe si lá nos pegará mais bravo ainda..."

— "A ordem é ir a Vitoria, é preciso que vamos!" respondeu Euclides, aterrado, com os labios franzidos, os dentes cerrados.

O temporal continuava; e tocado dele, o mar cada vez mais colerico, cada vez se encapelava mais, sacudindo e rolando o Alamiro como a uma casca de noz, entrando e saindo por êle ferozmente, levantando-o sobre mon-

tanhas e precipitando-o ao fundo de verdadeiros vales formados entre duas ondas...

E o Alamiro, obedecendo às ordens inflexíveis de Euclýdes, avançava para o largo mar, penetrava cada vez mais no temporal e no perigo...

Afinal a situação tornou-se grave. O mestre veio novamente procurar Euclýdes, e declarou-lhe isso mesmo. Havia risco, e risco iminente, em continuar aquella róta inflexível. Tornava-se urgente apróar para S. Sebastião, dando costas ao mar e ao vento, e demandando a segurança dum porto abrigado... Se continuássemos era muito possível que numa daquelas descidas vertiginosas em que o vapor se precipitava entre duas ondas, não conseguisse ressurgir...

Só diante dessa declaração categorica Euclýdes cedeu. Deixou-se vencer. E, ainda assim!...

— *“Si eu morresse, dizia-me êle, tinha uma bela morte, a morte no cumprimento do dever. A sua é que seria estúpida; morrer num passeio...”*

Creio que foi por essa razão, de ir ali, a passeio, quem escreve estas linhas, que não morremos. Si o que escreve estas linhas também fosse cumprir deveres, adeus nossas encucumendas! Tínhamos morrido honradamente, e belissimamente.

Qual será a doença de Euclýdes, ile que dão noticia os telegramas, e que não impediu de seguir para as longinquas, as fundas regiões do Alto Purús?

Nenhum juizo podem formar os amigos que o conhecem bem... O que podem é dizer connosco, repetindo o bellissimo voto do poeta:

Deus acompanhe o peregrino audaz..."

* * *

Da mesma época e da mesma intensidade a amizade com Reynaldo Porchat.

Oliveira Lima conheceu-o pelo "Os Sertões", quando o recebeu no Japão. De regresso ao Brasil encontraram-se na Academia e foi intermediario junto a Rio Branco da sua candidatura á missão do Alto-Purús.

"Eu não conhecia Euclýdes da Cunha, nem pessoal nem literariamente, até que no Japão, em 1902, em ocasião em que eu veraneava perto do vulcão fumegante do Asaiama, recebi da casa Laemmert o volume dos "Sertões". Li-o, não de um trago, mas de muitos tragos, porque não é muito facil a absorpção daquelle licor acre e enebriante. Não sei se influido a sugestão do meio, achei o livro vulcanico, isto é, impetuoso e explosivo: interessante, porém, e sugestivo ao extremo. Pareceu-me uma verdadeira revelação literaria, a mais notavel que eu jamais presenciaria em minha terra.

Quando cheguei ao Rio, em 1903 meu voto estava lhe dado de antemão para a vaga na Academia a que elle se propunha. Tive com effeito o ensejo de concor-

rer para a sua entrada triunfante no nosso gremio. Dattam daí nossas relações, que foram para mim um encanto e são hoje uma saudade. Vimo-nos desde logo com frequência, assim que êle veio ao Rio apresentar-se aos confrades e, por intermedio de José Verissimo, fui eu quem pouco depois o fez por seu desejo escolher para a comissão do Alto Purús. Aliás o senhor Barão do Rio Branco acolheu pressurosamente o ofrecimento.

Pagou-me Euclides generosamente o pequeno serviço que o era antes no país, pando-me em relações com esta folha, onde êle colaborava e onde quis que eu colaborasse tambem. Encontrei-me por iniciativa dele no Guarujá com Julio Mesquita e desse encontro nasceu esta para mim gratissima associação com o grande órgão paulista, que tão elevado papel civico e cultural desempenhu no jornalismo brasileiro e ao qual sou devedor da mais franca e agasalhadora hospitalidade.

Em sua ida para o Alto Purús, Euclides desembarcou em Pernambuco e juntos visitamos Olinda que êle tinha grande empenho em conhecer, no seu crescente apego às tradições nacionais desde que tão vivamente, tão impressivamente retrutara no jagunço a nossa mais autentica e mais desamparada população nacional.

Eu proprio parti logo depois para Venezuela e entre nós se estabeleceu uma correspondencia regular, espelho de uma crescente amizade a que servia como que de traço permanente de união a ligação de cada um de nós com o "Estado". Euclides nunca deixou de considerar este como o "seu" jornal, sua redação como a

“sua” casa intelectual e politica, no sentido mais amplo da palavra: isto mesmo depois que passou a escrever frequentemente no “Jornal do Comercio”, onde foi tido na mais alta estima”.

“Foi este precisamente o aspecto nacional por que o enxergou e louvou o senso critico do senhor Jaurès, nutrido da concisão e do bom gosto que fazem a sedução da literatura franceza. Euclides da Cunha pareceu ao antigo professor de retórica que a politica roubou às letras sem lhe auclar o intellectualismo nem lhe amesquinhar a intellectualidade, o mais brasileiro dos nossos escriptores. O senhor Jaurès viu bem, viu com a clareza, a lucidez mental do seu país aquilo que Afranio Peixoto apontou na sua frase exacta, chamando Euclides o primeiro bandeirante dessa “entrada” nova pela alma da nacionalidade brasileira”.



A amizade de Domicio da Gama teve a mesma origem, conforme relata na ultima pagina que lhe saiu de sua pena delicada e suave de artista.

“Segura e dedicada como foi, minha amizade com Euclides da Cunha não terá durado mais de cinco anos. E não foram as letras, foi o serviço do Brasil que nos aproximou. José Verissimo pedira-me que obtivesse do Barão do Rio Branco para o autor dos “Sertões” um lugar de auxiliar numa das comissões de exploração do

Puriús e do Juruá, creadus por uordo entre o Brasil e o Perú em 1904 afim de definir-se honesta e lealmente o litigio territorial entre os dois países naquela região. Acompanhei Euclýdes uma noite, depois do jantar, à casa do Barão, em Petropolis. Deixai-os conversando às nove horas, o Barão sentado à mesa, entre as duas janelas do quartinho que lhe servia de escritorio, dando sobre a estrada sossegada da Westphalia e o Piubunha rumoroso em baixo; Euclýdes pousado incomodamente sobre uma cadeira pequena, respeitoso, comovido e tímido, como um estudante em hora de exame. Não é que o Barão o examinasse. O Barão conversava, contente de encontrar quem o entendesse e partilhasse o seu interesse pelos assuntos que lhe eram caros, de fronteiras, de relações internacionais e da historia diplomatica do Brasil, em que aquelle engenheiro militar parecia bacharel seuão doutor. Às dez horas, voltando com um papel, encontrei-os na mesma posição, discreteando quietamente; o Barão sempre despretencioso e lhano, despreocupado de efeitos, sem uentencia nem gestos, apenas uma pena tomada distraidamente e logo deixada cair sobre as rumas de papeis que lhe atulhavam a mesa, ou o caiduloso accender do cigarro de palhu, que se lhe apagava frequentemente; Euclýdes parecendo cada vez mais intimidado e mal à vontade, como se o oprimisse o respeito que lhe inspirava desde o primeiro momento aquelle grande homem publico, tão bondoso e simples, mas tão pouco familiar. Às onze horas vii lembrar-lhes que a porta da casa de seu primo Urbano de Gou-

vêa, onde devia dormir, fechava-se às dez horas, e ofereci-lhe um quarto para passar a noite na minha casinha ao pé da do Barão.

Conversámos até às duas horas, e não fomos além porque tínhamos de levantar-nos às seis da manhã. Conversámos de literatura, está claro. Euclides sabia tudo. Sabia o que eu sabia em letras e mais toda a sociologia e a economia e a política de um pensador enciclopédico. Era a realização do verdadeiro homem de letras reforçado por um sabio, que Fichte preconizara. Mas sua erudição científica não pesava, não era pedantesca: os fatos positivos eram para ele apenas como o lastro de segurança da sua imaginação ambiciosa, estuante. Foi bom que seu espírito tivesse recebido da cultura matemática a disciplina da prova. Ouvindo-o tinha a gente a confiança de que ele não arriscaria asserções improváveis e a conversa ganhava com a impressão que dava sua perfeita honestidade mental. Honestidade e respeito são traços gentís do caráter de um pensador com expressão. As suas qualidades tão humanas e que nunca serão cultivadas demais no trato entre os homens, Euclides jurava o poder de admirar. Admirava conscientemente, criticamente, inteligentemente, e era o seu prazer máximo acompanhar na análise das páginas que duram a experiência, interessante sobre todas, dessa química das idéias em presença dos fatos, que entra na criação das obras primas. Era então que era simpático, dessa simpatia juvenil, natural e simples, que atrac afetuosamente

e que em tons e graus diversos só encontrei em poucos amigos brasileiros e estrangeiros.

Algumas semanas mais tarde foram publicadas as nomeações do pessoal das comissões de exploração e, em vez de auxiliar, Euclides foi escolhido para chefe da exploração do Purús. O Barão o aprovára com distinção.

É sabido como bem se desempenhou da comissão ardua e penosa, que terminou seus trabalhos antes da do Juruá e que não foi provada pelas febres da região. Euclides mesmo só veio a adoecer em Manaós. Possui durante alguns anos um exemplar do relatório confidencial dos trabalhos da comissão apresentado por ele ao Barão do Rio Branco e que está no arquivo de limites do Itamarati. Por êle se vê que o escritor tumultuoso e ardente era também um tecnico notavel e, o que é mais chefe consciencioso e capaz.

O Barão o retve no Ministerio como cartografo e auxiliar tecnico do seu gabinete. Estava encaminhada e aproveitada da melhor maneira a actividade de Euclides da Cunha. Data desse tempo o seu *Perú versus Boli-
via*, que, escrevia-me êle para Lima, ao mandar-me o livro, não sòmente se inspirava do culto da verdade e do direito, mas era tambem vagamente a defesa dela contra êle. Euclides era cavalheiroso. Assentava-lhe tomar partido pela causa menos bem defendida, ainda que lhe sobrassem direitos. É em presença de tanto saber historico no serviço de uma arguta e rigorosa dialéctica que o hubilitava para ser um mestre em trabalhos dessa natureza, a gente ainda mais lamenta o drama

escuro que o destruiu em pleno vigor e abriu nos serviços nacionais um claro que ainda não foi preenchido.

A consternação expressa no telegrama para a Legação em Buenos Aires em que o Barão me anunciava a morte de Euclides significava talvez o pesar da perda do colaborador precioso, cujos trabalhos enriquecem o arquivo de limites do Itamarati, mas dizia certamente a infinita piedade que lhe inspirava a agonia de uma alma honesta e limpa afogada em vergonha e indignidade. Euclides era um amigo tão seguro e de trato tão suave, na sua singeleza afetuosas! Não tinha rancores, como se fosse superior ao odio, e essa serenidade do sentimento purificado pelo entendimento, que não reconhece culpas e em tudo só enxerga relações entre causas e efeitos, contrastava com a veemencia febril e trepidante das suas admirações. E' assim a psicologia dos santos: adorando o bem, ignorando o mal.



Firmino Dutra encontrou-o em Mauáus, companheiro que era de Alberto Rangel, na encantadora Vila Glicinia, onde o acolheram com carinho e afeto, conservando pela vida afora, como condecoração esta amizade inesquecível.

"Conheci Euclides da Cunha em Mauáus, em começo de 1905, quando ali aportara como chefe da comissão de reconhecimento do alto Purús. Morava eu a esse tempo com Alberto Rangel, num chalet rustico e roman-

tico perdido na Vila Municipal, lá para as bandas do reservatório do Mocó, e ali se fôra hospedar o autor dos "Sertões".

Minha amizade com Alberto Rangel vinha da Escola Militar da Praia Vermelha e tornára-se mais íntima e plegada, quando em junho de 1904 um grande acaso nos defrontou no Alto Juruá, à boca do rio Mõa, uma das mais longinquas e desconhecidas regiões do Brasil. O grande escritor descia o rio, doente, em consequencia de longa estada no Juruá-mirim, onde fôra medir e demarcar os seringais do famoso tenente José Lucas Barbosa, um dos formidaveis pioneiros que desbravaram, conquistaram e dominaram os altos rios amazonicos que quasi tocam o lendario Urubamba e recebem rajadas frigidias dos Andes. Eu ali estava fazendo parte da expedição militar enviada para reocupar, mesmo à força, como se deu, um setor do territorio nacional, a embocadura do rio Amonea, invadido por forças peruanas.

O último capítulo do "Inferno Verde", que aliás deu o nome ao livro tão discutido, relata o encontro do engenheiro Souto e do jovem alferes-aluno, que outros não eram senão o proprio Rangel e o autor destas reminiscencias.

No primeiro periodo de sua estada na capital dos barés, Euclides ora residia no escritorio da Comissão, em preparo de marcha para o desconhecido, até então afrontado apenas pelo heroico caboclo Manoel Urbano, ora permanecia na "Vila Glicinia", em busca de repouso para seu espirito já trabalhado por visivel sofrimento

íntimo. Os amigos que o acompanharam por esse tempo puderam avaliar a enorme energia daquele homem de imaginação e de sensibilidade, para recalcar dores imensas e organizar uma expedição de caráter científico e diplomático, que se anunciava preñhe de dificuldades e acidentes. Era notavel sua preocupação pelo resultado da incumbencia que recebera, nascida de conflito serio com o Perú, que podia tomar rumo mais ameaçador, deante de qualquer desentendimento das comissões mixtas enviadas pelos dois governos para explorar os rios Purús e Juruá, pontos cruciais da questão.

Quando em abril Euclides terminou os trabalhos preliminares de troca de poderes, das copias autenticas das instruções e da mobilização do material de toda especie para singradura alongadissima de mais de 3.000 quilometros, estava exausto e profundamente impressionado por ter de iniciar a marcha para a frente em estação desaconselhada, com a vasante dos rios quasi à porta. Seu memoravel Relatorio, publicado em 1906, o sua correspondencia de então, delatam esta contingencia no homem de saber e de observação, que de tudo perquiria e se informava.

Os tres meses passados em Manãos deram a Euclides um manancial opulento de conhecimentos da região que ia ilustrar com sua presença. Estudára os documentos preciosos que se encontram na biblioteca do Estado e nos arquivos do palacio do governo e delectreára com paciencia e tenacidade de beneditino, os mapas, desenhos e roteiros que particulares estudiosos e a Diretoria de

Terras guardavam como prova da intrepidez dos exploradores nacionais e estrangeiros, que desvendaram esse mundo novo, esse quasi continente que é a Amazonia da margem direita do Solimões até o sopé dos Andes. Data de então sua comovida admiração pela obra de conquista de Manoel Urbano, o verdadeiro desbravador do Purús, e sua veneração por William Chandless, o geografo inglês que varou o rio divagante, consoante seu dizer bizarro.

Encerrada essa fase delicada de organização, que naquela epoca exigia cuidados e precauções de todo genero, rumou o grande escritor com sua expedição para as paragens quasi ignotas do alto Purús, no extremo limite dos manadeiros que o formam pelo desgalhamento meridional do Urubamba e do Madre de Dios.

Quatro mezes de perseverança e de sofrimentos foram necessarios para a comissão brasileira atingir seu objetivo, pisando terras só então palmilhadas por alguns caucheiros cujas proesas ainda pairam no silencio de miseria da Amazonia, como a rememorar o periodo heroico da riqueza e das arrancadas contra o deserto fascinante.

Foi nessa exploração tormentosa e cheia de riscos que a insidia de uma navegação precaria oferece ao conquistador destemeroso, que Euclýdes compreendeu melhor a Amazonia aggressiva e misteriosa, cujos dias se dilatam ao sol causticante e cujas noites atroadas pelo tumultuar da vida multiforme, despertam ansia e pavor. Vencendo o grande rio e dando ao Brasil sua posse defi-

nitiva, assentada pela sua capacidade de notável profissional, o autor dos "Sertões" escreveu o terceiro e mais empolgante capítulo de sua gloriosa vida de cientista e patriota. A campanha do Purús na grande tragedia silenciosa de cada dia, marcada pelo decio declinar das aguas, que deixavam à mostra as cachoeiras erias erigidas de rochedos e tócos traiçoeiros, assemelhou-se muito ao cerco de Canudos, quando faltava alimentação e a tropa se sentia combatida pela fome e pelo arremetimento indomito dos jagunços. Não recuou, porém, não abrandou o garrão, no grito bravo do chefe militar.

Jú na última investida, quando chegava ao varadouro, que define a mais meridional das nascentes do Purús, foi a expedição já esgotada em suas ultimas reservas de energia, assaltada pela falta absoluta de viveres; o que obrigaria a deixar inexplorado o último rincão escondido à curiosidade patriótica do grande brasileiro. Era uma situação dramática e angustiada, desenvolvendo-se no seio da mais remota e assustadora floresta, que cerca de sagrado recato o berço dessas caudais famosas que enchem as páginas de nossa historia nas questões de limites com alguns vizinhos: Purús, Juruá, Javari. Tal como assistira e depois narra, apresentava-se a Euclides o momento decisivo: avançar e talvez sacrificar-se, mas vencer e sustentar bem alto o nome brasileiro; ou recuar, certo de salvar-se e os companheiros, mas deixar sem o último e glorioso arremete a missão honrosa e difícil que o Brasil lhe cometera. Não hesitou o homem, que com "Os Sertões" afrontara o sen-

timentalismo nacional; marchou para a frente e lá deixou o varadouro do Corujá, só antes palmilhado pelos índios de um truculento cauchero assignalado, para sempre, a passagem do pequeno pugilo de homens guiados pelo estoicismo, pela constancia e pela fé inamolgavel. Ganhára a expedição brasileira a longa e difícil batalha; dominára o grande rio; conhecera seus meandros e estirões, seus jatos e paranás e fechava com o último episodio o ciclo lendario de sua historia.

Dava no Brasil, naquele setor limites certos, posse definida e definitiva de seu territorio, concorrendo assim para uma nova era de amizade e confiança, de paz e de tranquillidade no continente, que acabava de ser surpreendido com o nosso duplo dissidio na bacia Amazonica; no Acre, com a Bolivia; nos grandes rios que descem das linhas do Ucayale, com o Perú.

É este talvez o mais nobre lance da grande vida heroica deste homem singular, que sobranceia o panorama brasileiro, como aquelas figuras aureoladas de que fala Paul Saint Victor nas "Duas Mascaras". Enfileiron-se Euclýdes entre os nossos maiores exploradores e reviveu, lá nos ultimos recantos onde ainda são o verbo da nacionalidade, o perfil lendario do bandeirante. Nas horas terriveis, em face dos peruanos bem providos e prestes para o avanço final, Euclýdes plasmou-se na alma daquele Raposo Tavares, conquistador, descobridor e vanguardeiro do Brasil no oriente Amazonico.

Realizado o objetivo que era segundo as instruções, fazer o reconhecimento do Purús até o Cataí e daí para

cima levantamento expedito e determinação das coordenadas de seus afluentes incluindo os varadouros do Ucaiale, nada mais restava à comissão brasileira senão regressar a Manãos, onde devia completar os trabalhos de gabinete. A dura tenacidade do chefe brasileiro, sua indomável coragem para arrostar com os azares do desconhecido, não agradaram ao chefe peruano, que via esse vasto trato da terra cisandina, até então misterioso e estranho, batido somente pelos escravizadores de índios puros e de devastadores da castilloa elastica, desvendado à civilização e conhecido pelas autoridades do país vizinho rival na posse da areia explorada. As cartas de Euclides ao amigo que ficára em Manãos e suas confidências pessoais avivam os incidentes, graves alguns, que marcaram o desgosto e a irritação de seu colega, que jamais acreditára que aquele homem leão filho do sul, inapto para suportar o clima deprimente do Amazonas e celebre apenas como grande escritor, fosse a um tempo, lutador temível, astrônomo, geógrafo e explorador porfia-do e cauteloso.

Regressando a Manãos, foi Euclides residir em nossa casa e durante mais de dois meses convivemos com o homem já celebre, que se mostrava em toda a plenitude de sua natureza tímida, contemplativa e às vezes sacudida por bruscas rajadas de insopitável sofrimento. Nesse fim de 1905, Rangel achava-se na Europa em delicada missão do governo amazonense e a "Vila Glicínia" não mais abrigou dois dos maiores e mais estranhos escritores da raça.

Nesses meses de relativa tranquilidade, preparou Euclides a estrutura de seu livro sobre o Amazonas, que se denominára inicialmente "Um Paraíso Perdido", título mudado mais tarde para "A margem da Historia". Foi no amplo caramanchão do jardim emoldurado de glícinias e ipoméias rubras, que foram traçadas as primeiras páginas desse livro ainda sob a emoção do espetáculo esmagador e martirizante dessa natureza única e monotonamente formidável que é a amazonica. A morte trágica não lhe permitiu rever sua última obra, resultado da observação profunda e da admiração quasi explosiva, tão de seu temperamento, pela Hylac prodigiosa. Daí, ao certo, a razão de não se encontrar no livro um capítulo que foi esboçado, que se intitulava — "Brutalidade antiga" — e era a pintura com as fortes tintas de que sabia usar Euclides, da entrada dos povoadores para os altos rios, deixando atraz de si a devastação dos cau-chuais e sulco sangrento das caçadas aos índios.

As cartas que se seguem, tão intimamente ligadas a este período daquela vida agusta, cartas guardadas durante vinte e oito anos como documentos preciosos, que pertencem menos ao destinatário do que à historia do servidor maximo de nossas letras, mostram uma das faces menos conhecidas da personalidade de Euclides da Cunha. Publicando-as, quero prestar comovida homenagem de saudade ao amigo bonissimo, à alma feita de luz, afogada na dor e desaparecida na mais injusta das tragedias".

Com Lucio de Mendonça as suas relações vieram da publicação d' *Os Sertões*. De S. Paulo dirigiu-se ao Rio com carta de Garcia Redondo ao fundador da Academia, que o levou ao velho Massow da casa Laemmert. Deu-lhe o voto á eleição academica e lembranças e notas intimas, já nos seus dias últimos, injustos e dolorosos, dão a impressão que lhe ficou de Euclydes.

Da critica que surgiu com "Os Sertões" são as suas relações com Araripe Junior e José Verissimo. Com o primeiro foram da mais encantadora intimidade conforme a referencia, por ocasião do desaparecimento do grande escritor, no artigo "Dois vulcões extintos".

"Quando comparo Euclydes da Cunha ao autor do Atencu capacito-me de que nunca a natureza caldeou dous temperamentos tão semelhantes, ainda mesmo nas suas entrelinhas.

Obedecendo aos mesmos ideais, apesar da diferença de cultura, porque um vinha do direito e do romance e outro da matemática e da engenharia geográfica, dotados das mesmas indignações nativas, tinham ambos a imaginação por tal modo parecidas e os processos de contemplação tão aproximados, que a originalidade do primeiro em nada se diferenciava da do ultimo.

Não viam como vê a generalidade dos nacionais. Os aspectos brasileiros se lhes apresentavam sempre reveladores de uma série de conceitos que, sem perderem o cunho profundamente nativista, abrangiam o surto da

civilização européia, integrando o futuro dos povos sul-americanos.

Raul Pompéia era um poeta na extensão da palavra beletrística. Euclides da Cunha se não se apresentava com a feição exclusiva do homem de letras, todavia descobrira o fator preciso para as construções de uma nova literatura nacional.

Os seus estudos de história e geografia do Brasil; o exame das questões que se ligam às estradas para o sertão; a análise dos elementos sociais e economicos que dependem da exploração dos acidentes orographicos e da filosofia dos talweg- das grandes bacias fluviaes; a potamografia combinada com a investigação industrial das jazidas de ferro, da hulha branca e de outras riquezas ainda não convertidas em energias: os problemas de circulação; enfim, tudo quanto pode e deve constituir o preparo da síntese de que há de sair a mais bela das nações da terra, tudo isso cresceu espaventosamente no espirito de Euclides da Cunha. Esse formidavel poema social, que se preparava num dos cerebros mais fecundos da nossa raça, já aparelhado de um estilo sem rival pelo vibrante arrojo, pelo tumulto das idéias, pela inconcussa penetração, pelo tom expressivo e um fascinante apparatus, foi, entretanto, interrompido, soprado por uma bruta rajada, que nos traz ainda em estupor. Do homem restam apenas os livros escritos num periodo febril, projecto insatisfeito, e a recordação dos amigos que o prezavam tanto quanto o admiravam.

Um vulcão extinto.

Que a sua vida foi uma combustão continua, provam todos os gestos que produziu.

Recordo-me de tê-lo ouvido uma vez referir-se ao Marechal Floriano Peixoto em palavras lamentosas, que velavam um pensamento acerbo. Tinha sido editado o seu livro Contrastes e Confrontos, onde se encontra uma das páginas mais tenebrosas — que tem por título Esfinge. Depois de lida esta página misteriosa, contei-lhe algumas proposições, que estavam em desacordo com o Floriano que eu imaginava.

— E, todavia, disse êle, esse homem que me fez tremer de assombro num momento, com um gesto e uma frase incisiva de generosidade, repeliu-me de sua presença com uma tranquilidade de que sòmente os verdadeiros fortes possuem o segredo.

Tratava-se do seguinte. O Marechal ordenára a prisão do General Solon e mandara recolhe-lo à Conceição.

Pela cidade, ou antes, pelos quarteis, propagou-se o boato de que aquele militar seria fuzilado. Pode-se imaginar, dado o temperamento de Euclides da Cunha, qual não foi a sua tortura ao entrar no conhecimento dessa balela. Perdeu a calma de todo. As pernas o levavam para onde não queria; a palavra evadia-se, de continuo, para não dizer cousas erradas; o pensamento, extremunhado, percutia-lhe o cérebro junto ao alarido da consciência e ao perigo que corria a vida do seu sogro.

Era digna de ouvir-se a narração que Euclides da Cunha produzia das ansiedades que o assaltavam e o mantiveram tenso por longos dias.

O sono desertou-lhe. Vagava entre amigos e inimigos com o coração carregado de suspeitas e pavores. De tudo desconfiava; os íntimos já não lhe inspiravam inteira segurança; e acabou por julgar-se vigiado. Era o supremo espasmo que atacava a sensibilidade do seu carater.

O Marechal — e éle bem o sabia — era muito concreto na lógica de que usava. Conhecia as paixões humanas e, de preferéncia, tomava medidas contra os sentimentos paralizundo-os antes de agredir os individuos intoxicados pela renção. Caso houve em que éle denitiu um pai simplesmente porque na Armada revoltada tinha um filho exercendo posto como comandante. Era o meio logico de salvar o pai das indíscrições do amor paterno.

Certo desta feição do Marechal, Euclýdes da Cunha dirigiu-se ao Itamarati. Agitadíssimo aproximou-se de Floriano e pediu-lhe permissão para interpelá-lo.

— O Marechal — é o proprio Euclýdes quem fala — olhou-me sem proferir palavra, com aquelle olhar frio e descansado, que todos sabiam de cór. Por baixo das pupilas, porém, lobriguei uma nuvem sinistra. Julguei-me perdido. Todavia, dando um empuxão ao ultimo fragmento de energia que me restava, pronunciei-me. Disse-lhe o que corria pela cidade, e então acrescentei que reputava impossivel viver mais uma hora sob a pressão daquelle horror e de tão estranhas suspeitas. Não pense, Marechal, tornei eu com intimativa, que me apresento aqui como um vil postulante da vida de um sogro.

Devo ser franco. Para que não se iluda a meu respeito, declaro desassombradamente que não o acompanho como homem, não sou seu partidário, mas o sigo, porque defende esta Republica, que eu tambem defendo. Por honra sua, não quero acreditar, não devo acreditar — no que se anda propalando; comprehende, porém, que momento há em que de tudo posso duvidar; e desvair. A fadiga já me invade; preciso restaurar a minha tranquillidade. Floriano cerrou o semblante, contraindo o senho, com insolita expressão. Supuz que tinha errado, procurando-o. A minha ansiedade era tamanha que se encontrasse um revolver à mão eu seria um eliminado. De subito, o olhar do Marechal desanuviou-se. Até aquelle segundo elle não proferira sequer um monossílubo. Esperei a resposta com relativa impavidez. As suas palavras seriam para outro enigmáticas; para mim foram clarissimas. “Quando seu pai ainda não cogitava em procura-lo (a frase que empregou tinha forma menos austera), eu já era amigo de Solon. Pode retirar-se”. Respirei; e aí tem como esse homem, algido na expressão fisionomica, se mostrou nesse momento, aos meus olhos, acorçado num recanto de sua sensibilidade de esfinge.

Esta pequena narração basta para provar quanto Euclides da Cunha se empenhava em viver uma vida paradoxal. Nunca rastejou pelas planicies, se bem que a sua figura fisica o tornasse parecido com um selvagem em travesti ou antes lhe desse o viso do tipo de algum gouru descido do Tibet. Alma alcantilada, pre-

zava, as escarpas difficilimas. A imaginação desse artista pairava sobre as vertentes das grandes montanhas ensombradas das florestas. Não lhe aprazia o uso do microscopio. Era-lhe mais curavel examinar um mosquito, um verme do alto de uma penedia pelo alcance do telescopio do que curvar-se sobre o telonio para contar os movimentos de um insecto elmintoide. A observação subia e o incensava como um perfume. Os fatos enchiam-lhe a retina dos olhos, sem que o quisesse; porque o seu espirito pertencia mais à raça dos Carlyle, dos Landor, dos Goethe, dos Ruskin, dos Michelet, a dos Schopenhauer, a dos Renan do que a dos Anatole France.

Havia algo de medieval no espirito de Euclides. A Renascença italiana, os Medici, Machiavel, não o encantavam. Sua alma era pura demais, seu coração muito recatado para que admitisse o surto orgiatico, as paixões carnaes, e a victu dos Borgias.

Se Euclides fosse japonês, a alma se lhe encheria da inflexibilidade do bushido. Como verdadeiro samurai o autor dos Sertões trazia sobre o peito a espada longa e a espada curta; e com esta cortaria o fio da existencia, desde que se lhe tornasse a vida impossivel, sem deshonra.

Um dia tumultua-lhe o inferno na cabeça, e das regiões inferiores do instinto partiram brados sobrenaturais. Era a caverna das ansiedades, contada pelo poeta persa, que se abria. Evadiram-se então os legiona-

rios auto-demoniacos. As perversidades humanas rescaldaram-lhe a consciência do homem digno.

Começava a tragedia, que terminou pelo despecho lamentoso que melhor fôra ficasse ignorado.

Do mesmo modo que sucedera a Raul Pompeia, desconhecia como ausente as determinantes imediatas da catástrofe.

Por que, tão subitamente, Euclýdes da Cunha marchou no encontro daquela morte? Não imaginava tal hipotese senão como o cadáver apodrecido que o poeta descreve pestendo a tripulação do navio, que ignora a sua existencia no porão pouco frequentado.

Seja como fôr, o tufão da perfidia varreu mais esta vítima do temperamento artístico.

A ultima vez que nos falamos foi na manhã de 7 de agosto. Entrou-me em casa muito aflito por causa de um convite que por distração deixara de mandar a um parente meu. Notei-lhe apenas impaciencia nos gestos e nas palavras. Conversamos sobre muita coisa, principalmente sobre seus trabalhos geograficos e a edição de um livro que devia sair brevemente dos prelos portugueses.

Não se queria sentar, e para rete-lo foi preciso, mais de uma vez, obriga-lo a sentar-se. Gracejou, difundiu-se em paradoxos, e pretextando trabalho, fez diversas saídas falsas, porque havia sempre no momento uma resposta a dar-me a troco de objeção.

Referia-se ao seu concurso de lógica; a direção que pretendia dar ao ensino dessa disciplina; por fim saiu.

Mal sabia eu que aqueles olhares agudos e acesos, que Euclýdes da Cunha lançava sobre todos os objetos dignos de sua visada, esculcos e condutores do pensamento artístico que lhe consumia a alma, me apareceriam, poucos dias depois, no necroterio, apagados, completamente extintos, nas crateras das palpebras arroxeadas, — sepulcros de uma intelligencia prematuramente disciplinada, antes de haver terminado a obra que era a sua função essencial”.

* * *

Com Machado de Assis, a despeito da diversidade de temperamento, certa semelhança íntima na natureza moral de ambos, aproximou-os e nos últimos annos, a frequência à Academia.

O voto, que recebeu do romancista, ele o juntou, como condecoração, ao de Rio Branco. Mais o havia de comover a prova de alto apreço com que Machado, em 1908, na eleição para presidente, ao em vez de ir buscar alguém provector nas letras, algum dos fundadores da “ilustre Companhia”, deu o seu voto, no meio da unanimidade dos demais, a Euclýdes.

* * *

Outras amizades, a que episodios accidentais davam oportunidade, mais remotas umas como a de Henrique Coelho, seu antigo colega de collegio, e a de Alberto

Sarmento, tiveram, em momentos diversos, sua ação de presença na vida de Euclýdes.

Outras tantas vieram-lhe nos últimos tempos da consagração literária.

Miguel Calmon, Carlos Peixoto, James Darcy, Afranio Peixoto cercaram-lhe os últimos dias de enternecida admiração.

Este, por mais de uma vez, o atendeu na sua angústia e na sua sensibilidade.

A 20 de Janeiro de 1909 vai Euclýdes em visita a Calmon, com quem morava Afranio. Viu no escritório deste o bronze conhecido, caricatura de Darwin: um macaco a examinar um crânio humano. Euclýdes encanta-se pela escultura e examina-a, admira-a, elogia-a. Afranio pensa em oferecer-lh'a, mas vacila e espera que ele se retire para consultar Miguel Calmon. Este aprova-lhe a idéia, com a circunstancia feliz de ser aquele dia aniversário de Euclýdes e Afranio Peixoto envia-lhe o bronze desejado, recebendo à tarde, entre grato e comovido, a visita do amigo, para dizer-lhe que se o tivesse feito no primeiro instante ele não o poderia receber. De outra feita, nos últimos dias embates da sua via-crucis, é o proprio successor dele na Academia quem nos conta, encantadoramente:

"Um dia, na minha casa de rapaz, nas Laranjeiras, onde morava com amigos, chamou-me um deles, Carlos Peixoto Filho, cuja memoria é tão cara ao meu coração, como o devêra ser à consciência dos brasileiros.

e disse-me que aí estava Euclides da Cunha, então em trabalho de concurso no Colégio Pedro II, ameaçado pela inveja e pela incompetência, até de ser reprovado. Tão agitado se mostrava, aludindo a que não resistiria a tamanho golpe, que a idéia sinistra passara pela cabeça de Peixoto e o alarmara na contradita indireta, respondida por Euclides com aquela firmeza que denunciava proposito tomado. Sabendo de minha enternecida admiração por êle, chamava-me para o desconvenecer, com o meu coração, pois que não conseguiria sua razão mesma, entretanto a mais persuasiva que a vida já me deu a conhecer.

Inspiron-me o sentimento o caminho curto e direto para tocar o outro. Comecei chamando-lhe a atenção para essa confusão absurda de seu espirito. Quem fazia naquele momento um concurso de Lógica, era um pobre pai de familia, necessitado de estipêndio para a abastança do seu lar, e não o autor d'“Os Sertões” e de outras e futuras obras primas: êste era inacessível a todas as reprovações dos ginásios, faculdades e academias reunidas do Brasil. Caso a conjura do despeito e do odio lograsse o seu infernal designio, tinha Euclides direito e razão em colaborar com êles, porque ofendiam a um, tirando-lhe o premio às suas provas de capacidade, matando o outro, que só teria por juiz a posteridade, e subsistiria imarcessível, na admiração dos vindouros, quando todos passássemos, mais que se vingavam na inveja, bons que lhe imploravam não ajudasse a maldade com um ato irreparavel. . .

As palavras não seriam estas; mais longas, mais desataviadas, certamente, mais comovidas, e por isso alcançaram. Vimo-lo que se levantava, transfigurado, abraçando-nos numa exaltação aliciada de quem se liberta de um pesadelo. Não, não era a Euclýdes da Cunha que êles atingiriam; este, ainda não estava em julgamento, no "Paraiso dos Mediocres" que um dia estigmatizára...

Semanas depois, não essa, que felizmente se dissipou, mais outra danada conjuração, desta vez da ingratidão e do oprobio, matava-o finalmente..."

* * *

Faltam a estas cartas a reciproca e, por isso, este livro não é, rigorosamente, uma correspondencia.

Faltam ainda a esta coleção muitas mais que devem existir por certo nos arquivos de Rio Branco, Gastão da Cunha, Afonso Arinos, Waldouiro Silveira e outros mais. É de esperar que aqui possam ainda figurar um dia.

As que lhe escreveram os seus amigos desapareceram na dispersão inevitavel de sua vida e na perda irremediavel de seu arquivo.

Mas são as cartas de Euclýdes, por certo, as mais interessantes, acompanhadas das anotações esclarecedoras, muitas de autoria de Fernando Nery.

Delas disse Alberto Rangel: "São paginas à vontade, das mais brilhantes e sinceras. Não dizem tudo,

porém. Ha dôres e nauseas que ele guardará consigo para sempre. Nelas imprimem-se rastejos no desconforto da indiferença, debates em situação subalterna e adicripticia, anceios uas amarguras da luta, desalentos repentinos, arrebatamentos desconexos e confrangimentos na apparencia pueris...”

A leitura comovida destas paginas revelando a muitos um Euclýdes inedito e das mesmas dimensões do outro, ha de permitir na expressão de Alberto Rangel a impressão do entreabrir das flôres de um jardim de emoções, aspirando e comprehendendo-lhes a forma, o perfume, a côr...

Rio, 30-VI-1938.

F. V. F.

Antes d'“OS SERTÕES” não só não
será abundante a correspondencia de
EÜCLYDES DA CUNHA, como pou-
cas foram as cartas que se puderam
recolher.

(s/d.)

(1) Accitando o seu convite, espontaneamente feito, para ocupar um lugar no proximo Congresso Constituinte do Estado, faço-o principalmente porque ele partiu de um velho companheiro de lutas que, conhecendo-me desde menino, sabe perfeitamente que eu seria incapaz de accitar si me reconhecesse sem attitude para o cargo. E faço esta declaração agora, rompendo o silencio que tenho mantido sobre o assunto, porque, estando vulgarisada a minha candidatura, sem que, para tal, eu contribuisse com a revelação mais breve, preciso preveni-lo para que me não veja amanhã na posição deploravel de pretendente infeliz mantendo a linha segura que sempre mantive até hoje. Seria dolorosa injustiça. — Não repare em tão exajerado escrupulo. Apesar de uma mocidade revolucionaria, sou um timido. Assusta-me qualquer conceito dubio ou vacilante. E está nisto explicada mesmo a anomalia de ter perma-

(1) Esta carta, que se encontra num caderno de notas de Euclides, sem data e sem destinatario, parece haver sido escrita a Julio Mesquita, director de *O Estado de S. Paulo*, a proposito da planejada candidatura de Euclides a deputado na constituinte do Estado de S. Paulo. (Coelho Neto, *Livro de Prata*, p. 251).

neccido enjenheiro obscuro até hoje, num reñimen cuja propaganda me levou até á revolta e ao sacrificio franco, como sabe. Assim, meu illustre amigo, já que me desviou, num belo impulso de espirito generoso e forte, do modesto programa da minha vida, redusido á convivencia tranquila de alguns livros, para me apontar destino mais alto, sustente-me. — Ademais, sabe que não illudirei a sua expectativa. Serei no Congresso o que sou aqui — um trabalhador. Porém, si na engrenagem complicada das candidaturas se anular a minha, eu terei, certo, mais um desapontamento que recalcarei como muitos outros, mas continuarei a ser sempre o mesmo amigo certo. — *Euclides.*

* * *

A' "Gazeta de Noticias"

Rio, 18 fevereiro 1894.

Sr. Redator — Em carta hontem publicada, dirigida ao redator d'O Tempo, o sr. João Cordeiro (2) manifestou sentimentos de tal natureza, que, caso passem em silencio, provocarão um grande e doloroso espanto no futuro, definindo pela pior maneira a feição actual da sociedade brasileira. — E' muitissimo justo que se dêem a um amigo parabens pelo malogro de um attentado covarde como aquele que, segundo se afirma, foi

(2) Senador pelo Ceará.

ideado á redação de *O Tempo* (3). E' porém, profundamente condenavel aliar-se á justissima condenação de um crime uma represalia talvez ainda mais criminosa. Assim é que o sr. João Cordeiro sugeriu o alvitre singular e barbaro de lançar-se mão das mesmas armas criminosas a reduzir a retalho as prízões onde estão os rebeldes, etc..., caso não se possa conseguir o fuzilamento dos dinamitistas (4). Confesso, sr. Redator, que uma tal proposição, ousadamente atirada á publicidade, num paiz nobilitado pela forma republicana, deve cair de pronto sob a revolta immediata dos caracteres, que na fase dolorosa que atravessamos tenham ainda o heroismo da honestidade. — E' necessario ainda que este protesto parta justamente dos arraiáis daqueles que, pelo fato mesmo de lutarem sob a égide da lei, se consideram bastante fortes, para não desearem a selvaticuezas de tal ordem. E' o que faço, desafiando embora a casuística singular que por aí impera, merecê da qual é facil estabelecer-se a suspeição em torno das individualidades mais puras, tornando-as passíveis dos piores juizos. — Este protesto não exprime a quebra de solidariedade com os companheiros ao lado dos quais tenho estado; exprime simultaneamente um dever e um direito. —

(3) Aparecimento de uma bomba na redação do jornal *O Tempo*.

(4) O senador, governista, alvitra a idéa de, em represalia a execução dos presos políticos detidos nas prízões da ilha das Cobras e aliaças.

De fato, quem quer que tenha uma compreensão mais ou menos lucida do seu tempo, deve procurar evitar a revivescência do barbarismo antigo; quem quer que seja medianamente ativo, pôde afastar a camaradagem deprimente de quem almeja o morticínio sem os perigos do combate. — *Euclydes da Cunha*, Enjenheiro militar (5).

* * *

Rio, 20 fevereiro 1894.

Sr. Redator — Afim de reduzir corolários illogicamente deduzidos da minha carta anterior, peço mais uma vez lugar nas colunas do vosso jornal, afirmando-vos que não renovarei este apêlo ao vosso cavalheirismo, porque não devo malbaratear em polemicas que se tornem pessoais o tempo que devo empregar trabalhando pelo meu paiz. Afeito a proceder retilincamente, não temo os perigos das posições definidas, e afirmo mesmo que, por maiores que sejam aqueles, estas são sempre as mais comodas. — As consequencias que aprouve á relação d'*O Tempo* tirar das minhas palavras são tão profundamente irritantes e falsas, que exigem uma réplica immediata. Não sei que modalidades deva assumir a minha linguagem para fazer comprehender aos que comigo lutam pela mesma causa, com sentimentos di-

(5) Euclydes, legalista, era então 1.º tenente de artilharia, e dirigia os trabalhos de trincheiras na Saude. (V. *Contrastes e Confrontos*, pag. 261, "A Esfinje").

versos, que tambem condeno inexoravelmente a turbamulta perigosa que irrompe atualmente de todas as sociedades, planejando o mais condenavel ataque a todo o capital humano, e tentando macular, cobrir com uma fumarada de incendio o vasto deslumbramento do nosso seculo. Por isso mesmo que os condeno, é que entendo que eles devem cair esmagados pela reação de todas as classes; mas por isso mesmo que odeio os seus meios de ação repilo-os, entendendo que a reação pôde perfeitamente, com maior intensidade, definir a serenidade vingadora das leis. — E' necessario que tenhamos a postura corretissima dos fortes! Não é invadindo prisões que se castigam criminosos. Nada mais falivel e relativo ão que esta justiça humana condecorada pela metafisica com o qualificativo de absoluta. Ha nos sentimentos que ambos tributamos á Republica uma diferença enorme: s. ex. (6) tem por ela um amor tempestuoso e cheio de delirios de amante, eu tenho por ela os cuidados e a afeição serena de um filho. — Persisto, pois, na deliberação fortemente tomada de o não considerar como um companheiro de lutas. — O futuro dirá quem melhor cumpriu o seu dever. — *Euclides da Cunha*, 1.º Tenente.

• • •

(6) João Cordeiro.

Campanha, 6-1-1894.

Hustre amigo General Solon (7) — Saúdo-vos, desejando felicidades assim como a toda a familia. Havia resolvido não escrever-vos tão cedo; motivos imperiosos entre os quais sobressaía o fato de não vos haver escrito durante a quadra dolorosa da vossa prisão, impediam-me que assim procedesse. As ultimas noticias, porém, que acerca da vossa pessoa temos ultimamente recebido parecem indicar que não terminaram os vossos dissabores. Assim é que hoje temos a vossa transferência para o 7.º Distrito Militar, em Mato Grosso. Uma tal transferência, após a repreensão em ordem do dia do ajudante-general, patenteia-me de sobra que o velho republicano a quem tanto deve a Republica, persiste na posição difficilima de não ser comprehendido pelos que governam este país.

Permiti que vos fale, com a sinceridade de que sempre usei: eu não creio que acciteis tal transferência!

Talvês não vos agrade esta maneira de exprimir-me — eu escrevo, porém, esta carta considerando a fronte immaculada de meu filhinho que tem o vosso nome e é vosso néto — e para o qual almejo entre os maiores bens do futuro a suprema felicidade de poder sentir-se ufano ante a vossa memoria veneranda. Não acciteis esta transferência de ultima hora.

(7) General Solon Ribeiro, seu sogro e um dos fundadores da Republica.

Vosso lar, honestissimo é mais vasto, é muito mais amplo do que esse Mato-Grosso que atualmente ninguém quer — e que tem desde os tempos monarchicos a função lamentavel de prestar-se a todos os exilios disfarçados e hypocritas. A situação do nosso país é grave; eu sou dos que entendem que nós devemos todos formar ao lado do governo actual — isto porém não nos pode obrigar a fugirmos das imposições nobilitadoras da honra. Ninguém poderá ver no vosso ato sintomas de opposição.

Afastai-vos unicamente porque sois digno de maior consideração. Sereis assim franco com o governo que não quer ser franco convosco.

O general Fay dizia que a disciplina militar só é absoluta quando o soldado dá as costas para os seus concidadãos e a frente para o inimigo. Vós, meu venerando e heroico companheiro — fitais frente a frente os vossos concidadãos.

Se não pedistes tal transferênciã — não a acciteis. Ha uma cousa que para a nossa familia e para a nossa Patria vale mais que a vossa espada de general, é o vosso carater de homem. Eu não vos posso aconselhar; ... quando tivesse outros requisitos, sou muito moço ainda para tal — peço-vos porém que sondeis a vossa consciencia de homem altivo e honesto; examinai o vosso passado de brilhante soldado da Republica, avaliai pelos dissabores que tendes tido toda a imensa brutalidade da injustiça humana; — se assim fizerdes estou certo que o velho republicano que em troca de todas as con-

triedades tem dado todas as energias á Republica, achará que tem razão quem lhe escreve, alentado pela afeição mais sincera e mais alta consideração.

Accitai um abraço do genro e mais do que isso amigo sincero.

(a.) *Euclides Rodrigues da Cunha.*

* * *

S. Paulo, 10 de janeiro de 1895.

Ilustre amigo general Solon — Desejamos que esta o encontre assim como a todos de bôa saúde e felizes. Nós vamos bem, sobretudo os filhinhos, robustos, fortes como sempre. Eu é que me sinto extenuado, exausto mesmo de trabalhos, von vivendo, porém aguentando heroicamente a luta pela vida.

Já sei que o Sr. está bem aí; esta gente do norte é boa e cavalheira — estima-lo-á; ha de deixar aí muitos amigos — e entre eles o meu tio José (8), um bom tipo de homem honesto e digno que lhe recomendo.

Ha dias estive com o Dr. Cerqueira Cesar que lhe manda muitas lembranças — é um bom velho este e parece ser seu amigo.

Não sei que resolução tomar ainda sobre a volta á carreira militar; o meu tempo de agregação está a ex-

(8) José Pimenta da Cunha, irmão de seu Pai, residente em Salvador, na Baía.

pirar e preciso tomar uma deliberação qualquer. Como sabe eu sou de uma irresolução vergonhosa até — se puder e quizer ajude-me um pouco com a sua sólida experiência de homem que já lutou muito. Aguardo neste sentido a sua resposta. Uma das cousas que me impressionam é reverter e ficar perdido ao quartel general, com vencimentos reduzidos e com familia que somente eu sustento sem apoio algum extranho. A's vezes penso em ir para aí, como engenheiro civil, numa comissão mais ou menos estavel, que me faculte reformar-me sem mêdo. Talvês o senhor pudesse conseguir isto com alguma influencia politica daí. Mandê-me dizer qualquer cousa a respeito. Aqui, compreendo (e mesmo nada tentei ainda) que pouco ou nada conseguirei de uma politica enredadíssima e listrada pelas raias rubras de jacobinismo que me vê com máus olhos. Tenho com os homens da situação relações cortezes de cumprimento e não me animo (e porque não dizer — não quero?) ir além.

Tenho trabalhado muito e lucrei muito como engenheiro nestes seis meses de applicação — não dou por perdido portanto todo este tempo. Preocupo-me, porém, muito pensando no futuro para o qual terei talvês aptidão para seguir, mas certo não tenho *geito*.

Ora, a situação é justamente dos expertos, daí o grande desanimo que me atinge.

Estarão aí tão irrequictos como aqui os restauradores?

A's vezes creio que a nossa Republica atravessa os peores dias. Esta reacção monarchica tem afinal aliança das nossas desgraças politicas e tremo ás vezes, imaginando um successo que por isso mesmo que é um absurdo pode-se realizar na nossa terra.

Tambem será o que falta para completar a nossa desmoralização perante o mundo.

A peor posição será a nossa, a dos republicanos de todos os tempos... os outros aderirão pela segunda vez e continuarão a mesma vida comoda que hoje têm.

A Sanniba pede-lhe para retribuir as lembranças da familia do Sr. Coronel Saturnino.

Mande-nos dizer que tal tem achado tudo isto por aí; mas escreva-me — não creio que o comando do Distrito absorva-lhe todo o tempo. Os meus amigos vão ficando escasos — só falta agora que o meu velho amigo imite-os. Tambem a Sanniba queixa-se da falta de cartas... neste andar a nossa sociedade estará em breve reduzida aos dois fillinhos.

Esteve aqui o Ferraz e trouxe uns presentes que agradecemos. O coronel Noronha, um bom e digno amigo seu manda muitas lembranças.

Recomenda-nos a todos. Aí vai grande abraço e grandes saudações do genro e amigo obrmo. — *Euclydes da Cunha*.

Em torno d'“Os Sertões”, sua elaboração, sua publicação e a memorável inédita repercussão que teve o maior livro brasileiro, se situa a primeira parte da correspondência regular de Euclýdes da Cunha.

S. José do Rio Pardo, 22-2-1901.

Alberto Sarmiento (9) — saúdo-te, desejando-te muitas felicidades e pedindo que me recomendes a toda a tua familia. — Recebi a tua carta em S. Paulo, na vespera de minha partida para cá — de sorte que sómente agora posso respondê-la. — Realmente tenho a aspiração de uma vida tranquila, de todo resumida na convivência dos livros, de modo que o teu convite recebi-o com satisfação real. Acontece, porém, o seguinte: em S. Paulo alguns amigos, lentes da Politecnica, manifestaram-me o desejo de que eu entrasse para ella. E' uma resolução vaga ainda, adstricta a muitas alternativas. De sorte que sem a abandonar não deixo de lado tambem a que visa um lugar no Ginasio (10). Ha, além disto, mais o seguinte: sómente em fins de abril terminará a minha fatigante empresa aqui (11); e sómente, então poderei tomar um ou outro rumo. — Exposta, assim, claramente, a situação, peço-te que me esclareças sobre a época do concurso, etc. — Sinto que o digno

(9) Politico paulista, residente em Campinas.

(10) Ginasio de Campinas.

(11) A reconstrução da ponte de S. José do Rio-Pardo.

amigo, na sua carta, não me deu noticias suas e dos parentes, um dos quais, Gambetta (12), é para mim uma das mais belas recordações de um passado que já se vai distanciando. Espero que em proxima carta me dê noticias mais detalhadas. — Quando fôr a S. Paulo, ficarei aí, em Campinas, para abraçá-lo e conversarmos. — Sem mais, recomende a todos quem é — Velho am.^o e admor. — *Euclides da Cunha.*

* * *

S. José do Rio Pardo, 7-3-1901.

Alberto Sarmiento, — Saúdo-te. Respondo a tua carta de 5 do corrente, agradecendo-te o interesse que manifestas pela minha entrada para o Ginasio daí. Infelizmente, conforme disse em carta anterior, nenhuma resolução posso tomar ainda. A braços com a minha rude tarefa, aqui, sómente depois de ultimá-la, direi positivamente alguma coisa a respeito. Quando fôr a S. Paulo, aí ficarei e conversaremos melhor. Previno-te com antecedencia. Antes disto, porém, caso me seja possível resolver sobre o assunto, te escreverei. De qualquer modo, porém, que se resolva a questão, ficar-te-á bastante agradecido por tão alta prova de estima quem é teu — co-religionario e amigo — *Euclides da Cunha.*

* * *

(12) Gambetta, irmão do Alberto Sarmiento.

S. Carlos (do Pinhal), 30-11-1901.

Escolhar, — Saúdo-te. — Depois d'amanhã, 2, seguirei para a séde de um novo distrito — Guaratinguetá (13). — Sentindo, por um lado, deixar esta cidade, por outro — luero, porque lá estarei entre o Rio e São Paulo. Preciso dizer-te que nada influí para a transferencia. Dava-me bem aqui. Tornando-se, porém, preciso transferir o chefe do 2.º (politicajem, etc.), consultou-me o dr. Candido Rodrigues (14) si eu accitava aquelle distrito. Aquiesci, porque realmente ele é melhor. De lá te escreverei. Agora, um pedido: sei por informações que d'aí têm vindo, que o Mateus será despedido, com a proxima contradança municipal. Não sei que partido vencerá nas eleições. Em todo o caso, como se não trata de uma questão partidaria, mas de um compromisso que comigo tomou a parte sã de S. José do Rio Pardo, de todos os matizes — peço-te lembrar a cla na ocasião oportuna aquelle. — Estou certo que farás tudo no sentido de ser mantido o velho trabalhador, que ali está como uma reliquia, lembrando dias successivos de tres anos. Peço-te, por isto, falares em meu nome — à parte todas as distincções de partido — aos coronéis José Leopoldina e Honorio Dias (15) e todos os influentes.

• • •

(13) Euclides era então engenheiro das Obras Publicas do Estado de S. Paulo.

(14) Foi, depois, ministro da Agricultura.

(15) Chefes politicos em Rio-Pardo.

— Fico absolutamente convencido de que o meu pedido não será em vão. De Guaratinguetá escreverei mais longamente. — Creia sempre no — *Euclydes da Cunha*.

* * *

S. Paulo, 4-12-1901.

Escobar, — Felicidades. Recomenda-me á Ex. Senhora. — Reccebi no dia de partir de S. Carlos o teu cartão. Seguirei breve para Guaratinguetá. De lá te escreverei então mais longamente. Manda-me para lá o livro a que te referiste. — E si acaso tiveres de ir ao Rio, previne-me com antecedencia de uns 8 dias porque seguiremos juntos. — Adeus. Lembranças a todos, e creia no am.^o e adm.^o — *Euclydes*.

* * *

Lorena, 19-1-902.

Escobar, — Saúdo-te. Ao chegar, hontem, de Jacaré, encontrei aquí, esperando-me o Taine e o Camillo (16) — E foi uma esplendida surpresa! Obrigadissimo. — No dia em que chegaste a S. Paulo parti eu de lá! Lamento muito o desencontro. Previno-te, porém, que invariavelmente nos dias 5, 6 ou 7 de cada mez lá estarei. Assim si tiveres de realizar qualquer viagem até lá, convem que a aproximes tanto quanto possivel daquelas datas, porque assim nos encontraremos. —

(16) Livros destes autores.

Manda-me noticias do Alvaro e do Jovino. Não sei porque não me escrevem. Si fôr possível vá a S. Paulo no dia 6 de fevereiro, dia em que também para lá esguirei.

Infelizmente não posso prolongar esta carta, tendo entretanto muito que contar. Estou esmagado de officios e requerimentos! Recomenda-nos a todos os teus, abraça os amigos e creia sempre no — *Euclýdes*.

P. S. — Recebi hontem uma carta do Laemmert. irão as primeiras provas dos “Sertões” dentro de oito dias. — *Euclýdes*.

• • •

Lorena, 10-4-902.

Meu caro Escobar. — Sómente hoje posso te agradecer a delicadesa da participação de nascimento de tua filhinha. Tenho levado vida trabalhosa e dura. Felizmente trabalhosa apenas, o que não é mal. — Cheguei hoje de S. Paulo — e lá não tive o prazer de encontrar-te. — Porque não escolhes os dias 6, 7 ou 8 do mez para ir até lá? E’ o melhor meio de nos vermos. Eu pelo menos tenho o maior desejo de abraçar o excelente companheiro. Responda-me neste sentido. E’ bem possível que eu te acompanhe, ao voltares, até S. José para ver a nossa ponte. — Desejamos todas as venturas á gentil Esmeralda. — Creia sempre no velho amigo — *Euclýdes*.

O meu livro (17) vai muito regularmente. Ainda hoje respondi a carta do Laemmert — sobre o papel a

(17) *Os Sertões*, em via de publicação pela livraria Laemmert, do Rio.

empregar. Tenho já revisto algumas provas. Não estará porém pronto no fim deste conforme o contrato. — *Euclýdes.*

• • •

Lorena, 14-5-902.

Escobar, — saúdo-te e a todos os teus. — Estive em S. Paulo onde não te encontrei, verificando depois que havias marcado o principio de junho para a tua ida. Pretendo levar-te as primeiras paginas, já definitivamente impressas, do meu livro. — Mas não faltes. São raros os bons companheiros, nestes tempos máos — e bem sabes que eu não dispenso os rarissimos que possuo. — Ao chegar de S. Paulo tive, em casa, dolorosissima surpresa: o Quidinho (18) queimado, o rosto em chaga, vitimado por uma bomba! Imagina lá o meu ceapanto e a minha dôr. — Felizmente (si posso dizer tal coisa) não ficou ele cego e creio que se vai restabelecendo graças aos nossos cuidados de todos os instantes, e como sómente em duas partes a queimadura atinjiu fundamentalmente os tecidos, não ficará transfigurado. — Sempre planeei estar aí (19) no dia 18, 1.º anniversario da ponte. Mas estarão você, o Alvaro, o João Moreira, o Jovino. Encaminhem-se para lá naquele dia, paguem uma cerveja (harbante) ao velho Mathcus (20) e recordem-se

(18) Filho de Euclýdes, assassinado, em 1916.

(19) S. José do Rio-Pardo.

(20) Mathcus, velho guarda da ponte.

por um minuto do amigo agradecido ausente. Será uma bela comemoração. Neste paiz de snobismo reles não desejo outras. Manda-me dizer depois os episodios principais da festa. — Não imaginas como me entristeceu o inesperado falecimento do Leite, na ocasião em que a fortuna o favorecia, parecendo destiná-lo a uma esplendida carreira. E' possível que tome, afinal, a resolução de ir para a Politecnica (21), onde ha bons companheiros e poderei encontrar os elementos de vida que faltam nesta convivencia estúpida com as dezenas de empreiteiros que me rodeiam. — Comunicar-te-ei qualquer resolução que tome definitivamente a respeito. — Não sou mais extenso porque tenho de atender a todo o instante ao doentinho que exige agora toda a nossa atenção.

Adeus. Lembranças a todos e dispõe do amigo velho.
— *Euclýdes*.

* * *

Lorena, 22-5-902.

Escobar, — desculpa-me este papel: procurei debalde a caixa de cartas, e não quero demorar por mais tempo a resposta á tua ultima e ás impressões que me causou. — Magnifico! A comemoração do aniversario da minha ponte (ah! não estar ela num dos trechos deste incomparavel Paraíba) não poderia ser melhor. Convirás em que eu nunca imaginei que lá apparecessem almas centenas de individuos, que, com os foguetes, as bandeirolas velhas, o assovio dos moleques e os tablei-

(21) Escola Politecnica de S. Paulo.

ros de doces, são a materia prima do que nesta costa d'África da America se chamam manifestações!... Não! sempre desejei aquilo: dois ou tres amigos que ali chegassem e se lembrassem, durante algum tempo, de mim. Udi-me apenas num ponto: os numerosos quatro amigos de que falei antes, reduziram-se a dois: você e o Lafayette. Mas estes... Estão satisfeitos. — O Quindim está restabelecido. — Deves ter visto pelos jornais que talvez esteja, breve, em pleno mar, a cata do lugar para um presidio (22). Adorável comissão! Calcula lá, si podes, o enorme prazer com que vou desempenhá-la... e si pudesse escolher tambem os presidiarios... — Adeus, meu velho Escobar. Abraça-me o Lafayette (23). Recomenda-me a todos os teus. Olha um pouco o velho Matheus. E creia no — *Euclides*.



Lorena, 10 agosto 902.

Escobar, — saúdo-te e todos os teus. — Venho do Rio, onde fui — celeremente, de um noturno a outro, — para conversar com o Lammert e saber o dia que, afinal, ficará pronto o meu encaiporado livro. Felizmente os

— — — — —

(22) Em Santos. (Veja-se o relatório de Euclides sobre essa comissão, publicado na Revista do "Gremio Euclides da Cunha", 1926).

(23) Lafayette de Toledo, juiz de Casa Branca, grande amigo de Escobar.

frios alemães (24) receberam-me num quasi entusiastico, e, quebrado o antigo desalento, quasi prevêem um successo áquelas pajinas desprezenciosas. — Apresso-me em dar-te a noticia, porque foste o meu melhor colaborador neste ermo de S. José do Rio-Pardo, e peço-te transmiti-la ao Augusto (25), dizendo-lhe que o nosso contrato sem escrituras tem a garantia da minha palavra, que ás vezes parece ser palavra de rei. — Agora, um grande, um serio, um reservadissimo favor. Tão reservado que te peço não o boquejes nem mesmo junto ao ouvido da tua filhinha mais nova: Lá vai: constou-me (não preciso dizer quem foi o desalmado) que ha no encontro direito, — lado do Pompeu, — da ponte, uma frincha descendo por todo ele até em baixo. Imagina como fiquei, e quanto cabelo branco vai-me nascendo dentro desta ansiedade... — Pensei seguir logo até aí. Infelizmente, não posso agora. Por isso escrevo-te. Quero que, — com a tua cautela habitual, e em que ninguem o perceba, — observes aquilo, e indiques-me, num esboço qualquer, o lugar, as dimensões aproximadas da coisa, e si é vizivel e si ameaça aumentar, ou si é um recalque comum nestas oliras. Não és enjenheiro, mas, que diabo, — tambem estas coisas não são tão transcendentas... — De qualquer modo, aguardo a tua resposta contando os dias. — Esta chegará aí na 2.^a ou terça, á tarde. Poderci ter, aqui, a resposta sexta ou sabado. Não faltes,

(24) Os editores Laemmert & Co.

(25) Augusto era um sargento da Policia, em cuja bella grafia fez Escobar passar a limpo todo "Os Sertões".

— sobretudo si tiveres de confirmar meus presentimentos. — Adeus, meu velho amigo, e creia sempre no — *Euclýdes*.

• • •

Lorena, 24-8-902.

Escobar, — recebi, sim, a tua carta. Obrigadíssimo. Amanhã te escreverei mais longamente. Li a verrina do tal Julio no “Comercio” — e não lhe liguei importancia alguma. — Protesto contra a explicação que me deste! Pelo amor de Deus! Então era preciso que me disseses aquilo? Então não sabes o infinito desprezo que tenho por tal gente? — Andaste mal, meu velho Escobar. Creia que não é com muita facilidade que se abalam a profunda estima e altissimo conceito que te dedica o — companheiro de sempre — *Euclýdes da Cunha*.

P. S. — Si houver tempo, desfaça a procuração para o proximo “Comercio”. Não vale a pena. Estás muito acima dessas coisas.

• • •

Lorena, 3-10-902.

Escobar, — Saúdo-te e á Exm.^a Senhora, agradecendo-lhe o fidalgo acolhimento com que aí me honraram. — Aqui cheguei; parti logo para o Rio; lá conversei com os Lacramert sobre o livro que estará pronto ao fim deste. — Estive em Casa-Branca com o Valdomiro (26) que

(26) Valdomiro Silveira, autor de *Os Caboclos*.

prometeu-me ir com você a S. Paulo, afim de virem ambos até aqui. Não te esqueças, porém, de avisar com seis dias de antecedência, por causa das minhas viagens. Em todo o caso, caso sobrevenha alguma em que tenha de demorar 5 ou 6 dias, te avisarei, afim de evitarmos alguma desencontre. — Abraça por mim ao Jovino, Zé Rodolpho, João Moreira e Braulio, aos quais não escrevo por ter encontrado aqui, sobre a mesa, uma montanha de officios a ler e a resolver. — Recomenda-me aos teus, e dispõe do — *Euclides*.

P. S. No dia 6 estarei em S. Paulo. Estará também a Dareléc (27). Porque não resolves a viagem para esse dia? Veremos juntos a genial artista. Feito?

• • •

S. Paulo, 11-10-902.

Vicente de Carvalho, — aqui cheguei sabado; fiz o Relatorio (28) no domingo; entreguei-o segunda-feira, mas não voltei na terça para Lorena, resolvendo fazê-lo sómente hoje, quarta, pelo noturno, afim de cumprir a promessa de esperá-lo aqui. — E' que — homem pratico, massudo, enrijado nessa enjenharia rude, — não avalio

(27) A cantora lirica Hariclé Dareléc.

(28) Relatorio sobre a ilha dos Búvios. (V. *Revista do "Gremio Euclides da Cunha"*, agosto, 1926). Sobre os incidentes dessa inspecção, veja-se o artigo de Vicente de Carvalho, na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n.º 92, pag. 128 ou no prefacio deste livro.

as grandes abstrações dos sonhadores e as promessas enganadoras dos poetas... — volto para a minha Lorena e lá fico inteiramente ao teu dispôr. — Recomenda-me á Exma. Senhora. — *Euclýdes da Cunha*.

P. S. — Dentro de vinte dias ou um mez, o dr. Cardoso de Almeida irá até os Busios. Vamos? — *Euclýdes*.

• • •

Lorena, 19-10-902.

Escobar, - - respondo a tua carta, agora recebida. — Pilherico sonho, o teu... Ministro! Ministro da viação este teu pobre amigo! Só mesmo em sonhos... — Mas queres saber de uma coisa? Prefiro ser realmente ministro nos breves minutos de um sonho, ocupando a imaginação de um amigo, de que o ser, de fato, nesta terra onde não ha mais altas e baixas posições... Minado tudo. — Tenho passado mal. Chamaste-me a atenção para varios deseuidos dos incus "Sertões"; fui lê-lo com mais cuidado — e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada pajina o meu olhar fisga um erro, um accento importuno, uma virgula vagabunda, um (;) impertinente... Um horror! Quem sabe si isto não irá destruir todo o valor daquele pobre e estremecido livro? Manda-me dizer daí algo a respeito. Imagina que lá encontrei á *facão*, á *pranchada*, *braço á braço*, *tempos á tempos*, etc. etc. — Não te posso dizer como fiquei. Por fim — abrindo, ao acaso, depois do jantar, uma pajina, — encontrei isto: — "*Não*

iludiu á historia...” — Não te descrevo o que houve! Quer isto dizer que estou á mercê de quanto meninote erudito bruno as esquinas; e passível da férula brutal dos terríveis gramatiqueros que *passam* por aí os dias a remascar preposições e a disciplinar pronomes! — Felizmente disseram também que o Victor Hugo não sabia francez. — Vou escrever ao Lœmmert para reduzir quanto possível, a 1.^a edição, si houver tempo (29). — Afinal, egoisticamente, falei-te só no que me dizia respeito. Desculpa-me; e escreva-me logo. Quero que venha daí, de longe partindo dessa bôa alma de velho companheiro, uma palavra que me anime um pouco. — Adeus. Recomenda aos teus — o velho amigo — *Euclides*.

O Napoleão de Roseberry... (30). Extraordinario.

• • •

Lorena, 3-12-902.

Exmo. Sr. José Verissimo, — Ao ler no “Correio” (31) de hontem a noticia do seu juizo critico sobre os “Sertões”, tive, renascida, uma velha comoção que já

(29) Euclides, apavorado com a critica gramatiquera que lho poderiam fazer por alguns descuidos de revisão, corrigiu, depois de impressos os *Sertões*, varios erros tipograficos (os mais graves) a nanquim e ponta de canivete, em cerca de mil exemplares (1.^a edição).

(30) Alusão ao livro *Napoléon, la dernière phase*, (1901), do estadista e territor inglez conde de Roseberry.

(31) Está publicada em “Juizos Criticos” sobre “Os Sertões”.

supunha morta — a de calouro, nos bons tempos passados, em véspera de exame. E não era para menos, dada a competência do juiz. Felizmente este foi generoso. Demonstra-o o belo artigo que acabo de ler, no qual, atendendo principalmente ás observações relativas á minha maneira de escrever, colhi proveitosos ensinamentos. — Num ponto apenas vacilo — o que se refere ao emprego de termos técnicos. Aí, a meu ver, a critica não foi justa. — Sagrados pela ciencia e sendo de algum modo, permita-me a expressão, os aristocratas da linguagem, nada justifica o sistematico desprezo que elles votam os homens de letras — sobretudo si considerarmos que o consorcio da ciencia e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendencia mais elevada do pensamento humano. Um grande sabio e um notavel escritor, igualmente notavel como quimico e como prosador, Berthelot, definiu, fazem poucos anos, o fenomeno, no memoravel discurso com que entrou na Academia Francesa. — Segundo se colhe de suas dedações rigorosissimas, o escritor do futuro será forçosamente um poligrafo; e qualquer trabalho literario se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma sintese mais delicada, excluida apenas a aridez caracteristica das analizes e das experiencias. — Si não me impedisse esta minha vida perturbada de *commis-voyageur* da engenharia (e hoje mesmo seguirei para S. Luiz do Paraitinga em viagem urgente!) abordaria esta questão pela imprensa. Mais competente, porém, para isto, é o Sr., que, ademais, tem grandes responsabilidades pelo nosso

movimento literario. Porque não a ajita? Eu estou convencido que a verdadeira impressão artistica exige, fundamentalmente, a noção scientifica do caso que a desperta — e que, nesse caso, a comedida intervenção de uma technografia propria se impõe obrigatoriamente — e é justo desde que se não exajere ao ponto de dar um aspecto de compendio ao livro que se escreve, mesmo porque em tal caso a feição synthetica desapareceria e com ella a obra de arte. — Desejo muito conhecer o seu pensamento acerca desta questão; e comprometo-me desde já a defender, na medida das minhas forças, a tese acima esboçada. — Terminando, resta-me agradecer de todo o coração o nobilitador juizo que manifestou por mim e a verdadeiramente admiravel comprehensão que teve do meu livro, em que pese a uma leitura naturalmente rapida. — Pegolhe que me recomende á Exma. Senhora e filhos, acreditando sempre na alta consideração do — am.^o e admirador — *Euclides da Cunha*.

P. S. — Estarei de volta, de S. Luiz, no Domingo, 7 do corrente.

* * *

Escobar, — Envio-te e a toda a familia muitas felicitações. — Mais uma filha... (aqui acodem-me ao bico da pena meia duzia de considerações amargas -- filosoficas que prudentemente calo). De qualquer modo envio-te um parabem sincero: que ella cresça e te seja, mais

tarde, quando te cobrirem desiluzões e cabelos brancos, uma Cordelia carinhosa e pura. — Seguem os jornais e cartas. — Abraça-te o am.^o - - *Euclides*.

* * *

Lorena, 17-2-903.

Meu illustre mestre e am.^o Dr. Cruls (32). Recchi hontem, ao chegar de viagem a sua prezada carta e apreço-me em respondê-la. Recchi o seu valioso trabalho sobre o "Clima do Rio de Janeiro" e tenho bem segura a lembrança de que imediatamente lhe escrevi, agradecendo. Vejo agora que se extraviou a minha carta. Renovo por isto os agradecimentos. — Quanto ao seu juizo sobre os "Sertões", tenho-o, e nem era preciso dizê-lo, na mais alta conta. Sinto-me verdadeiramente feliz notando que o meu livro, em que a sinceridade de pensar substitue outros requisitos que não possuo, vai cativando a simpatia dos melhores espiritos e dos melhores corações. Junto por isto a sua carta a outras que aqui estão, formando a melhor critica ao meu trabalho. — Creia sempre na mais elevada consideração e grande estima do antigo discipulo, — am.^o at.^o admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

(32) Dr. Luiz Cruls, então director do Observatorio Nacional.

Lorena, 19-2-903.

Meu Pai — Desejo-lhe saúde e felicidades. — Nós vamos indo bem, sem novidade, continuando eu com a minha enjenharia precipitada, ás voltas sempre com uma quantidade de trabalho que não diminue nunca. Felizmente, de vez em quando lá vem uma compensação a esta vida pouco invejável. Hontem, por ex.: recebi uma carta do Lacmurt declarando-me que é obrigado a apreciar a 2.^a edição, já em andamento, dos “Sertões”, para atender a pedidos que lhe chegam até de Mato-Grosso — e aos quais não pôde satisfazer por estar exgotada a 1.^a. Isto em dois mezes! Agora é que eu vejo como fui tolo em celebrar o contrato que fiz! Provavelmente terei uma ninharia pela 1.^a edição já exgotada. Mas nem nisto falaram ainda os bons patrões que espontaneamente procurei. O que houver a respeito lhe comunicarei logo. Estimo a 2.^a edição, principalmente porque sairá correcta, destruídos os muitos erros de revisão da 1.^a. — Manda-me dizer quando pretende ir a S. Paulo de modo que eu possa dispôr as coisas para nos encontrarmos lá. — Reciba recomendações todas e abençoção ao seu filho e am.^o — *Euclides*.

* * *

Lorena, 20-2-903.

Am.^o Dr. Cruls. — Na carta que ha dias lhe escrevi respondendo a que me mandou em 15 do corrente, es-

queceu-me dizer-lhe que não lhe mandei, como me cumpria e era do meu desejo, um exemplar dos *Sertões*, porque quando saiu o livro achava-me em longas viagens, desviado em comissões que me tomavam todo o tempo. — Escreve-me agora a casa Lammert, comunicando-me que sairá breve a 2.^a, estando exgotada a 1.^a. Cumprirei então esse dever com a vantagem de mandar-lhe um volume mais correcto, sem os deslizes de revisão que têm os atuais. — Creia sempre na maior consideração e estima do antigo discípulo — Am.^o e Cx.^o Obrg.^o — *Euclides da Cunha*.

P. S. — Alimento ha dias o sonho de um passeio ao Acre. Mas não vejo como realisá-lo. Nesta terra, para tudo faz-se mistér o pedido e o cumpenho, duas coisas que me repugnam. Elimino por isto a aspiração — em que talvez pudesse prestar alguns serviços. — *Euclides*.

• • •

Lorena, 25-2-903.

Meu Pai, — Desejo-lhe felicidades. Respondo a sua carta de 23. Estive no Rio — e modifíco um pouco o que disse sobre os editores dos "*Sertões*". — Pelas contas que vi, as despesas foram, de fato, grandes — de sorte que, dividido o liquido, terei um ou dois contos de réis. E' possível que seja mais feliz na 2.^a edição. Os homens, apesar do que dizem (e nesta terra são fa-

ceis os juízos temerarios) me parecem sérios. O que sobretudo me satisfaz é o lucro de ordem moral obtido: a opinião nacional inteira que, pelos seus melhores filhos, está inteiramente do meu lado. Cito, por ex., a opinião de um homem que é naturalmente o mais antipatico a tudo quanto possa haver de republicano no Brasil, o Visconde de Ouro-Preto. Disse-me hontem o Dr. Gusnião, numa roda em que estava o Dr. Gomes, que a opinião do grande chefe monarchista é esta: Os "Sertões" são o unico livro digno de tal nome, que se publicou no Brasil depois de 15 de novembro. Toda a gente assim pensa. Assim, de qualquer modo lucrei. Venci por mim só, sem reclames, sem patronos, sem a rua do Ouvidor e sem rodas. E dado esse primeiro movimento, continuarei, si o permitir a enjenharia ingrata e trabalhosa. — Peço-lhe dar lembranças ao Otaviano e á Adelia e abençõe ao seu Filho e Am.^o — *Euclides.*

* * *

Lorena, 27-2-903.

Amigo dr. Araripe Junior, — recebi o seu cartão e aguardo — nem imagina com que ansiedade! — o seu juízo sobre os meus *Sertões* (33). — Na vespera havia

(33) Acerca de *Os Sertões* escreveu Araripe Junior dois artigos que apareceram em março de 1903, no *Jornal do Comercio*, e foram depois reunidos no folheto: *Os Sertões (Juizos criticos)*, Laemmert & C., Rio, 1904, pjs. 33-71.

lido o seu ultimo artigo sobre os "Comentarios" da nossa Constituição Federal, do dr. João Barbalho, e, francamente, ali notei, sob um aspecto inteiramente novo, ajustado ao destino dos povos americanos, a doutrina, sem numero de vezes discutida e falscada, de Monroe. — Mas o que sobretudo me impressionou foi o desasombro, a magnifica rebeldia de um espirito em plena insurreição contra o nosso sentimentalismo mal educado e esteril. Considero o paralelo, ou melhor, o contraste lucidamente exposto, entre as duas expansões, a teutonica e a *yankce*, como o raio de uma visão que nos ultimos tempos mais se tem dilatado no perquirir o destino superior da civilização. — Sou um discipulo de Gumplo-wicz, aparadas todas as arestas duras daquele ferocissimo genio saxonico. E admitindo com ele a expansão irrecistivel do circulo sinjenetico dos povos, é bastante consoladora a idéa de que a absorpção final se realice menos á custa da brutalidade guerreira do "Centouro que com as patas hípicas escarvou o chão medieval", do que á custa da energia acumulada e do excesso de vida do povo destinado á conquista democratica da terra. — Não calculo até que ponto se possa accitar o seu optimismo sobre a hejmonia norte-americana. Mas, dado mesmo que ele falhe por completo, e que o malsinado imperialismo *yankce* se exajere até a posse dos paizes extranhos, — de que nos valeriam lamurias de superstições patrioticas? — Vi no seu artigo um significado

superior, sugerindo uma medida pratica: subordinados á fatalidade dos acontecimentos, agravados pela nossa fraqueza actual, devemos antes, ajindo inteligentemente, acompanhar a nacionalidade triunfante, preferindo o papel voluntario de aliados á situação inevitavel de vencidos. — E' o pensar dos que não desejam ser amigos ursos da Patria, embora atraíndo a pedrada patriótica dos que por aí, lyricamente, a requestam, numa adoravel inconciencia de perigos que a rodeiam. E julga-se feliz com esta perfeita uniformidade de vista, o seu patricio admirador — *Euclides da Cunha*.

• • •

Lorena, 9-3-903.

Dr. Araripe Junior, — cheguei de S. Paulo onde li o majistral artigo sobre "Os Sertões" e posso escrever-lhe desafogadamente porque não transmiro a minha impressão, mas a de todos que sabem ler naquela cidade. — O seu artigo fôra anunciado por um telegrama vindo para o jornal da tarde "A Platéa". O "Jornal" era esperado. A's dez horas da noite tinha-o lido quazi toda a roda literaria paulista e ás dez e meia eu saí da redação do "Estado de S. Paulo" com o enorme estonteamento de um recruta transmudado repentinamente num triunfador. — Compreendi então quanto é inerte (na significação que damos em mecanica á

palavra) a opinião, mesmo entre espiritos cultos; absolutamente passiva, como a cêra, uma molde admiravel para corporizar o pensamento dos eleitos. — Porque, no dia seguinte, eu — que até então era um engenheiro-lettrado, com o defeito insauavel de empareceirar às parcelas dos orçamentos as idealizações da Arte — era um escritor, apenas tranzitoriamente desgarrado na engenharia. A sua grande generozidade, a sua honrozissima simpatia, garantidas ambas por um espirito robusto, impuzeram-se - - libertando-me do aspecto dubio, meio profissional, meio artista, que me tornava um intruzo em todas as carreiras. — Nem sabe quanto lhe devo... — Além disto aquella analize recorda a critica reconstrutora de Macaulay. — A significação historica do grande agitador sertanejo que delineei apenas, ajustando-se á escola antropolojica, aparece mais nitida, explicada pelas circunstancias especiais do meio que não tive tempo de conhecer e pelo caracter essencial do individuo que não apreendi com segurança, dadas as cauzas perturbadoras que radicavam a minha observação. — Foi neste ponto, unanime a opinião geral em S. Paulo; e não vejo deslustre em acompanhála. O meu esbôço fez-se desenho. No apagado das linhas vacilantes que tracei, e propositalmente eu tracei de leve para facilitar a correção, correram firmes, intorciveis em rigorismo de traçado geometrico, os contornos reais da agitação sertaneja. — Nem posso dis-

pensá-los mais, incluídos em nota adicional á 2.^a edição do livro — serão o seu complemento indispensavel (34). — Não posso continuar esta carta. - - Ao chegar encontrei reclamações de empreiteiros que me obrigam a seguir já, em viagem. — Até muito breve, porém. — Creia sempre no patricio e admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

Lorena, 12-3-903.

Dr. Araripe Junior, — chego de viagem; fantastica viagem em que, rompendo pelos caminhos deste velho recanto de S. Paulo, eu fui bater na Baía e no seculo XVII... E' que o *trolly* me conduzia a Silveiras e a Arcias, enquanto o meu companheiro de viagem, o infernal Gregorio de Mattos (35), "um diabo passado por crivo de fios aristofanescos trançados com luxuria por mãos de feiticeiras", suplantando o gordo empreiteiro que gaguejava ao lado não sei mais que estafantes conceitos sobre um orçamento — o estupendo Homero

(34) Essas notas são as mesmas que continuam apenas ás ultimas edições de *Os Sertões*.

(35) Euclides refere-se ao livro "*Gregorio de Mattos*", Rio, 1894, VII — 159 pajs., Fauchont & Cia. Foi publicado primeiramente no "*Jornal do Brasil*", em 1893. Ha 2.^a edição: Livraria Garnier, s/d., XI — 214 pajs.

dos *lundús*, arrebatava-me num prodijioso salto mortal do espirito sobre dois seculos, para a grande matriz das nossas tradições. E lá segui com ele, embetescado nas vielas da velha capital... Belo sonho! Um dia estranho de vilejiatura ideal... Por uma evocação, exajerada talvez, eu vi a vida tumultuaria da Arcadia orijinal dos Capadocios, nos velhos tempos e em plena vernação dos seus atributos caracteristicos. E foi num verdadeiro estonteamento — entre rizos, rasgados de violas, dolencias de modinhas, saracoteios de sambas, e, aqui, passando entre serpentinas e cadeirinhas adamascadas, ali acotovelando reinões recém-chegados ou esbarrando num volver de esquina com o frivolo Rocha Pitta, contemplando de relance o padre Damazo, evitando, adiante, o feroz “Braço de Prata”, saudando mais lonje o providente Lancastre — que eu vi pela primeira vez o terrivel trombeteiro de má morte, o vilanaz Aristofaues das mulatas. — Que resurreição e que figura! — E quando o pobre velho me desapareceu, afinal, obscuramente, num enjelho de Pernambuco, toda a sua ironia de fogo e as suas rimas cauterizantes e as suas rizadas vingadoras extinguiram-se tambem, de chofre. — É una vida a que se assiste entre rizos e comenta-se com austeridade. Porque o que realta, sobrepnjando toda a sua desenvoltura pagodista — é o eterno martirio dos predestinados. — Mais do que o homem, biologicamente falando, Gregorio de Mattos foi um admiravel órgão social quazi passivo,

feito uma alavanca, cuja força eram as próprias forças coletivas: uma máquina simples em que se corporizaram muitas tendências da raça nova que surtia. Foi "heroe" na alta significação dada á palavra pelo dramatico Carlyle: prefigurou, fundindo-se na sua individualidade isolada, muitos aspectos de um povo. — E passou pela vida obedecendo á fatalidade mecânica de uma resultante intorcível: incorrijível, rebelde sempre á visão estreita dos que pensavam morijerá-la, como si houvesse preconceitos ou regras para estes *avant-coureurs* das nacionalidades, úteros privilegiados, arrebatados pelas leis desconhecidas da historia. Foi um grande sacrificio o desenvolto folgazão! E maior que os seus emulos, de Juvenal a Bocage, a sua satira, em que peze ao tom feroeissimo e maligno, pertence-lhe menos do que ás rebeldias nascentes e relaxamentos inevitáveis de uma sociedade em que se chocavam os vícios de um povo velho, agravados pela "bebedeira tropical" e os instintos inferiores de duas raças barbaras. — Desta alquímia horrorosa, tendo como reagentes o deslumbramento solar, a canicula mordente e a terra fecunda, só podia surtir naquella retorta da Baía desmedida aquelle precipitado. — Foi tão natural e espontaneo que ainda não se extinguiu. Difundiu-se em dois seculos, e aí está, impressionante, nesta adoravel capadoçagem nacional que atenúa em bõa hora a nossa melancolia de semi-barbaros... — Mas noto a tempo o desgarrão que me desorienta, escrevendo, rapidas, estas linhas, tornando-lhe o tempo e expondo aí, desalinhas e em flagrante,

a impressão ou antes uma das impressões que me deixou seu belo livro. Vou relê-lo e talvez melhor o compreenda.

Reccebi o seu cartão. Não devia surpreendê-lo o efeito do artigo (36). A sua ação intelectual, afirmo-o, e confirmam-me algumas cartas que a respeito reccebi, — é muito maior do que julga. — Pretendia falar sobre o notavel mimetismo psiquico da obnubilação exposto no livro com tanta clareza. Mas onde iriam parar os meus orçamentos e os meus projetos e os meus empreiteiros, si eu firmasse a pena nesta discussão? — Até breve, e creia sempre na alta consideração e estima do patricio e admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

Lorena, 22-3-903.

Dr. Lucio de Mendonça, — reccebendo a sua carta no momento de seguir viagem, não quero, entretanto, demorar-lhe a resposta, tal a satisfação despertada pela sua leitura. Além disto, ela vem de uma terra sagrada para mim, esse alpestre Terezopolis, onde passei os mais verdes anos e me ericiei; de sorte que a adoravel vila fórma o cenario mais lonjiquo das minhas recordações e

(36) V. cartas de 9.3.903.

das minhas sandades (37). É natural que daí só me venham emoções superiores; e nenhuma maior eu poderia sentir que a transmitida pela sua carta, onde vejo um aplauzo sincero, menos ao valor, que acazo possa ter o meu livro, que aos sentimentos que o inspiraram. — Infelizmente, porém, julgo que não corresponderei às esperanças que ela sujere e que o senhor tão bondosamente enuncia. A minha enjenharia rude, enjenharia andante, romanesca e estéril, levando-me em constantes viagens através de dilatado distrito (38), destrói a continuidade de quaisquer esforços na atividade dispersiva que impõe. Aí está meu colega e querido amigo Bueno de Andrade, que a conhece bem sob os seus vários aspectos — desde o estilo aleijado dos officios á alma torturoza dos empreiteiros. — Entretanto, com uma teimosia incoercível, pertinácia de quem não quer desviar-se de um rumo predileto, eu vou alinhando, através da secra dos orçamentos, novas paginas de um livro que será tardio, feito em minutos de folga, e sem a inteireza emocional que a Arte exige. — Em virtude mesmo desta vida fatigante, esqueceu-me mandar-lhe, e tal incorreção involuntariamente a cometi para com outros distintos

(37) Euclides, nascido em 1866, em Santa Rita do Rio Negro (Cantagalo), Estado do Rio, foi em 1869 para Terezopolis, onde ficou até 1871, ano em que se transferiu para S. Fidelis (E. do Rio).

(38) Euclides era então engenheiro-chefe do distrito de Guaratinguetá (S. Paulo).

patricios, um exemplar dos *Sertões*. Corrijirei a falta quando estiver pronta a 2.^a edição, com a vantagem de oferecer um livro sem os deslizes de revizão que existem nos da 1.^a — Dezejando-lhe felicidades, peço que acredite na alta consideração de seu compatriota e admirador — *Euclýdes da Cunha*.

• • •

Lorena, 30-3-903.

Amigo dr. Araripe Junior, — chego de viagem e tenho a felicidade de encontrar a sua carta, de 23, que respondo. Antes de tudo, novos agradecimentos pela 2.^a parte do estudo sobre os *Sertões* (39). Diverjimos apenas num ponto: notei que é maior que a sua a minha simpatia pelos nossos extraordinarios patricios sertanejos. Quanto á "Historia da Revolta" — é ainda um plano. Só poderei iniciá-la quando me apparecer o primeiro dia de folga nesta vida trabalhoza. Além disso, levado pelo dever profissional a mistéres tão diversos, terei de lutar muito para considerar aquele assunto. Si o artista é sobretudo um individuo empolgado por uma impressão dominante, estou nas mais improprias condições para isto. -- Shakespeare não faria o *Hamleto* si tivesse, em certos dias, de calcular momentos de flexão de uma viga metálica; nem Miguel Angelo talliaria aquele estu-

(39) Publicada, bem como a primeira parte, no "Jornal do Comercio" em março desse ano.

pendo *Moysés*, tão genialmente disforme, si tivesse de alinhar, de quando em vez, as parcelas aritmeticamente chatas de um orçamento. E eram genios. — Por isso mesmo, escrevendo ha dias ao dr. João Ribeiro, agradecendo a remessa das *Obras poeticas* de Claudio Manuel da Costa ao futuro colega da Academia, disse-lhe sinceramente que não me julgava aparelhado para aquella posição. — Eu creio, porém, que sairei breve desse desvio morto da Engenharia, sem descarrilhar; aproveitarei o primeiro triangulo de reversão que apparecer, e avancarei na minha verdadeira estrada. — Revendo a 2.^a edição do meu livro, chamei, em nota, a atenção do leitor para o “Reino encantado”, a proposito do caso da Pedra Bonita. E faria a chamada antes, se conhecesse antes aquelle romance (40). Penso que o senhor é injusto no aniquilar aquelle seu trabalho, talvez porque o tentava escrito dia a dia para roda-pé de um jornal. Sem lizonja, considero-o. Pena é que tivesse abandonado aquella trilha. Não temos romances historicos, sendo a nossa vida nacional tão farta de episodios interessantissimos e originaes. A este proposito, estou quazi a lhe dar o mesmo conselho que me deu ha poucos dias, em carta, o dr. Lucio de Mendonça: avientar com a fantasia criadora um dos mil incidentes da nossa historia. Temos quadres e sucessos que fariam o delirio de Dumas e

(40) *O Reino encantado* (chronica sebastianista), romance de Aratipe Junior, Rio, 1878, edição da “Gazeta de Noticias”, publicado primeiramente em folhetins nesse jornal.

Walter Scott. — Aí está, para citar um só exemplo, esta arrebatadora figura de D. Pedro I, lindíssimo tipo de um rei-cortezão da liberdade, — a desafiar os mais ardentes artistas. E deixamo-lo na eterna nudez da estatua do Rocio... — Iria longe si lhe dissesse quanto pretendia dizer, tomando-lhe pecaminosamente o tempo precioso. Lá para abril pretendo ir até aí. Hei de procurá-lo e conversaremos melhor. Aqui fico sempre ao seu dispôr, como discipulo muito amigo e admirador — *Euclydes da Cunha*.

* * *

Lorena, 28 abril 1903.

Pethion de Vilar (41).

.....

A sua opinião sobre os *Sertões* guardo-a entre as que mais me podem enobrecer. — Tenho aqui, em roda, na quietude do meu gabinete, uma esplendida sociedade silencioza de amigos que me falam com a eloquencia de suas cartas animadoras e sinceras. Faltava-me a frase triunfal e ardente de *Pethion de Villar*, o maior poeta do Norte. Tenho-a agora. — Crejo que está nas suas expressões generozas a melhor critica do meu livro. Compreendo-o admiravelmente.

(41) Pseudonimo do dr. Egas Moniz Barreto de Aragão, medico, poeta e professor baiano, falecido em 1924.

Acompanho o seu notavel esforço no propagar o espirito da nossa terra entre outros povos. Admiro-lhe a abnegação ante tarefa de tal porte. — *Euclides da Cunha.*

• • •

Lorena, 29-5-903.

Max Fleiuss. — Respondo a carta de V. — Não recebi o officio do sr. Raffard (42) notificando-me a eleição para o honrozissimo cargo de socio correspondente do Instituto Historico. Sabendo dela apenas pelos jornais e por algumas cartas de amigos, aguardava a participação official para agradecer tão grande distincção, certo entre as maiores que eu poderia dezejar tão falto de meritos me considero para a receber. — Tratando do fim principal de sua carta, vacilo em deferir ao seu delicado convite, já pelo diminuto do tempo — que as exigencias da minha profissão agravam — já por me faltarem recursos para apreciar rigorosamente a figura notavel do Duque de Caxias, uma vida que, como sóe succeder com a de todos os grandes homens, foi um aspecto da uossa propria vida nacional. Ao mesmo tempo, porém, penso que não devo forrar-me ao encargo em que converjem a obrigação de atender a quem tanto me enobrece com o seu conceito e a atrac-

(42) Comendador Henrique Raffard, falecido a 4 de agosto de 1906, então primeiro secretario do Instituto Historico.

ção inegavel do assunto. — Mas, accitando-o, só posso contar com a bôa vontade e com o amôr que dedico ao passado da nossa terra; e como estes attributos não bastam á extensão da teze, temo iludir a expectativa tão favoravel que a sua carta revela. — Por isto alvitro uma lijceira variante á minha missão: no envêz de uma “Memoria” (porque para isto talvez seja escasso o prazo de que disponho), farei o discurso official em nome do Instituto. — Deste modo si tiver a felicidade de lhe dar a amplitude e o valor de uma monografia digna de nota, valerá pela “Memoria” em questão, e, no caso contrario, terá menos relevo, si não passar despercebida, a deficiencia do meu trabalho. E’, como vê, um alvitre pratico de quem, fiando muito pouco de seu valor, não quer, entretanto, fugir a tão nobilitador encargo. — Não posso terminar sem lhe agradecer muito o juizo que externou sobre *Os Sertões*. Obrigadissimo. Não remetti como dezejava, um exemplar ao Instituto porque a 1.^a edição se resente de muitos deslizes de revizão. Estando já pronta a 2.^a, que sairá por estes dias, apressar-me-ei em corrigir a falta. — Lamento não conhecer o parecer do sr. Alfonso Celso, a que se referiu (43). — Aguardando as suas ordens, sou com a maior consideração — Crdo. Obrm. atto. admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

(43) O parecer de Alfonso Celso achase publicado no Tomo 66, 2.^a parte, p. 131, da *Revista do Instituto*.

Lorena, 12 junho 1903.

Dr. José Verissimo, — Cumprimento-o, desejando-lhe felicidades e á Exma. familia. — A noticia que hoje li, ao voltar de viagem, num “Correio da Manhã”, sobre varios candidatos á Academia, é antes de tudo uma indiscrição de jornalista. Mas tem o valor de libertar-me da vacilação que me tolhia no concorrer áquele lugar. Não posso mais recuar. E sem temer o insuccesso inevitavel - porque o simples fato de ser admittido á concurrencia basta a enobrecer-me consideravelmente — cumpro o dever de lhe comunicar a minha candidatura, antes mesmo de me dirigir ao Presidente da Academia, porque ao Sr. devo o favor da apresentação do meu nome, então obscuro, á sociedade intelligente da nossa terra, amparando-o com extraordinaria generosidade. (Não veja aí lizonjaria vã; nunca consegui deixar de escrever o que sinto). — Continuo na minha enjenharia fatigada e errante — e, agora, com a sobrecarga de uma monografia sobre o Duque de Caxias. Felizmente me habituei a estudar nos trens de ferro, nos *trollys*, e até a cavallo! E’ o unico meio que tenho de levar por diante esta atividade dupla de chefe de operarios e de homem de letras, vizando quasi o ideal dessa *vida intensa*, da qual tratou superiormente o extraordinario Roosevelt no seu ultimo livro. — Sem mais, queira sempre dispôr de quem é com muita consideração seu — am.º at.º e admirador — *Euclides da Cunha*.

Lorena, 12 de junho de 1903.

Meu Pai, — Dezejo que esta o encontro de bôa saude. Não lhe tenho escrito porque desde o dia 28 do mez passado ando em constantes viagens. Tenho mandado, logo que aqui chegam, as "Lectures pour tous", e hontem um "Comercio de S. Paulo". O Lacm-mert propôz comprar-me desde já por 1:600\$000 a 2.^a edição dos "Sertões" que saiu ha 3 dias. Aceitei porque preciso fazer uma entrada do seguro de vida que fiz, e com o que anteriormente recebi paguei as dividas que tinha. Além disto, nada perco porque num primeiro livro só se aspira a um lucro de ordem moral, e este eu o tive de sobra. — Infelizmente me obrigaram a ser candidato á Academia de Letras com a infelicidade de ter, entre outros antagonistas, o velho autor dos "Múneiros da Desgraça", Quintino Bocayuva (44), que me derrotará pela certa -- porque leva para a ação a propria influencia politica, e levantou-lhe a candidatura o *primus inter pares* da nossa gente, o Barão do Rio-Branco. Os poucos votos que eu terei, porém, valerão pela qualidade. — Peça-lhe que dê lembranças nossas a Adelia e Otaviano (45), e abençõe ao seu Filho e Am.^o — *Euclýdes*.

(44) Quintino Bocayuva não chegou a ser candidato á Academia. Com Euclýdes inscreveram-se á vaga de Valentim Magalhães os srs. Xavier Marques, Domingos Olimpio e Silvino Amatal.

(45) Dr. Otaviano Vieira, cunhado de Euclýdes, atualmente ministro aposentado do Tribunal de Justiça de S. Paulo.

P. S. — Além daquela quantia dão-me os editores, 45 livros, o que eleva a importancia da venda que fiz.

* * *

Lorena, 18 junho 1903.

Meu caro Max Fleiuss. — Cumprimento-o e dezojho-lhe felicitações. Ha dias enviei ao concudador Raffard dois officios em resposta aos que ele me mandou sobre a minha entrada para o Instituto e sobre a honroza missão de que o mesmo me encarregou. Enderecei-os para o Instituto, e, como não dezignei o local nessa cidade onde é a séde do mesmo (46), renovo por seu intermedio o avizo temendo que por qualquer circumstancia se tenham extraviado. Já estou, nas minhas raras horas de folga, estudando a vida do Duque de Caxias; e como não tenha prazo prefixado para levar avante a missão penso poder realizá-la satisfatoriamente. Prometi-lhe um exemplar da segunda edição dos *Sertões* e tenho o maior prazer em oferecer-lho. Não tendo, porém, ucalum aqui, e não querendo demorar-me no cumprimento da promessa, peço-lhe o favor de entregar aos Srs. Laemmert Cia. a incluza carta. Mandado-a certo de que me desculpará a inconveniencia do pedido, atendendo á circumstancia de me achar lonje

(46) A séde do Instituto era, então, á praça 15 de Novembro.

dessa capital e não saber quando poderei ir até lá. Sem mais, disponha sempre de quem ó muito admirador e amigo. — *Euclides da Cunha*.

* * *

Lorena, 21 junho 1903.

Exmo. Sr. Machado de Assis. — Tenho a honra de solicitar a V. Exa. a minha incluzão entre os candidatos á vaga existente na Academia de Letras. Certo de uma aquiescencia, que por si valerá para mim como o melhor dos titulos, subscrevo-me com a mais elevada consideração — De V. Exa. — criado muito at.^o e admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

S. Paulo, 4-7-1903.

Dr. José Verissimo. — Desejo-lhe felicidades e a todos os sens. Recebi hontem uma carta do nosso amigo João Ribeiro, mais animadora quanto ao successo da minha candidatura, que já supunha morta. Vou agora escrever aos academicos. Peço-lhe, porém, (e estendo o pedido aos drs. J. Ribeiro, Araripe e Lucio de Mendonça) que se recorde da minha situação de enjenheiro errante, prezo pelos empreiteiros e absorvido em orçamentos, quasi sem tempo para curar dos meus proprios interesses. Os outros candidatos, mais folgados e

num outro meio, têm elementos praticos de successo que eu não posso ter. Aqui, em S. Paulo, ninguém acredita que eles triunfem, — mas eu estou convencido do contrario, si me deampararem os bons amigos com que conto. — Aqui cheguei hontem impresionadissimo com a noticia de estar docente o meu pai; felizmente encontrei novas mais animadoras e penso que não terei de fazer longa viagem ao interior, voltando dentro de dois dias para a minha tranquila Lorena. — Creia sempre na consideração e estima do — *Euclides da Cunha*.

P. S. - Já tinha recebido, enviada pelo proprio Instituto, a revista a que o Sr. se referiu na sua carta. Realmente lá encontrei valiozos documentos.

* * *

Lorena, 7-7-1903.

Exmo.^o Snr. Dr. Affonso Celso Junior, — cumprimento-o dezejaudo-lhe felicidades. — Venho, não por obedecer a uma formalidade, mas espontaneamente e com a maior satisfação, solicitar o seu voto á minha candidatura á Academia de Letras, — porque o considero entre os que maior brilho darão á minha investidura. — Peço-lhe que creia sempre na elevada consideração do seu — compatriota, att.^o ex.^o e admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

Lorena, 10-7-1903.

Exm.^o Snr. Machado de Assis. — Tendo tido a felicidade de ser incluído por V. Ex. entre os concorrentes á cadeira que vagou na Academia de Letras em virtude do lamentavel falecimento de Valentim Magalhães, e recordando-me das animadoras palavras que me dispensou, e que foram para mim uma grande honra e um grande estímulo, — venho solicitar o seu voto em prol da minha candidatura. Peço-lhe que acredite sempre na mais elevada consideração do seu — compatriota cr.o att.^o e muito admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

Lorena, 17-7-1903.

Dr. Affonso Celso, saúdo-o e a toda a Exma. familia. — Nem sei como responder ao seu delicadissimo cartão de 10 do corrente. Afirmo-lhe, porém, que ele não me surpreendeu. Ali está, integral, na concisão expressiva do seu cavalheirismo, a nossa antiga generosidade brasileira. — Aceito com verdadeira ufania, na minha rude mão de enjeiteiro, a sua mão fidalga e immaculada. Somos dois homens igualmente concientes dos principios que adotam; e embora estes nos separem, ligamo-nos num plano mais alto: o mesmo amor á nossa terra. E como, ambos, não temos partidos — porque o Sr., dignamente abraçado aos antigos ideais, foje no resvaladio das agitações inconsistentes que por aí lo-

vram, e eu, — abraçado aos principios republicanos, sou repellido pelos singulares co-religionarios que da Republica não querem nem mesmo a rudeza puritana dos yomen de Cromwell, — penso que este apêgo ao Brasil nos fraterniza na unica politica seria destes tempos. De sorte que é com legitima satisfação e a mais franca simpatia que me assino — confrade amo. att.º e muito admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

Lorena, 24-7-1903.

Escobar, — dezejo-te felicidades e aos teus. — Recibi a tua carta; e fico certo de encontrar-te em S. Paulo. Lá cheguei no dia 4 pela manhã. Si não puderes ir á estação do Norte procura-me na Repartição ao meio-dia. Procurar-te-ei no Hotel Bela Vista. Irei provavelmente para o Hotel de França. Quanto á Academia, tenho certos os seguintes votos: Rio-Branco, Machado de Assis, Arthur Azevedo, João Ribeiro, Verissimo, Lucio de Mendouça, Affonso Celso, Coelho Netto, Filinto, Araripe, Raymundo Correia, Garcia Redondo e, provavelmente, Oliveira Lima, Laet e alguns outros. Dois, Arinos e Augusto de Lima, que eram certissimos, ainda não tomaram posse. Como vês — si não triunfar tenho em compensação a *élite* dos nossos homens de talento ao meu lado. Nem quero outra vitória. Sei que os outros concorrentes *cavam* danadamente, e é possível

que algum deles triunfe. Mas... o grande Paul-Louis também foi derrotado. Em S. Paulo conversaremos melhor. Responde-me — duas linhas — dizendo o dia certo da tua ida, ao amigo — *Euclides*.

* * *

Lorena, 26-7-1903.

EXM.^o SR. Machado de Assis, — Cumprimentando-o respeitosamente e á Exma. Senhora, apresso-me em agradecer a grande distinção de sua carta de 20 do corrente que hoje li, ao voltar de viagem. Ela não me surpreendeu. Desde o primeiro dia em que tive a felicidade de conhecer pessoalmente a V. Ex. — o que para mim foi o complemento de relações bem antigas — fiquei sob a impressão de um deslumbramento, ao notar a incomparavel bondade e a rara superioridade de coração com que me revestiu a sua nobilitadora estima. O sufragio que me vai dar será para mim uma consagração. — Subcrevo-me, com a mais profunda estima e elevado apreço, seu — am.^o e cr.^o att.^o obrg.^o e admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

Lorena, 10-9-1903.

Coelho Neto, — o vento sul que aí está destoucando as rozeiras de Campinas, sacode, neste momento, as

palmeiras imperiais da minha melancolica Lorena... e é uma lufada apenas, um fragmento do sudoeste bravo que, a estas horas, se estira e tumultua precipitado nas planuras das pampas e dos chacos!... O diabo é que ele tambem me bate nos nervos; e aqui estou docente, a vibrar, a vibrar, á toa como aquelas harpas da gongorica peroração de Mout'Alverne. Isto não me impede, porém, de te responder logo, — ainda que o faça implicado por um interesse. De fato, sendo a eleição da Academia no dia 15 (disse-me isto Machado de Assis, quando estive no Rio), temo que alguns immortais não votem, distraídos pelos acontecimentos; e como não me ficaria bem lembrar-lhes tal coiza, peço-te que escrevas a respeito aos que te forem mais intimos. Estou lonje, a braços com esta profissão, e a minha candidatura ainda pode sossobrar. Mando-te a lista dos votos com que conto com absoluta confiança: o teu e os do Lucio, Salvador, Araripe, Machado, Rio-Branco, Affonso Celso, Inglez de Souza, Silva Ramos, Arthur, Verissimo, João Ribeiro, Garcia, Filinto, Raymundo, Murat e Arinos (si tomar posse). — Já vês que ha desgraçadamente nesta carta um novel egoistico. Continjencia humana. — Adeus; até breve. Recomenda-me a todos os teus. — Abraça-te fraternalmente — *Euclides da Cunha*.

* * *

Lorena, 22-9-1903.

Meu Pai, — dezejo que esta o encontre bem de saúde. — Apreso-me em comunicar-lhe que fui eleito

hontem para a Academia de Letras — para a cadeira do seu grande patricio, Castro Alves. Assim, o desvio que abri nesta minha enjenharia obscura, alongou-se mais do que eu julgava. E' ao menos um consolo nestes tempos de filhotismo absoluto, verdadeira idade de ouro dos mediocres. Tive eleitores como Rio-Branco e Machado de Assis. Mas não tenho vaidades: tudo isto me revela a bôa linha reta que o Snr. me ensinou desde pequeno. Hei de continuar nela. Mande sempre noticias. — Filho e amigo. — *Euclydes*.

P. S. No meu discurso de posse hei de recitar alguns versos de um velho poeta M. R. P. C. (47) — que acompanharam as primeiras edições das “Espumas Fluctuantes”.

* * *

Lorena, 22-9-1903.

Exm.º Snr. Machado de Assis, — Cumprimentando-o e á Exma. familia, apresso-me em lhe agradecer a extrema gentileza de seu telegrama de hontem, dando-me a mais agradavel das noticias. Creia o meu distintissimo patricio que no novo posto a que fui elevado (e não sei de nenhum outro mais elevado, neste paiz) me encontrará sempre assistido de uma bôa vontade sem limites para obedecer á lucida direcção que está impri-

(47) Iniciais de Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, pai do Euclydes, autor da poesia *A morte de Castro Alves*, 1874.

mundo no movimento intelectual da nossa patria. — Sempre com a mais alta consideração e maior estima, sou seu — am.^o cr.^o muito admirador — *E. da Cunha.*

* * *

Rio, 10-10-1903.

EXM.^o SR. DR. RODRIGO OTAVIO, DMO 1.^o SECRETARIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. — Agradecendo a V. Ex. a honrosa comunicação que me fez em data de 25 de setembro p. findo, relativamente á minha eleição de membro dessa illustre corporação, para a cadeira de Castro Alves, vaga pela morte de Valentim Magalhães, declaro que a recebi com a maior satisfação, ficando inteiramente ciente dos grandes e nobilissimos deveres imanescentes a tão elevado cargo. — Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Ex. os protestos da maior estima e consideração, subscrevendo-me — confrade obm.^o e muito admirador — *Euclides da Cunha.*

* * *

Lorena, 14-10-1903.

Max Fleiuss, — saúdo-o e desejo-lhe felicidades. — Não tendo tido o prazer de o encontrar outra vez, antes de partir para aqui, — renovo por meio desta o pedido que aí lhe fiz para enviar-me os documentos que puder dispensar relativos ao nosso saudoso Valentim Maga-

lhães (48). — Terei com eles os cuidados que se tem com as verdadeiras reliquias; pode confiar-n'os certo da restituição, que farei pessoalmente, quando aí estiver em novembro, para tomar posse do meu lugar no Instituto (49). — Quanto a este ultimo ponto, peço-lhe, igualmente, que me diga qual o dia da sessão em que se realizará aquele ato. — Sem mais, creia-me sempre com a maior consideração — am.^o obino, att.^o admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

Lorena, 18-10-1903.

Amigo dr. José Verissimo, — saúdo-o e a toda a Exma. familia. — Tem esta por fim solicitar-lhe dois grandes favores: — 1.^o) endereçar a inclusa carta para o dr. Joaquim Nabuco, porque não sei que destino lhe devo dar com segurança. Tracci-a á carreira, num intervalo desta minha vida trabalhoza. Subordino-a á sua censura. O 2.^o favor consistirá em aceitar um desgraçoso presente: o rosto de caboclo que aí vai. Para isto não considere as suas linhas desengraçadas; considere a minha boa intenção. - - E creia sempre na admiração e estima de quem é, muito cordialmente, — *Euclides da Cunha*.

* * *

(48) Max Fleiss, amigo intimo de Valentim Magalhães, dirigira com este *A Semana* (2.^a fase), 1893-1895.

(49) Euclides tomou posse no Instituto aos 20 de novembro de 1903.

Lorena, 16-11-1903.

Coelho Neto, — venho das cabeceiras do Tieté, depois de longa e penosa viagem, e contava encontrar, ao chegar, notícias tuas. Nem uma carta, porém. Porque? Esta é a segunda ou terceira interrogativa que te faço profundamente surpreendido. Mas como, felizmente, estas coizas não têm força para a minha solida estima, renovo-a sem magua, e já que não me dás notícias tuas, dou-t'as minhas. — Graças á minha rijidez nativa de caboclo, continuo bem nos "steep-chases" desta profissão errante; e neste momento, ao meu lado, trez pequenos titans de um covado de alto — toda a minha prole — perturbara-me consideravelmente com as suas rizadas triunfais, cheias de vida. — Em rezumo, — tudo bem aqui. E lá? Vou propositadamente fazer ponto nesta pergunta, sem alongar esta, para não lhe desvirtuar o fim unico de saber notícias tuas e dos teus. — Adeus. Dá um pouco mais de atenção ao teu — *Euclides*. — Recomenda-nos muito á Exma. Senhora.

* * *

Lorena, 22-11-1903.

Coelho Neto, — cheguei hoje do Rio onde tomci revolucionariamente posse do meu lugar no Instituto Historico (50). Os jornais limitaram-se a transcrever a res-

(50) Foi empossado neste Instituto a 20 de novembro. O discurso de Euclides está publicado na *Revista* do "Gremio", de 1916.

posta do Conselheiro Corrêa (51) que pronunciou o seu 10.008.º discurso. Não transcreveram o meu; não podiam arquivá-lo, tão a fundo, tão de frente, embora sob um aspecto geral, eu feri o prezente abominavel em que estamos. Sem vaidade — tive, por alguns momentos, em torno de mim, a simpatia tocante de alguns tremulos velhinhos, e aqueles minutos irão consolar a minha vida inteira... — Depois conversaremos: em dezembro (em principio) irei visitar meu velho, e passarei aí (52) para te abraçar. — Então... eu não creio em Deus?! Quem te disse isto? Puzeste-me na mesma roda dos singulares infelizes, que uzam do ateísmo como uzam de gravatas — por *chic*, e para se darem arcos de sabios... Não. Rezo, sem palavras, no meu grande panteísmo, na perpetua adoração das coizas; e na minha miserabilíssima e fallia ciencia sei, positivamente, *que ha alguma coisa que eu não sei*... Aí está neste bastardinho (e é a primeira vez, depois da aula primaria, que o escrevo) a minha profissão de fé. Ha de adivinhá-lo o teu valente coração. Si existir o teu céu, meu brillante amigo, — para lá irei direitinho, num vôo, um largo vôo retilineo desta alma aquilina e santa — com assombro de não sei quantos rezadores, cujas azinhas de bacurau servem para os voejos, na penumbra do Purgatorio. E serás o meu companheiro de jornada, porque é na nossa su-

(51) Conselheiro Manuel Francisco Correia, orador do Instituto.

(52) Campinas.

per-encervação, e é no nosso idealismo sem fadigas, e é na nossa perpetua ansia do belo, que eu adivinho e sinto o que não sei. Singularissimo ateu... — Mas não quero tomar-te mais tempo. Até breve. Recomendações e abraços do — *Euclides*.

* * *

Lorena, 27-11-1903.

Escobar, — sómente hoje, ao voltar de uma penosa viagem (sempre uma penosa viagem!) posso responder a tua carta de 19 em que me dás notícias do novo filho, o João, que poderá ser tudo — Tenorio, Sem Terra, Huss, de Deus, Valjean, VI ou V, Baptista ou Fernandes — mas nunca Bocó, como peccaminosamente o disseste, caluniando-me por antecipação erradissima o rapaz. Nunca! E que a velhice (tão acelerada anda-me ela agora em que ha tanto velho trefego neste paiz!) me permita um dia vê-lo, copiando, nesta vida, a marcha direitissima do pai. — Já leste no "Jornal" de 26 o meu discurso no Instituto. Discurso, não: um desabafo. Lêste a lista dos que lá estavam: era o Brasil, o Brasil velho e bom. — Que felicidade, meu amigo! Não te rias: tive os olhos empanados de lagrimas quando, finda a sessão, aquellas mãozinhas tremulas e mirradas se agarraram, num agradecimento mudo, á minha mão nervosa... Tu não calculas como me senti bem, ali, no meio daquela gente, que não distribue empregos; e como avaliei bem o vigor desta minha bellissima alma sonhadora, tão despreendida

das infinitas esquirolas e da poeirada de cozinhas interesseiras que deslumbram tanta gente. — Depois conversarcimos. — No dia 3 seguirei para São Paulo. Encontro-te lá? Em tal caso previna-me com antecedencia.

Lembranças aos teus; e recebe um abraço (do qual darás metade ao nosso João) do am.^o velho — *Euclides da Cunha*.

P. S. — Vai esta em dois pedaços porque escrevi precipitadamente em duas folhas diferentes.

* * *

CARTA A LUCIO DE MENDONÇA (53)

(de 1904)

“Li com o maximo interesse a sua carta de 22 onde estão alguns apontamentos sobre o *nosso homem*. Não se surpreenda com o desejo de conhecer tais pormenores, por parte de quem, (estudante militar e formando-se precisamente na epoca em que — em pleno poder — nos collocava acima de todos os homens deste pais) devia-os conhecer perfeitamente. Explico: naquela quadra não calculei bem a situação; vi no homem apenas um dos muitos *soldats heureux* que entram estonteadamente na historia. Além disto fui sempre um timido;

(53) Desta carta foi encontrado um rascunho, mas parece completa.

nunca perdi esse traço de filho da roça que me desequilibra intimamente ao tratar com quem quer que seja. Daí o ter perdido.

Aqui tenho um convite que leio hoje com tristeza e que na ocasião recebi com indiferença. “29 de Janeiro de 1893. Euclides — o Marechal precisa lhe falar hoje. Pinto Peixoto”.

Lá fui constrangido na minha farda de 2.º tenente e atrapalhado com a espada. Encontrei o homem na sala de jantar, á vontade, e em um dos seus dias de expansão. A filha mais velha, D. Anna, que já naquela hora matinal estava junto a uma maquina de costura — retirou-se logo que a cumprimentei.

E o grande dominador abriu-me a apertadissima pasta da sua intimidade:

— Veio em ar de guerra.... não precisava fardar-se. Vocês aqui entram como amigos e nunca como soldados.

Decorrei textualmente.

Agora meu caro Dr. Lucio, vá preparando o mais fulminante alexandrino das *Vergastas* para fulminar a minha horrorosa *inaptidão*. O grande doador de posições, referindo-se á minha recente formatura e ao meu entusiasmo pela Republica, declarou-me que *tendo eu direito* a escolher por mim mesmo uma posição, *não se julgava* competente para indicá-la... Que perspectival Basta dizer-lhe que estavamos em pleno despencar dos governadores estaduais!...

E eu (nesta epoca sob o dominio cativante de Augusto Comte, e que isto vá como recurso absolutório) —

declarei-lhe ingenuamente que desejava o que previa a lei para os engenheiros recémformados: um ano de prática na E. F. C. do Brasil!

Não lhe conto o resto. Quando me despedi pareceu-me que no olhar mortiço do interlocutor estava escrito: *nada vales*.

E tive ainda a inexplicável satisfação de descer orgulhosamente as escadas do Itamarati, atravessar alegremente o *saguão*, em baixo, e sair agitando não sei quantos sonhos de futuro... um futuro que desastradamente eu tinha destruído.

Conto-lhe o caso para que avalie a insciência em que estava daquele momento histórico, o que explica a minha ignorância atual.

Por isso, sempre que puder, *seu* que isto seja um compromisso que lhe tome o tempo tão bem empregado — transmita-me as suas impressões pessoais”.

* * *

Comissão de Saneamento de Santos.

Santos, 15 fev. 1904. — Meu eminente mestre (54). O Sur. está numa cidade (55) que eu vi na mais remota juventude, e bem perto do pequeníssimo vilarejo onde nasci — Santa Rita do Rio Negro. Não a conheço mais.

(54) A Machado de Assis.

(55) Nova Friburgo.

Mesmo dessa encantadora Nova-Friburgo tenho uma impressão exajerada. Foi a primeira cidade que eu vi; e conservo-lhe neste rever na idade viril, uma impressão de criança, a imagem desmezurada de uma quasi Babilonia... Calcule, portanto, quantas emoções me despertou a sua carta! Recebi-a em plena faina do meu triste officio, e para logo olvidando não sei quantos requerimentos e reclamações, andei a vadiar gallardamente no passado. E foi uma consolação: vi-me por algum tempo fóra desta agitação dispersiva em que ando metido. Realmente, desde que aqui cheguei não tive ainda um quarto de hora para me dedicar aos assuntos queridos, nem aos livros prediletos. Estou inteiramente embaraçado e prezo numa rêde... de exgotos! A comparação, tristemente realista, é tristemente verdadeira. Mesmo na ordem intellectual, a minha leitura exclusiva tem-se feito nuns pezados calhamagos, onde cada pajina faz o efeito de uma estrapada inquisitorial, no deslocar o espirito em successivas quedas. Durand-Claye, Bechmann, Arnold (como estamos lonje de Taine, Buckle, Comte, Renan...) estes barbaros anonimos são os familiares deste Mão-Officio... — Mas já lhes paguei o meu tributo de resignação, aprendendo afinal algumas formulazinhas entre as mil que ensinam; e livre, em breve, dos grandes charlatas, que a ciencia brutalmente utilitaria transformou em benemeritos curandeiros de cidades, — julgo que poderei em breve dedicar-me á minha profissão real. — E tanto assim é que lho peço dizer-me para quando está definitivamente marcada a

recepção na Academia. Prefiro a 1.^a quinzena de maio; mas subordinar-me-ei ao seu parecer. De qualquer modo aguardo a sua resposta para ir desde já alinhando o dia-curso. — Recomende-me a todos os seus e creia sempre na maior consideração e profunda estima do colega muito admirador — *E. da Cunha.*

* * *

Santos, 5 março 1904.

Meu illustre Mestre e am.^o (56) — Saúdo-o e á Exma. familia. — Na carta que anteriormente lhe escrevi (enviei-a para Nova-Friburgo) consultei-o sobre a data provavel da recepção na Academia. Aguardo a sua resposta, para ir desde já dispondo as coizas, e poder estar aí no dia marcado. Penso que a melhor quadra é a de maio a junho; mas aguardo o que rezolver. — Continúo na mesma vida fatigada de sempre. Encontro, entretanto, sempre algumas horas de folga para os estudos prediletos; e quando aí fôr hei de lhe dar conta do pouco que tenho feito. — Disponha sempre de quem é com a maior consideração — admirador e amigo — *E. da C.*

* * *

(56) Machado de Assis.

Santos, 12 de março de 1904.

Max Fleissz, — recebi com a maior satisfação a sua carta de ante-hontem. Aquí estou ás voltas com o meu triste officio de engenheiro. Quer isto dizer que bem pouco tempo me sobra para cuidar de coizas mais altas. Calcule a minha revolta contra essa situação lastimavel: chumbado á profissão ingrata que me desvia tanto dos estudos prediletos... — Mas realizo o milagre incrível de inventar o tempo; não deixo passar um quarto de hora de treguas, nesta azafama esteril — e neste estudo aos pedaços, mal feito, grandemente atrapalhado, vou seguindo pelos meandros de nossa historia. Um velho paulista — homem dos bons tempos — cedeu-me a sua coleção completa da Revista do Instituto — e ali tenho colhido muitos materiais para fixar a fisionomia da nossa gente no principio do seculo passado. Sem a conhecer bem, jámais poderei fixar os traços essenciaes do nosso velho Caxias. — A sua carta perturbou-me. Realmente, um estudo da época de d. João VI é tentador (57). Além d'isto, para mim seria o melhor prologo á grande vida do nosso grande e tranquillo heroi. E' bem possivel, portanto, que transfira para mais tarde o desempenhar-me do compromisso que tomei, para concorrer ao certamen que se abrirá. Mas que prazo tem

(57) O Instituto abriu, em 1903, um concurso para a melhor monografia sobre o governo de d. João VI. Foi premiado Oliveira Lima com a sua obra *D. João VI* (*V. Revista do Inst. Historico*, t. 66, II, ps. 275 e 301, e t. 67, ps. 398 e 440).

para isto? Para mim o grande valor da teze a desenvolver, está menos na figura de D. João VI que na alta significação da sua época. Quem a explanar com segurança fará simplesmente uma coisa extraordinária: *As origens do Brasil contemporaneo*. — Si me rezolver a isto hei de lhe escrever. Em todo o caso mande-me dizer que tempo ha para a entrega dos trabalhos. Os concurrentes que me citou seriam um motivo para que desde já eu evitasse o pleito, si a vontade de estudar não me dominasse a propria fraqueza. — Fêz bem em mandar que se aditasse no folheto do Laemmert (58) o parecer do Instituto, que tanto me satisfez. — Mande-me sempre noticias suas — e disponha sempre de quem é, com muita estima e consideração, — am.^o ob.mo e admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

Rio, 22-4-1904.

Coelho Neto. — Tens razão. Li a tua carta e, para logo, rompendo com um propozito que me parecia inflexivel, procurei o Lauro Muller (59) e pedi um emprego. Aquele velho companheiro, com enorme surpresa minha, — tão destemperados andam os homens

(58) *Juizos criticos (sobre Os Sertões)*, Rio, 1904, Laemmert & Cia., 99 pa.

(59) Lauro Muller, então ministro da Viação e Obras Publicas, fôra contemporaneo de Euclides na Escola Militar.

e os tempos! -- recebeu-me admiravelmente. Não era o ministro, era o antigo companheiro do ideal, o socio daquelles estupendos sonhos de mocidade (ó Republica!...) que não eei mais onde existem. Mas antepõe-se um obstaculo grave: a lejião inumeravel de engenheiros desempregados, que entope as escadas das secretarias. Não imaginas o que eu vi... Vê si concebes, de momento, com o melhor da tua fantazia, o quadro de uma especie de "Ensilhamento da Mizeria". Ha em cada caracol das escadas que levam aos gabinetes dos ministros uma espiral de Dante. Considera agora isto: eu entrei per uma delas; ninguem me conhecia; esquecera-me a preliminar de um cartão, de um empenho; de sorte que, a breve trecho, no apertão dos candidatos afoitos, capazes de pagarem com dois anos de vida cada degrau da subida, me vi frechado de olhares rancorosos... Estaquei, arfando, espetado, em pleno peito, por um cotovelo, rijido e duro, de concorrente indomavel; não ouvi o trajico ranjer de dentes; ouvi grunhidos. Quiz voltar; impossivel: não havia romper-se a falanje que se unia, em baixo, inteiriça, hombros colados como os dos suissos medievais na hora da batalha. Tirei desesperadamente o lenço e amaldiçoei-te, ó homem, que, a cem leguas de distancia, com um movimento da pena e um bater do coração, me atiravas naquella cisalhagem de almas, de musculos e de nervos! Mas naquele instante alvorou um rosto amigo e desconhecido e, logo apoz, sacudida por um gesto, que roçou um impertinente *cavaignac* vizinho, como a aza de um passaro num capão de

mato, uma pergunta: — E' o sr...? O *cavaignac* contemplou-me curioso, um sujeito gordo e tressuante por sua vez recrou, e na face cheia espalmon-se-lhe um sorriso; um outro, tambem gordo (a que mais podem aspirar estes homens? Noto que na sua maioria os candidatos são repletos de carnes) fez o milagre de afastar-se um pouco... e num minuto, nem sei como isso foi, estava lá em cima. E lá em cima canpolgou-me a vaidade, porque, em verdade, quem me levava até lá, com tanta felicidade, fôra o Euclides da Cunha! — Estas tolices escandalozas só se dizem aos irmãos. — Em rezumo, — volto amanhã para Guarujá, já repleto de esperanças; e conto que dentro de 2 ou 3 mezes estarei restituído á enjenharia. Tenho a bôa vontade incondicional dos dois Lauros — Muller e Sodré, além de muitos outros. Mas como não poderei ficar inativo (repito: a minha demissão foi uma cartada no vacuo (60); preciso trabalhar já e já), accitei o convite que me fez o Lage (61) para escrever n'“O Paiz”. Escreverei tambem n'“O Estado” (62). Mas tudo isto é provizorio. — Conversaremos melhor depois. — Recomenda-me aos teus e aos bons amigos de Campinas. — Abraço-te — *Euclides da Cunha*.

• • •

(60) Euclides demittira-se do cargo de enjenheiro da Commissão de Soncamento de Santos.

(61) João Lage, diretor de *O Paiz*.

(62) *O Estado de S. Paulo*, jornal de Julio Mesquita, grande amigo de Euclides.

Guarujá, 27-4-1904.

Vicente. — Aqui estou, diante da tua carta de 24, e a bater com ambas as mãos no peito, penitenciando-me de haver comentado amargamente o teu silencio. De fato, na roda intima do Viegas (63), do Sete (64) e do Catunda (6) esbravejei homericamente contra a demora da sua resposta. Mas passou... — Estive no Rio. Fui cativantemente recebido pelo Lauro Muller; e voltei cheio de esperanças. Considerando, porém, o doloroso estado em que encontrei ali a pobre enjenharia — torpemente jogada na calçaria esteril da rua do Ouvidor ou entupindo as escadas das Secretarias — creio bem que todas as esperanças são vãs. Que poderão arranjar-me? Imagina, portanto, quanta vacilação e quanto agitar o *ser* e o *não ser*, me lavraram devastadoramente o espirito... — Espero muita coisa; alimento projetos varios, todos mais ou menos viaveis, falivcis todos; accnam-me com varias colocações; imagino outras, que se cavaem logo; e nesse tumultò, vou-me ajitando no estouteamento de quem segue tateando entre mirajens. — Doloroso é isto: tenho doze anos de carreira fatigante, abnegada, honestissima, clojiada, traçada retilineamen-

(63) De João Gomes Viegas, auditor de guerra, em S. Paulo.

(64) Dr. Primitivo Sete, ministro do Tribunal de Justiça de S. Paulo.

(65) Dr. Thomaz Catunda. Em 1905 foi o medico da comissão chefiada por Euclides, no Purús. Todos amigos de Vicente de Carvalho.

te; passei-os como um asceta, com a maxima parcimonia, sem uma hora de festa dispendioza, e chego no fim desta reta tão firme, inteiramente desaparelhado! — Nada caracteriza melhor as deploraveis condições deste paiz, para os trabalhadores verdadeiramente dignos de tal nome. — Mas não desanimo. Por comodidade prefiro ficar em Santos. Tenho pena da pobre da familia arrastada nestas mudanças continuadas... Ha talvez um meio de ficar: vai construir-se o instituto ou escola da herança do dr. Otavio. Muitas pessoas desejam que eu me encarregue administrativamente dos trabalhos. Apenas uma, F..., por motivos a que sou estranho, tem outros intuitos. Não sei si a tua intervenção junto dele teria eficacia decisiva. Si assim o julgares, escreve-lhe a este respeito. — Conseguido aquelle serviço, eu poderia continuar os estudos prediletos e aguardar com mais serenidade que appareça uma colocação melhor. — Porque agora, de repente, não ha boa vontade nem influencias que me consigam boa colocação no funcionalismo. Está tudo tomado; e para alguns lugares vagos, que ainda existem, ha triplicado numero de candidatos, que ha muitos mezes moram nas ante-salas das Secretarias. — Segundo me disse o Muller, e eu verifiquei depois, muitos deles já estão trabalhando desde muito tempo, gratuitamente, para adquirirem direitos á nomeação. Ainda mais: para se entrar neste quadro original de funcionarios gratuitos... é preciso empenho. — Assustei-me mais no naufragio *manqué* do *Alamiro*. Lem-

bras-te? (66) Pois, meu Vicente, estende-me de lá a tua mão amiga, para que este sudeste rijo da desgraça não arrebate inteiramente o teu — *Euclides*.

P. S. — Lembranças a todos os teus. Endereço: Santos (Guarujá).

* * *

S. Paulo, 13-6-1904.

Ilustre colega e am.^o dr. José Verissimo, — saudando-o dezejando-lhe felicidades. Breve pretendo ir até aí, e então darei melhores notícias minhas. O objectivo unico desta carta é enviar-lhe um n.^o do "Estado", onde se lê um artigo de Henrique Coelho (67), um magnifico companheiro e uma esperança. Sei da grande inclinação que o sr. tem pelo grande problema social; e dezejo saber qual a sua opinião sobre o artigo do Henrique, que é um convencido e um dos poucos que no nosso reduzidissimo meio intellectual se preocupa com estas questões. — Continuo ainda em Guarujá (Santos), para onde voltarei amanhã. Lá estou inteiramente ao seu dispôr, e lá aguardo a sua resposta. — Creia sempre na maior consideração do seu — am.^o muito admirador — *Euclides da Cunha*.

* * *

(66) V. artigo de Vicente de Carvalho na *Revista*, da Academia, n.^o 92, pag. 428.

(67) Funcionario da secretaria do Interior do Estado de S. Paulo, ex-companheiro de collegio de Euclides. Falecido em 1926. Autor do livro "Joaquim Nabuco".

Guarujá (Santos), 24-6-1904.

Meu illustre confrade e am.^o dr. José Verissimo, — saúdo-o, dezejando-lhe felicidades. — Por uma carta, neste momento recebida, de Oliveira Lima, vi com a maior satisfação que o sr. aplaudo o meu intento de seguir para os remotos pontos da nossa terra que dezejo ver e estudar de perto. Ainda mais, sei que intervirá eficazmente para o successo pleno da minha tentativa. Venho agradecer-lhe a bôa vontade e o valiozo concurso. Não lhe escrevi antes porque não dezejava que se ampliasse aquelle intento, ainda instavel e tendo como recurso unico a minha resolução. Mas já que em bôa hora aquelle nosso distinctissimo confrade lh'o revelou, venho dizer-lhe que espero tudo dos seus bons officios. Não escreverei directamente ao Barão do Rio Branco. Mais do que as minhas palavras valerão a sua e a de Oliveira Lima. — Para mim esse seguir para Mato-Grosso, ou para o Acre, ou para o Alto-Juruá, ou para as ribas extremas do Mahú, é um meio admiravel de ampliar a vida, o de torná-la util e talvez brillantissima. Sei que farei muito. Aquellas parajens, hoje, depois dos ultimos movimentos diplomaticos, estão como o Amazonas antes de Tavares Bastos; e si eu não tenho a vizão admiravel deste, tenho o seu mesmo anêlo de revelar os prodijios da nossa terra. — Si por acazo fôr tardia a organização das comissões demarcadoras dos nossos limites, poderei seguir só — com o objectivo de dizer sobre os aspectos fizicos e riquezas essenciais da

quelas regiões. Não creio que seja coisa difficil. Pelo menos não é uma novidade. O simples nome de Alexandre Ferreira (desculpe-me este envidar-me em ouzados paralelos) nos diz que o exemplo é velho, tem muito mais de cem anos. Além disto, si as nações estrangeiras mandam cientistas ao Brasil, que absurdo haverá no encarregar-se de identico objectivo um brasileiro? — Isto justifica as minhas mais fundadas esperanças. Aguardo a sua resposta; e espero muito breve abraçá-lo aí. Creia sempre na maior consideração do seu — muito cordalmente — *Euclides da Cunha*.

P. S. Não ha temer-se a opposição de um espectro, o Exército, por cauza dos *Sertões*. Tenho lá, mesmo naquelles lugares, amigos — bastando citar o nome de Siqueira de Menezes. Além disto, o rancor despertado pelo livro vai muito atenuado...

* * *

Guarujá, 5-7-1904.

Henrique Coelho. — Transcrevo de uma carta de José Verissimo, que não mando por tratar de outros assuntos que me interessam: “Tambem me agradou muito o artigo que me fez o favor de enviar, do sr. Henrique Coelho, pelo fundo e pela forma, que é já de um escriptor. De parte o talvez excessivo numero de citações — a que aliás nós os escriptores brasileiros somos obrigados pela inepcia do nosso publico — o artigo é muito

bem feito. Não obstante extenso, é de uma leitura fácil e agradável". — Ai está um juízo feito na intimidade. Absolutamente sincero, portanto. — Adeus; felicidade. Abraço-te. — *Euclýdes da Cunha*.

• • •

Guarujá, 7-7-1904.

Meu ilustre am.^o dr. José Veríssimo. - - recebi a sua prezada carta e fiquei satisfeitiíssimo com o seu valioso juízo relativamente ao meu *Marechal de ferro* (68). Também transmiti ao Henrique Coelho a sua opinião sobre o trabalho dele. — Quanto ao outro assunto — ela fortaleceu as esperanças na realização do meu ideal de bandeirante. Estou cada vez mais animado em levá-lo por diante. Que melhor serviço poderei prestar á nossa terra? Além disto, não dezejo Europa, o *boulevard*, os brilhos de uma posição, dezejo o sertão, a picada malgradada, e a vida afanoza e triste de pioneiro. Nestes tempos de fragilidade já não é pouco. — Ampare por isto, com o innegavel prestígio do seu nome, a minha pretensão. E diga-me sempre uma palavra a respeito dela. Aguardo ansiosamente uma decisão. — Escrevi hontem outra vez ao nosso eminente confrade Oliveira Lima. — Recomende-me muito a todos os seus,

(68) Artigo de Euclýdes, incluído depois em *Contrastes e Confrontos*.

e creia sempre em quem é seu muito cordialmente. —
Euclides da Cunha.

P. S. — Antes de partir tomarei posse da cadeira na Academia. Mas não poderei sair daqui sem uma decisão clara.

• • •

Guarujá, 7-8-1904.

Coelho Neto, cheguei neste momento da ilha dos Buzios, onde estive com o Cardozo de Almeida (69). Encontrei a tua carta e leio-a, de pé, de mala a tiracolo e de botas, sem mesmo sentar-me, tal o dezejo que tinha de noticias tuas. Obrigadissimo. Vejo que estás bom e com a melhor corajem para a luta, embora digas o contrario. Impressionou-me apenas pouco agradavelmente o fato de não iras mais para a Europa. Por que? Conta-me isto. Egoisticamente folguei com a nova, mas, como amigo, lamento o caso, prevendo-lhe canzas que sejam para você um desgosto. Conta-me isto. Quanto a mim estou entre mirajens, tenho milhões de promessas, milhões de esperanças e creio mesmo que, amanhã, hei de ver-me atrapalhado para escolher os empregos. Enquanto isto não acontece caio na enjenharia a retalho das vistorias. — Quanto á Politecnica: ia tudo admiravelmente — eu queria, o governo queria muito, a congregação queria muitissimo a minha nomeação, porém,

(69) Então secretario da Justiça do Estado de S. Paulo.

á ultima hora razões muito sérias, e muito honestas, obrigaram-me a escrever ao sr. Garcia Redondo uma carta que era, afinal, o rompimento das nossas relações. Depois te contarei este caso melancolico. Renunciei desabridamente á pretensão (70). Mas muitos não me entendem neste ponto, de sorte que talvez ainda seja surpreendido com a nomeação.

Andas escrevendo muito. Trez artigos diarios! Não te exgota esta dissipação da fantazia e esta caçada exaustiva dos assuntos? Quando voltas para Campinas? Afinal, tive razão... Não devias ter deixado a bôa cidade provinciana. Vais fazer de filho prodigo, de talento e de ideais — e como o da Biblia serás recebido com o melhor carinho daquela gente. Ainda bem. — Habituci-me ao Guarujá, ou melhor: o Guarujá comigo — tolera as minhas distrações, o meu ursismo, a minha virtude ferocissima de monje e de dispeptico, de sorte que passo a melhor das vidas ás voltas com o garrulo H. Heine ou com o Gumplowicz terrivelmente sorumbatico. Ponto. Imagina que ainda estou de botas, e de mala ao lado, e de chapéu á cabeça, — com os meus dois pequenos a puxarem-me desesperadamente para a sala de jantar! Recomenda-me aos teus. — Abraço-te muito affectuosamente. — *Euclides da Cunha.*

* * *

(70) V. adiante carta a Henrique Coelho, 9-9-90f.

Guarujá, 25-8-904.

Meu Pai, — recebi a sua carta — e fico ciente do que nela me diz. Creio — mas não ha muita certeza — que os vencimentos (71) são de 3:000\$000 mensais. Em todo o caso não serão muito inferiores a esta quantia, para o 1.º commissario — havendo, além disto, uma ajuda de custo que ainda não se fixou. Quanto ao orçamento da Bertioga e dos Buzios (mandei hontem o 1.º) estou certo de que o dr. Cardozo de Almeida saberá avaliar devidamente o trabalho. — O sr. tem razão: tenho sido idealista de mais — e disto bem me atrependo. Vou fazer o possível para considerar as coizas praticamente, sem contudo perder a minha velha linha recta á qual já estou habituado. Para mim a comissão ao Purús terá o valor de preparar-me talvez outras — porque pretendo desempenhá-la com a maxima dedicação. Antes de partir — irei até ai (72) e conversaremos melhor. — Esta vai sendo precipitadamente escrita porque pretendo acabar hoje o orçamento da colonia penal dos Buzios. — Peço-lhe que nos recomende a todos e abraços do -- Filho e am.º — *Euclýdes*.

* * *

(71) Vencimentos de chefe da comissão de limites.

(72) Fazenda da "Trindade" do pai de Euclýdes, em Belém do Descalvado (Estado de S. Paulo).

Guarujá, 31-8-904.

Meu illustre am.^o dr. José Verissimo, — tenho-lhe falado tanto na *minha* ilha dos Buzios que não rezisto á idéa de mandar-lhe uma amostra desse belo recanto da nossa terra. Veja como é caprichosa a nossa natureza: occultar no mar alto uma de suas faces mais belas! Como o sr. talvez queira conhecer alguns dos do grupo que lá está, numerai-os: 1 — Benedito Cabixto, talentozo pintor vicentista; 2 — Cardozo de Almeida, ministro da Justiça do Estado; 3 — Antonio de Godoy, chefe de Policia; 4 — um enjeuheiro cujo nome não me ocorre; e 5 — Alberto Souza, escritor paulista. No extremo do cartão, muito afastado, e em destaque, está um animal hem superior a todos os outros, um pescador da ilha, rija e empertigada figura de piraguara robusto. — Desculpe-me mandar a estampa sem cartão — é o melhor meio para o transporte no correio. — Até breve. Si souber alguma coiza sobre o dia provavel da nossa partida, peço dizer-m'o logo — porque aqui estou na mais absoluta incieneia das coizas. Queira abraçar por mim ao Verissimo Filho; recomendar-me a toços os seus e dispor sempre do — am.^o ai.^o e admirador — *Euclides da Cunha*.

P. S. — Faço votos para que já esteja inteiramente restabelecida a sua filhinha.

Guarujá, 6-9-904.

Meu ilustre am.^o dr. José Verissimo, — a sua carta de 3 do corrente deixou-me verdadeiramente atônito: nunca, meu ilustre amigo, absolutamente nunca, batizei o menor dos accidentes topograficos nesta terra; e si tivesse de o fazer, creia que de modo algum me utilizaria do nome de quem quer que seja, por mais expressivo que ele fôsse. Ha por força um equívoco em tudo isto; alguma informação errada que eu prontamente destruirei desde que lho conheça a origem. — Realmente, como diz bem o sr., seria lamentavel, seria até desastrozo, que eu escorregasse por esse plano inclinado do engrossamento abaixo, que os homens de hoje armaram... para subirem! Não — ainda estou, com o Sr., ao lado da exigua minoria dos que entendem que o melhor serviço a prestar-se nesta terra, no actual momento, consiste sobretudo na seriedade, que é uma forma superior do heroismo no meio deste enorme desabamento... Peço-lhe muito e muito que me esclareça; estamos eulcados num *mal entendeu* bem desagradavel, mas que será desfeito. — Quanto á noticia do “Jornal do Brasil” — falsissima. Veja por aí como andam esses homens! Não os conheço, nunca os conversei — e no entanto se julgam habilitados a afirmativas de tal portel — Fez bem em não lhes dar o menor credito: a partida para o Alto-Purús é ainda o meu maior, o meu mais belo e arrojado ideal. Estou pronto á primeira voz. Partirei sem temores; e nada absolutamente (a não ser um dezastre de ordem fisica, que me invalide), nada abso-

Intamente me demoverá de um tal propositio. Já abri mão de outros interesses que aqui me ofereceram, de sorte que, até sob o ponto de vista material, a minha renuncia seria inexplicavel. Além disto, eu teria o cuidado de notificá-la para logo ao Barão do Rio Branco, ao Sr. e ao Oliveira Lima. Assim, sobre este ponto — estamos entendidos. — Quanto ao *Cubatão*, dentro de dois dias (depois de consultar um velho conhecedor do assunto que assiste em Santos) dir-lhe-ei algo a respeito. Por agora o que sei é isto: *Cubatões* (e não *Cubatão*) chamam-se em geral os pequenos morros nas vertentes ou melhor, no sopé das cordilheiras. E' o significado popular; talvez o melhor. — Mando-lhe nova fotografia com os sujeitos cujos nomes mandei na minha carta ultima. — Muitas recomendações a todos os seus, e creia no seu — am.º at.º o admirador — *Euclýdes da Cunha*.

* * *

Guarujá, 9-9-904.

Vicente, — felicidades. Recebi a tua carta de 5, e de acordo com ela esperei o "Selvajeu", que ainda não chegou (73). Escrevo-te atrapalhadamente, no tumulto das arrumações da minha papelada para a proxima mudança. Pretendo seguir depois do dia 20 para São Paulo, e de lá para o Rio — devendo a partida para o Pu-

(73) *Selvagom*, conto de Vicente de Carvalho (V. *Paginas soltas*, pag. 111).

rús realizar-se na 1.^o quinzena de outubro. Assim tenho tempo de trabalhar um pouco em prol da tua candidatura (74). Afirmo-te que ajirei fortemente. Escrevi ao Neto para que ele, por sua vez, a ajitasse, e estou bem convencido de que o pedido será satisfeito. Amanhã espero aqui o Oliveira Lima e vou atacá-lo diretamente. Depois, no Rio, espero conseguir algum resultado. — Mas lembra-te que esses homens não te conhecem como eu te conheço e que eu não posso, em que pése ás mais entusiásticas referencias, dar-lhes uma idéa exata do teu valor real. E' preciso agir. A inscrição (li hontem esta noticia nos jornais do Rio e no "Popular") já está aberta, devendo encerrar-se no dia 30 deste. A eleição será em fevereiro. Deste modo, lia tempo para que se faça o livro de prosa e verso a que te referiste. Que ele se publique em janeiro — e isto talvez seja o triunfo. Será a espada de Breno, lançada, no ultimo momento, num dos pratos da balança. Arma-te, pois, de uma forte decisão! Tens muita coisa; resta-te quasi que apenas o trabalho material de uma escolha cuidadosa. Este resto de setembro pode ser aplicado em fazê-la e no conseguir o editor mesmo em S. Paulo. Restarão outubro e novembro para a impressão. Em dezembro pode aparecer o livro... — E' indispensavel este esforço. Tens

(74) Candidatura de Vicente de Carvalho á Academia Brasileira, na vaga de Marius Junior (1905), á qual concorreram tambem Souza Bandeira e Ozório Duque-Estrada. Vicente retirou-se, sendo afinal eleito Souza Bandeira em 27 de maio de 1905.

pela frente adversarios de ha muito bem aconchegados nas *coterics* parciais que os aninham e orientam. Alguns sem grande valor, mas praticos, sujeitos que fizeram um nome como os usurarios fazem fortuna, vagarosamente, ajuntando todos os vintenzinhos dos aplausos frivolos e todos os mulambos de umas idéas esmirradas. Mas lá estão como grandes coisas. Não te resistirão no dia em que puzeres ao lado do lirico da "Rosa de amor" a rijida envergadura do atleta magnifico da proza. Para estes Kroupatkines das letras uma tatica tempestuosa de Kuroki. . . (75) Assim, — não vaciles; não vaciles absolutamente! Considera-te em uma batalha, em que o triumpho só possa surgir nos deslumbramentos de um movimento inesperado. O livro é indispensavel. Um dos concurrentes, e tem valor real, — o Sousa Baudreira, — só tem um livro (76) que, afinal, é uma reunião de velhos artigos ha muito publicados. O exemplo, portanto, existe. Traço-te um programa que deve ser estritamente cumprido: deves ir a S. Paulo, reunir o melhor das tuas publicações, contratar logo o editor e a impressão, e anunciar desde já o livro, com o titulo competente. — Não ha tempo a perder. Não deves perder um dia. Responde-me logo, dizendo o que houveres resolvido. Deves apresentar-te á concorrência depois do dia 20 deste, em carta dirigida ao Presidente da Aca-

(75) Aliáz Kuropatkine, general russo. Kuroki, general japonéz. Alusão á guerra russo-japoneza (1904-1905).

(76) *Estudos e Ensaíos*, 1904.

demia, Machado de Assis (rua Cosme Velho 18, Laranjeiras). O pedido especial a cada um dos academicos, depois. — E' o que tenho a dizer-te hoje, na enorme atrapalhação em que me acho, ás voltas com os preparativos de uma mudança. Não te esqueças: a inscrição encerra-se no dia 30 deste. — Lembranças a todos. Abraça-te fraternalmente o — *Euclides*.

• • •

Guarujá, 9-9-904.

Henrique Coelho, — hontem, quando aí estive, na Secretaria, não pude dizer-te o que sentia na ocasião. Impediu-m'o a presença perturbadora de dois estranhos — embora o que tivesse a fazer fôsse bem simples. Isto: dar-te um grande abraço e dizer-te que o insuccesso da minha velha pretensão eu o abençoô, pois fui largamente compensado. Procurava, ansiosamente, uma cadeira, uma prozaica posição de lente — e encontrei dois corações. Felizmente, prefiro os ultimos. Sou um eterno idealista. Nem esta vida pode ter encantos sem esta forma superior e incompreensivel á grande maioria dos vivedores. A tua estima e a desse Bento Bueno (77) tão gentilmente grande no sentir e na nobreza incomparavel com que espontaneamente se colocou a meu lado — dizem-me que triunfei. — Abençoada a hora em que eu

(77) Ex-secretario da Justiça de S. Paulo, na presidencia Carlos de Campos.

dezejei ser um simples lente substituto da Escola Politecnica de S. Paulo! -- As palavras animadoras e cativantes de Ramos de Azevedo foram certamente sinceras. Homens daquela tempera não disfarçam o sentir, nem precisam disfarçá-lo. — Mas o fato é que foi — graças aos mais justos motivos — removida para o futuro, um futuro indeterminado, a realização do velho idéal. E só por esta circumstancia já não creio nela. Mudam vertiginosamente os tempos e os homens... Pois bem! não cuidarei mais disto — e continuo a dar-me os parabens. Ganhei a partida. Obrigado, meu velho amigo, abraça por mim Bento Bueno, e creiam ambos, sempre, no teu — *Euclýdes da Cunha*.

Da Amazonia, a que foi levado Euclydes da Cunha em missão tecnica e diplomatica, a de reconhecimento do rio Purus, em companhia de outra comissão peruana, ha uma soma de cartas, traduzindo principalmente impressões do mundo estranho e majestoso.

Manáos, 30-12-904.

Meu Pai, — muitas felicidades é o que lhe desejo e a todos. — Acabamos de chegar e como temo que o vapor volte amanhã muito cedo, escrevo esta ainda de bordo para não perder a oportunidade de mandar notícias. Fizemos sempre bõa viagem, embora o meu estomago incorrijivel me trouxesse um meio enjõo intoleravel desde a partida do Rio! — Foi bom. Preciso afeiçoar-me ao mal estar. — Considero estas coisas como um preparatorio á minha empresa atrojada. Em todos os portos onde saltei fui gentilmente recebido graças á influencia do seu grande neto “Os Sertões”. Realmente nunca imaginci que ele fõsse tão longe. No Pará tive uma laucha especial oferecida pelo senador Lemos e alguns rapazes de talento. Passei ali duas horas inolvidaveis — e nunca esquecerei a surpresa que me causou aquella cidade. Nunca S. Paulo e o Rio terão as suas avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de filas successivas de arvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil o que é a cidade de Belém, com os seus edificios desmesurados, as suas praças incomparaveis e com a sua gente de habitos europeus, cavalleira e generosa. — Foi a maior surpresa de toda a via-

jem. Na volta, hei de demorar-me ali alguns dias. — Nada lhe direi sobre o Amazonas. Não teria tempo. Escrevo na atrapalhação do desembarque. Peço-lhe que me mande noticias suas. Devemos permanecer aqui mais de um mez, porque os peruanos chegaram com as lanchas desarranjadas e mandaram-nas para Belém onde estão concertando-se e ainda não os vi. — Direi depois sobre a impressão que me causaram estes desconhecidos, com os quais terei de passar tantos dias na mais estreita intimidade. — Peço-lhe dizer ao Otaviano que lhe escreverei, infalivelmente, pelo primeiro vapor. Ele que mande tambem noticias suas e de todos. Mandeilhes brevissimas de todos os portos onde estivemos, em cartões postais. Não sei se aí chegaram. Felizmente reina boa harmonia entre todos os da comissão, entre esta e a do coronel Belarmino. — Estou animado. Avalio bem as minhas responsabilidades. Não vacilo. Hei de cumprir inflexivelmente o meu dever e, tanto quanto possível, corresponder á confiança com que me honraram. — Reciba saudades do — Filho e Amigo — *Euclides*.

* * *

Manaus, Dez.º 1904.

Affonso Arinos.

Somente hoje posso mandar-te uma breve noticia — taes as atrapalhações, taes os embarços que me saltavam aqui nesta ruidosa, ampla, mal arranjada, mono-

tona e opulenta capital dos seringueiros. Escrevo-te docnte, este delicioso clima do illustre e ingenuo Bates resume-se num permanente banho de vapor — á noite, pela madrugada, pela manhã, durante o dia todo em que reina a canícula, livremente oscilando de 29.º a 30.º Deve ser admiravel para o organismo das palmeiras.

Dai a minha ansia de partir — buscando a forte distracção do meu du'lo com o deserto, nesta majestosa arena de quinhentas leguas que me oferece o Purús.

Mas esta ansiedade vivo a mata-la todos os minutos, vendo a todo instante a minha grande boa vontade a tropeçar e a cair, batida por não sei quantos pormenores, minusculas questões de detalhe com que não contava.

Felizmente a gente é boa. Em que pese ao cosmopolitismo desta Manaus, onde em cada esquina range o portuguez emperrado ou rosna rispidamente o inglez e canta o italiano — a nossa gente ainda os suplanta com as suas belas qualidades nativas de coração — e, certo, uma das minhas impressões de sulista está no perceber que o Brasil ainda chega até cá.

Em outra carta scrii mais extenso. Qualquer ponto que escolhesse me levaria longe e o fim unico desta é mandar-te as minhas saudades e um grande abraço (um abraço com quasi 22 de latitude!) do teu — *Euclides*.

Manaus, 1905.

Domicio da Gama.

Mal tenho tempo de escrever-te. Manaus, onde eu julgava ficar tão poucos dias e onde estacamos de improviso, a braços com os maiores empecilhos na aquisição de meios de transporte é hoje para mim uma Capua abrasadora, trabalhosa, que me devora energias, menos pelo excesso de felicidade que pela sobrecarga de preocupações. Imagina esta situação de parada forçada e inatnável na minha engenharia de Cesar. Quiz chegar, observar e voltar, mas cheguei e parei. Estaquei á entrada de meu misterioso deserto do Purús; e, para maior infelicidade, depois de caminhar algumas tres milhas, cai na vulgaridade de uma grande cidade estritamente comercial de aviadores solertes, zangões vertiginosos e inglezes de sapatos brancos. Comercial e insuportavel. O crescimento abrupto levantou-se de chofre fazendo que trouxesse, aqui, ali, salteadamente entre as roupagens civilizadoras, os restos das tangas esfiapadas dos tapuias. Cidade meio caipira, meio européa, onde o tejupar se achata ao lado de palacios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do yankee espigado... o seringueiro achambouado, a impressão que ela nos incute é a de uma malóca transformada em Gand.

Imagina como atravesso estes dias agravados pela canicula de 30° á sombra e á noite... na constancia for-

midavel de uma estufa. Dai a molestia, em que pese á minha organização de salamandra.

Escrevo-te com febre, uma febre monotona em que o termometro se arrasta traiçoeiramente, com uma leutidão medrosa, a 37° e 38° — resolvi diariamente solicitar a aliança perigosa de um medico. Do teu — *Euclides*.

* * *

Manãos, 13-1-905.

José Verissimo — Meu bom amigo, — escrevo-lhe dissentindo abertamente da sua opinião sobre este singularissimo clima da Amazonia — e embora ela, já de si mesma valiosa, tenha o reforço de Wallace, Walleis, Maury e quantos cuidaram deste assunto, não posso forrar-me á experiencia dolorosa que neste instante — menos pela sujeição da columna mercurial desde hontem firme em 30°, que por um completo aniquilamento organico — me revela as exijeneias excepcionalissimas de uma aclimação difficil. Em carta neste momento escrita ao Arinos disse que quem resiste a tal clima tem nos musculos a elastica firmeza das fibras dos buritis e nas arterias o sangue frio das sucuriubas. E, sem o querer, achei o traço essencial deste portentoso *habitat*. E' uma terra que ainda se está preparando para o homem — para o homem que a invadiu fóra de tempo, impertinentemente, em plena arrumação de um cenario maravilhoso. Hei de tentar demonstrar isto. Mostrarei, talvez, esteiando-me nos mais secos numeros meteorolojicos,

que a natureza, aqui, soberanamente brutal ainda na expansão das suas energias, é uma perigosa adversaria do homem. Pelo menos em nenhum outro ponto lhe impõe mais duramente o regimen animal. Neste perpetuo banho de vapor todos nós compreendemos que se possa vejetar com relativa vantagem, mas o que é inconcebível, o que é até perigoso pela soma de esforços exigidos, é a delicada vibração do espirito e a tensão superior da vontade a cavaleiro dos estimulantes egoisticos. E' possível que uma maior acomodação me faça pensar de outro modo, mais tarde. Neste momento, porém — em que a pena me escorrega dos dedos inundados — não sei como traduzir o *glorious clime* de Bates. Não ha exemplo de um adjetivo desmoralizado (felizmente em inglês!) — Falta-me o tempo para continuar neste desabafo, o unico que me permite o ambiente irrespiravel. Preciso dar-lhe breve conta de mim. — Entreguei a sua carta ao dr. Goeldi (78) e não preciso dizer-lhe como me recebeu ele, e que duas horas inolvidaveis passei a seu lado pelos repartimentos e entre as maravilhas de um dos mais notaveis arquivos do mundo. Mais tarde, e talvez pela imprensa, direi a miuba impressão integral. — Escrevo-lhe ás carreiras, sem tempo e sem saber como... não dizer, como evitar o tumulto de coisas que desejava

(78) Emilio Augusto Goeldi, naturalista suíço, nasceu em Sennwald, cantão de Saint-Gall, a 28 de agosto de 1859. Veio para o Brasil em 1884. Faleceu na Suíça a 10 de julho de 1917. Foi director do Museu que hoje tem o seu nome, no Pará.

contar-lhe. Si o fizesse, deixaria de escrever não sei quantas outras cartas e não sei quantos officios. — Levo — nesta Meca tumultuaria dos esringueiros — vida perturbada e fatigante. Ao mesmo tempo que atendo a sem numero de exigencias do cargo, soffro o assalto de impressões de todo desconhecidas. Foi um mal esta parada obrigatoria, que não sei até quando se prolongará: perdi uma boa parte de movimento adquirido, para avançar no deserto. Mas resigno-me, hem certo de que a minha velha boa vontade não afrouxará com tão pouco e confiante na minha abstinencia espartana no reagir ao clima. Alguns graus de febre que tive, ao chegar, passaram — e espero que não tenham sido um lugubremente gentil cartão de visita do impaludismo, pressuroso em atender ao hespede recémchegado. — Em outra carta serci hem mais extenso. Agora, é impossivel. Escrevo-lhe apenas para dizer-lhe que estou hom, animado e seguro de cumprir a missão. Quero que abraçe por mim ao nosso grande e querido mestre Machado de Assis, Araripe Junior, Graça Arauha e João Ribeiro. Recomende-me muito á Exma. Senhora e filhos — e creia que é com as maiores saudades que lhe mando um abraço — *Euclides da Cunha*.

* * *

Manáos, 18-1-905.

Muito de proposito, Porchat, escrevo-te nas aperturas deste cartãozinho para mandar-te noticias minhas.

— Tenho medo da saudade... — Temo que ela se expanda livremente em quatro paginas. E' o que mais me doe nesta vida aventureira: as imagens dos amigos constantemente evocadas e cada vez mais impressionadoras á medida que se aumentam as distancias. Quero escrever-te a correr, como quem foje de uma tortura. — Como vão os teus? — Eu, firme na minha envergadura esmirrada e sêca, faço neste clima canicular prodijios de salamandra. Vou bem. Neut o mais ligeiro abalo, agora. Fiz as pazes com o sol do equador e adapto-me admiravelmente na atmosfera humida e quente, feita para as fibras das palmeiras e os nervos dos poetas. Manda-me noticias de todos e não te esqueças nunca do --- *Euclýdes*.

* * *

Mauáos, 22-1-905.

Dr. Edgard Jordão (79) — Reccebi a sua conferencia, aqui, nesta cidade, onde me prendent os trabalhos preparatorios para a proxima viagem ás cabeceiras de Purús; e, apesar das perturbações do momento, não me forcei á ansiedade de a ler. — Foi uma felicidade. Não o digo sob o grande abalo, muito comprehensivel, que me causou a sua tão nobilitadora simpatia, sinão inspirado pela imagem surpreendedora de um belo e robusto espirito que irrompe daquelas paginas tão desassombra-

(79) O Dr. Edgard Jordão, orador de formatura, enviara a *Euclýdes* o seu discurso — "Entremos desassombradamente na arena da vida."

damente triunfantes. — Permitti-me um lance de vaidade; reví-me um pouco naquelas ousadias e no fulgor da sua palavra, e, por momentos, volvidos perto de quinze anos, escutei o éco lonjínquo de muitos ideais desaparecidos. Ora, esta só evocação justificaria o meu mais fervente agradecimento, excluída a cativante gentileza com que me nomeou, alevantando-me aos mais altos cimos do espirito nacional. — Mas o que sobretudo me surpreendeu na sua oração foram o desgarré revolucionario, o aprumo de pensar e uma esplendida rebeldia de conceitos, revelando-me, improvisadamente, um desses trabalhadores muito jovens, mas aos quais nós, que vamos enfraquecendo no meio da jornada, cedemos de muito nosso bom grado o passo, confiando-lhes — com o maior carinho e com o maior entusiasmo — a defesa das nossas mesmas aspirações. — Não o lisonjeio; não quero agradá-lo. — Estou a dois passos do deserto e nas vespéras de uma viagem, inçada de tropeços, dessas em que a gente leva carta de prego para o Desconhecido. — Talvez, não volte. Falo, portanto, como quem se confessa. Falta-me até o tempo para alisar a semsaboria dessa falsa delicadesa entrajada das frases engomadas do bom tom. — Escrevo-lhe como a um irmão mais moço, a quem nunca vi — e sinto-me verdadeiramente feliz, considerando que ele será em breve uma componente nova das nossas energias intellectuaes, tão desfalecidas nestes dias. — Manda-lhe um grande abraço de amigo e admirador — *Euclides da Cunha*.

Manáos, 22-1-905.

Porchat — mando-te um grande abraço e muitas recomendações a todos os teus. Escrevo-te á carreira e por não lutar inutilmente com as saudades. Falta-me de todo o tempo — totalmente absorvido pelos mil nada de profissão. De sorte que esta carta — una carta escrita por mim, e do Amazonas! — que deveria aí chegar dilacerada de pontos de admiração — aí chega massadamente familiar só para te dizer que estou bom e desejo noticias tuas. Mais tarde, então, conversaremos. — Quero tambem pedir-te um favor: recebi do Dr. Edgar Jordão, um belo discurso, e nesta data escrevi-lhe, agradecendo. Não sabendo, porém, onde ele assiste — endereeí a carta para a Tipografia Andrade e Mello, onde foi impresso o trabalho. Quero que véles sobre esta carta de modo que seja recebida. — Perdõa-me o laco-nismo. Mais tarde — ainda que escreva das tristes solidões onde me vou perder — hei de dar-te longas noticias — Adeus. Muitas saudades aos teus. Um abraço a todos os amigos. Creia sempre no teu — *Euclydes*.

* * *

Manáos, 2-2-905.

Meu bom amigo dr. José Verissimo, — felicidades, muitas felicidades e a todos os seus. Escrevi-lhe talvez ha uns dez dias, de sorte que posso ser breve neste bilhete destinado apenas a apresentar-lhe os meus bravos

companheiros de expedição. Lá estou ladeado pelo tenente Argolo Mendes (ajudante substituto) e dr. Arnaldo Cunha (80) (auxiliar tecnico). Aos lados destes, os comandantes da nossa tropa de 30 praças (dez vezes meuos do que a dos imortais de Leonidas!) alferes Antonio Cavalcanti e Francisco Lemos. Ao fundo, em ordem successiva da direita, o eucarregado do material, coronel R. Nunes, o dr. M. da Silva Leme, secretario, o dr. Thomas Catunda, medico, e o fotografo E. Florence. Aí estão os homens. Quantos voltarão? Qual o primeiro a desertar do pequeno grupo cheio de desasombro e de esperanças?... — Aqui estamos, aguardando ajuda o dia da partida que talvez ainda se delongue, tão vagarosamente se estão aplainando as dificuldades que encontramos. A proposito ocorre-me um confronto bem eloquente. O grande explorador W. Chandless, inglez, quando chegou a Manãos, afim de explorar este mesmissimo rio Purús, encontrou da parte do Governo provincial e até do povo o mais eficaz e poderoso auxilio. E estavamos em pleno fervor da Questão Chrystie! e Chandless era inglez! e Chandless era um simples socio viajante da Sociedade Geografica de Londres! — Nós, brasileiros, revestidos de uma comissão official, encontramos empegos iudescrptives! Certo, temos mudado muito, meu illustre amigo... — Corrijo um topico da minha carta anterior: Escrevendo-a sob uma temperatura exaustiva de 30 grans, não tolli algumas amargas

(80) Primo de Euclides.

considerações sobre este clima. Era uma impressão passageira. Já estou meio reconciliado com ele. Já compreendo um pouco o *glorious clime* de Bates, o *delightful clime* de Wallace e até o *ceu de opalas* de Mourcroy. Desde o dia 13 que não aponto a temperatura siquer de 28°! e neste janeiro afogucado temos tido manhãs primaveris e admiraveis. — Noutra carta conversaremos melhor. Isto é um bilhete, á carreira. — Muitas lembranças a todos os seus. Saudades a todos os amigos — e creia sempre no — *Euclydes da Cunha*.

• • •

Manáos, 10-3-905.

Coelho Netto

Quando fui hoje ao correio para assistir a abertura da mala do "Gonçalves Dias" levava a preocupação absorbente de encontrar cartas de casa porque vai para dois mezes que não as recebo. Nem uma! Mas (temperamento singular o meu, feito para todas as dores e para todas as alegrias!) recebi toda garrida, embora vestida de preto, a tua carta gentilissima. E foi como uma janela que se abrisse de repente no quarto de um doente... Obrigado, meu esplendido companheiro de armas! Jamais avaliarás os resultados da tua verve tumultuaria neste meu tédio lugubre de Manáos. Manáos — ha uma onomatopéia complicada e sinistra nesta palavra — feita do soar melancolico dos barés e da tris-

teza invencível do Barbaro. Não te direi os dias que aqui passo, a aguardar o meu deserto, o meu deserto bravo e salvador onde pretendo entrar com os arremessos britânicos de Livingstone e a desesperança italiana de um Lara, em busca de um capítulo novo no romance mal arranjado desta minha vida. E eu já devia estar dominando as cabeceiras do rio sumptuoso, exaustivo nos primeiros bolços dos Andes ondulados. Mas, que queres? Manietaram-nos aqui as malhas da nossa administração indecifrável e só a 19 ou 20 deste receberemos as instruções que nos facultarão a partida. Imagina, se puderes, as minhas impaciências. Esta Manáo rasgada em avenidas, largas e longas, pelas audácias do Pensador (81), faz-me o efeito de um quartinho estreito. Vivo sem luz, meio apagado e num estontecimento. Nada te direi da terra e da gente. Depois, aí, e num livro: "Um paraíso perdido, (82) onde procurarei vingar a Híloe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVII. Que tarefa e que ideal! Decididamente nasci para Jeremias destes tempos. Faltam-me apenas

(81) Eduardo Ribeiro, ex-governador do Amazonas, assim cognominado por haver redigido no Maranhão, sua terra natal, o jornal *O Pensador*.

(82) Deste livro deu notícia Euclides a Coelho Neto do um capítulo, o qual parece estar definitivamente perdido na forma primitivamente projetada. A esse mesmo livro se destinariam os capítulos de "Terra sem história", primeira parte d'"A' margem da História".

umas longas barbas brancas, emaranhadas e tragicas. Vamos a outro assumpto. Chegou tarde o teu pedido sobre a proxima eleição da Academia. Já o Verissimo me comunicara a renuncia do Vicente, indicando-me o Souza Bandeira. Mandeilhe o meu voto pelo vapor passado. Entretanto da tua carta à dele medearam apenas 30 e poucas horas que foram do avançamento do "S. Salvador" sobre o "Gonçalves Dias". Caprichos da fortuna.

Não te esqueças de ir com tua Senhora visitar as minhas quatro enormes saudades na minha fazendinha de Laranjeiras. Escreve-me sempre e sempre. As tuas cartas serão recebidas mesmo no alto Purús.

12.º filho! Não sei se devo dar-te parabens por esse transbordamento de vida. Neste tempo e nesta terra as criancinhas deviam nascer de cabelos brancos e coração murcho, meu velho Coelho Netto. De mim penso que uns restos de mocidade nacional estão nas almas de meia duzia de sexagenarios dos bons tempos de outrora. Entre esses desfibrados e jovens imbecis tenho ás vezes, vontade de perguntar a um Andrade Figueira, a um Lafayette e a um Ouro Preto se ja fizeram vinte annos. Mas façamos ponto, alto! neste rolar pelo declive do meu pessimismo abominavel.

Adeus. Até a volta, porque — infalivelmente — ainda te apertará em um abraço o teu — *Euclides da Cunha*.

Manáos, 10-3-905.

Meu illustre am.^o dr. José Verissimo, — não lhe posso definir a satisfação que me causou a sua carta — magnificas palavras de amigo que as 3.000 e tantas milhas que nos separam tornaram, mais solemes e ouvidas por mim com verdadeira comoção. Aqui estou no meu posto sempre animado, sempre pronto á minha arrancada atrevida com o desconhecido. Mas que torturas, meu amigo, nesta longa parada com que eu não contava! Podia estar longe, podia estar nesta hora dominando as cabeceiras do Purús! E ainda não parti — e sómente no dia 19 deste chegarão aqui as nossas instruções!! Pontos de admiração deveria espalhar nestas linhas? Como é difficil o ter-se bõa vontade e disposição para servir a este paiz! O que sobretudo me impressiona, agora, é o havermos perdido a melhor quadra para a subida. Estamos em plena vasante — e temo que muito antes da fóz do Chandless a nossa marcha, por mais aforrada que ella seja, tenha de encalhar na vasa dos baixios. Certo não se me fraqueará o animo: marcharei a pé para o meu objectivo. Mas nem quero imaginar os empeços, as difficuldades, os perigos e até as torturas que nos esperam. . . — Vou, felizmente, bem. A minha reconciliação com o clima de Manáos é completa; e isto eu já disse na segunda carta que lhe escrevi, e que já deve ter recebido. Não tenho, infelizmente, tempo para continuar neste assunto. Preciso responder a outros topicos da sua carta. — Tambem senti muito não ter conhecido o dr. Barrozo Rebelo.

Saltei em Belém como um cego — numa lancha oferecida pelo senador Lemos —; tomei um carro oferecido pelo mesmo e andei vertiginosamente pelas majestosas estradas acompanhado por um representante do mesmo senhor. Não tive um minuto para procurar o opositorista destemeroso. Assim mesmo fiz uma das minhas rebeldias: ao passar por uma rua, li num letreiro “Folha do Norte” — e com surpresa do companheiro mandei parar o carro, saltei, e fui cumprimentar a redação. — Afirmando-me que “o homem (83) não me empolgou”. Fiquei-lhe grato pela gentileza, nada mais. — Quanto á eleição da Academia, lamentei o recuo do Vicente (84). Penso como o Sr.: voto no dr. Souza Bandeira que sempre considerei um belo espirito, sincero e robusto. Nos tempos desfalecidos que atravessamos precisamos de tais companheiros. — Não se esqueça de ir com a sua familia, sempre que desejarem dar um passeio, até a minha fazendinha de Laranjeiras (85), onde vivem as minhas quatro grandes e permanentes saudades. — Acha bom o título *Um paraíso perdido* para o meu livro sobre a Amazonia? Ele reflete bem o meu incurável pessimismo. Mas como é verdadeiro!? — Machado

(83) Antonio Lemos.

(84) Vicente de Carvalho, que concorrera á vaga de Martins Junior, juntamente com Souza Bandeira e Osorio Duque-Estrada, retirou depois a candidatura.

(85) Euclides estabelecera a familia na rua Cosme Velho (Agua-Ferreas), n.º 91.

de Assis, Araripe Junior, João Ribeiro, Teixeira de Souza (alias, *de Mello*), Jacaguay, Domicio da Gama, de nenhum deles me esqueço. Abrace-os por mim. E adens. Muitas recomendações a todos os seus. — Creia sempre na afeição sincera do — *Euclides da Cunha*.

* * *

Manãos, 17-3-905.

Domicio da Gama, - - beijo-lhe as mãos pela grande bondade com que atendeu ao meu telegrama pedindo noticias da minha familia. Passei-o coajido, sob o imperio de preocupações torturantes: ha quasi 2 mezes que não tinha uma carta de casa! — Felizmente, estou tranquilo e posso devotar-me, folgadoamente, á minha tarefa. Estou pronto. Aguardo apenas as instruções (que chegarão depois de amanhã, no "Espirito Santo") para seguir. Infelizmente o chefe peruano, do Purús, insistentemente me pede para seguirmos juntos, e como a sua laucha talvez se demore um pouco, já estou contando com mais alguns dias de demora, aqui. De qualquer modo, ao chegar esta aí, já estarei hem avantajado no rumo temerario da minha empresa. Vou animado, e bem firme na convicção de dominar as cabeceiras do grande rio; e como não creio que os hematozoarios e filárias cobicem a minha organização esteril e secca, de nervoso, o triunfo será inevitavel. — A's voltas com preocupações e trabalhos de toda a sorte, esquecem-me ás vezes os meus proprios interesses. Exemplo: o sr. Barão do Rio-Branco, espontaneamente, entendeu man-

dar gratificar-me pelos serviços que prestei, aí, antes da nomeação. Nunca mais pensei nisto. Recebi um telegrama da minha mulher, a este respeito, para mandar-lhe uma procuração que aí devia chegar antes do fim do mez, para que não caísse em exercicios findos aquela gratificação, que importa em quatro contos e duzentos. Mas não atendi a tempo ao pedido. A procuração que vai por este vapor, só aí estará de 6 a 8 de abril. Para remover o inconveniente passei hontem a ella um telegrama autorisando-a a receber aquella quantia, no Tesouro. Não sei si será eficaz. No caso contrario peço a sua intervenção, expondo o caso ao Ministro, que providenciará com a justiça habitual. — Nada posso contar desta terra. Escrevo num batelão em concertos, no meio de um estrepito estonteador de martelos e serrotes. Nem sei como alinhavo estas linbas. Escreverei de mais longe. Creia sempre na afeição sincera do — *Euclides da Cunha*.

* * *

Mapáos, 18-3-905.

Meu grande Mestre e Amigo Machado de Assis, — felicidades! — Em carta registrada, que lhe mandei por intermedio de José Verissimo, já tive o prazer de enviar o voto ao Dr. J. C. de Souza Bandeira, para a vaga de José do Patrocínio (86), obedecendo ao que me reco-

(86) A' vaga do Patrocínio concorreram Mario de Alencar, Domingos Olimpio e o ex-padre José Severiano de Rezende.

mendou em telegrama o Barão do Rio-Branco. — Este voto vai em duplicata, reflectindo uma situação dubia em que me acho, e que o Sr. terá de resolver aí, conforme as circumstancias. Realmente, remeto para uma mesma vaga dois votos, um para Vicente de Carvalho, outro para Heraclito Graça. — A razão é que, havendo eu sujeito ao primeiro a apresentação de sua candidatura na eleição passada, firmei, de alguma modo, com elle, um compromisso permanente. Despertei-lhe uma aspiração; não posso abandoná-lo. Trata-se de um querido amigo a quem estimo pelo coração e pelo talento — o como pôde acontecer que elle (a despeito do insuccesso anterior) se apresente ao novo pleito, entendendo que devo ir, espontaneamente, ao encontro desta hypothese. — Confio á sua arguecia finissima de adextrado psicologo o justificar esse exagero da afeição, ou mais esta minha exquiritice no considerar as coisas desta vida. — De qualquer modo a solução é simples: si o Vicente fôr candidato na eleição para a cadeira do Patrocinio, é dele o meu voto; si não fôr (o que é quasi certo) voto com o maximo prazer em Heraclito Graça, a quem não conheço pessoalmente, mas a quem tanto admiro e prezo como notavel sabedor da nossa lingua. — Estou nas vespervas da partida; e não lhe posso contar as preoccupações que me lavram o espirito, num entrechocar de coisas tão opostas e que vão das grandes esperanças, que me arrebataam fortemente para o desconhecido, ás saudades dolorosissimas, que tanto me atraem ás parajens onde está neste momento toda a minha felicidade. — Propositada-

menté abrevio as cartas ás pessoas que estimo. Docu-me muito, neste momento, todas as bõas recordações... A dureza da minha missão temeraria quasi que me impõe o olvido dos belos corações que tanto desejo que hatam, um dia, outra vez, ao meu lado. Felizmente me alenta uma certeza absoluta e inexplicavel de que voltarei. Hei de voltar. Hei de abraçá-lo ainda e aos bons amigos aos quais peço que transmita as minhas saudades. Creia sempre na maior veneração e verdadeira estima do — *Euclýdes da Cunha*.

* * *

Manáos, 19-3-905.

José Verissimo. Meu illustre amigo, — desejo-lhe muitas felicidades e a todos os seus. — Depois de escrita a carta que lhe mandei pelo vapor passado, recebi uma outra do dr. Souza Bandeira e um telegrama do Barão do Rio Branco relativamente ás proximas eleições da Academia. Já remeti os votos: o de Souza Bandeira na carta precitada, que seguiu registrada — e o da eleição seguinte (vaga de José do Patrocínio) por este vapor. Votei em Heraclito Graça — condicionalmente — isto é, desde que Vicente de Carvalho não seja candidato. Explico bem o caso na carta que nesta data envio ao nosso querido mestre. Aproxima-se o dia da minha partida; e, certo, eu a realisaria logo depois da chegada das instruções si não houvesse de aguardar que se aparelhem os peruanos. Não sei bem que tempo gastarão ainda. Noto que têm pouca pressa. Não se ajitam. Quedam

numa adorável placidez, em que se partem todas as mi-nhas impaciências. Espanhóes ardentíssimos, álares e ruidosos para as zarzuelas e para todas as requintadas troças desta demandadíssima Manáos — são quichuas, quichuas morbidamente preguiçosos quando se trata de partir. Chego a imajinar que não os interessa a empreza ou que mal a toleram, contrariados. E como nos que-rem mal! O interessante é que cheguei a esta conclusão, paradoxalmente, mereê da minha finura nativa de caboclo ladino. Porque cada um desses amáveis sujeitos, ao encontrar-nos, todo se desfaz em sorrisos, em multiplicados cumprimentos e em dizeres assucarados. Fica-lhes velado, no amago, o mal querer traiçoeiro. Afinal me ajeito á mesma esgrima; disfarço-me; e vibro, como posso, a ironia terrível da cordialidade hipocrita e temerosa em que vivemos. O futuro confirmará, talvez, estas conjecturas; e sem o aguardar, eu, si fôsse governo, trataria de garantir as tres largas brechias do Javary, do Juruá e do Purús, por onde deslisarão um dia, ao som das aguas, as suas frotas velozes de lanchas e de canôas... Não veja nisto apreensões patrióticas, que não tenho. Mas uma conclusão positiva: não ha paiz no mundo que como o Perú e o Brasil viziuhem em para-jens tão majestosamente opulentas. O conflito — quaisquer que sejam os paliativos atuais da arbitragem — arrebentaria como uma larga generalisação das rixas insanáveis do seringueiro e do caucheiro, absolutamente irreconciliáveis. -- Peço-lhe muito — e estendo o pe-dido muito particularmente á sua Exma. Senhora —

que vizitem sempre as minhas 4 imensas saudades, no retiro das Laranjeiras onde, idealmente, passo o melhor do meu tempo. — Não sei si ainda lhe escreverei daqui. Não cessarei de dar-lhe noticias. Faça o mesmo, porque é sempre com a satisfação mais intima que recebe noticias suas, o seu, muito cordialmente, — *Euclides da Cunha*.

* * *

Manãos, 20-3-905 (10 1/2 da noite).

Rangel — só, inteiramente só, na saleta estreita da tua bucolina tebaida... (87) Ou melhor, eu e algumas sombras: Frei João de São José, o estrenuo Ricardo Franco, o meticuloso Lacerda e Almeida e não sei quantos outros mais... Calcula si puderes, a nossa orjia silenciosa e formidavel de velhos sucessos acabados e estupendos lances para todo o sempre extintos. O velho frade, castamente voltaircano, com o seu belo dever castissimo, conta-me os casos antigos da Amazonia velha; o impavido tenente-coronel de enjenheiros (88), as suas quatro ou cinco odisséas sertanejas, e o maior explorador (89) de todos os tempos e de todos os paizes, o molde secular de todos os Levingstones e de todos os

(87) Alberto Rangel, cedera a Euclides a sua casa em Manãos, "uma casita alpendrada com largo panorama de mata baixa", onde ficou em companhia de Firme Dutra.

(88) Ricardo Franco de Almeida Serra.

(89) Lacerda e Almeida.

Stanleys, a sua peregrinação maravilhosa do “equador visível” aos últimos rebentos meridionais da Mantiqueira! — E vão-se lentamente escoando as horas nesta palestra esquiliana e sem palavras... O F... sain; está neste momento prosaicamente decaído sob o olhar adoravelmente fulminante de uma noiva. — Lá dentro — o Manoel, cotovelos fincados na mesa, cabeceia deploravelmente sobre uma cartilha de A B C amarrotada; e um grande, um misterioso silencio rendilhado de fujitivos rumores de folhagens agitadas de leve, — torna mais solene esta esmagadora quietude. Certo, si de momento em momento, um angustiado espirro da bronquite crônica do teu galinho, o “louquinho” no diagnostico do F., não me chamasse á realidade chatamente terrea, eu veria abrir-se misteriosamente a tua estante da esquerda e dela irromper o torturado Rollinat, de braço dado com

...l'eternelle dame en blanc

Qui voit sans yeux et rit sans lèvres,

tal a augusta placidez que, nesta hora, avassala inteiramente a tua encantadora vila... — Então, lembro-me de ti, imagino-te ao lado do melhor entre os melhores corações que te idolatram — e toda a minha saudade se extingue numa grande e nobilitadora inveja — tão grande que só este peccado de invejar a tua felicidade de filho bastaria para que se me abrissem todos os ceus (si os ceus existissem) — com toda a minha incorrijvel impiedade. — A nossa partida está proxima. Chegaram hontem as instruções e, desde que se realice a reu-

nião dos comensarios, iremos rumo feito para o desconhecido. — A minha frota: duas lauchas (uma ainda problematica), um batelão e seis canôas — flutuava triunfalmente no extremo do igarapé de S. Raimundo, — e teve hontem o batismo de uma tempestade. — Nunca imaginei que este rio morto escondesse, traiçoeiramente, ondas tão desabridas. Uma rajada viva de sudoeste imprimiu-lhe as crispções ensofregadas de um mar, e que mar! um mar entre barrancos, em que as vagas desencadeadas se desatam em cordilheiras impetuosas de torrentes... — Felizmente resistiram galhardamente os meus navios. — E' que dentro deles esta a "fortuna de Cesar". Realmente, creio tanto no meu destino de *bandeirante*, que levo esta carta de prego para o desconhecido com o coração ligeiro. Tenho a crença largamente metafisica de que a nossa vida é sempre garantida por um idéal, uma aspiração superior a realizar-se. E eu tenho tanto que escrever ainda... — Li na *Provincia do Pará* (90) as tuas generosas palavras a meu respeito. E's um coração! Não exultou, lendo-te, a minha vaidade, — uma infeliz sacrilegamente apedrejada em tola a parte e que nem sei como ainda vive! — mas o orgullo, o grande orgullo de possuir a tua simpatia. — Um favor, mas favor sacratissimo, de irmão. Na rua Cosme Velho 91 (actual rua de Francisco Otaviano), Laranjeiras — moram as minhas quatro enormes saudades — a minha

(90) Esse artigo (carta a Carlos Dias Fernandes) foi reeditado na *Revista do "Gremio Euclides da Cunha"*, agosto, 1921, e no prefacio deste livro.

mulher e os meus tres pequenos. Peço-te que os procures e lhe dês noticias minhas. — Antes de seguir, hei de escrever-te outra vez. — Responde-me. Receberci a carta mesmo em caminho, por intermedio do F., que a enviará. — Adeus, Rangel. Apresenta os meus respeitos a tua bôa mãe; peço-te que me recomendes aos amigos (não terás grande trabalho nisto) — e que te não esqueças nunca do — *Euclides da Cunha*.

* * *

O Firmo é o que desde o primeiro dia imaginei: um companheiro adoravel.

Mas sob outros pontos de vista — um paradoxo, o mais extranho paradoxo vivo que tenho encontrado: atravessa os dias a esbravejar, á maneira de Schopenhauer, contra o sexo fragil — e invariavelmente, das 7 ás 10, todas as noites entôa o *mea-culpa* do noivado, contrito, sob o olhar carinhoso e vigilante da futura sogra... Magnifico.

* * *

Boca do Chandless, 25-5-905.

José Verissimo. Meu bom amigo, — tenho dois minutos para lhe dizer: estou bom e a braços com inopinadas dificuldades resultantes de uma partida tardia de Manãos. — O Purús, daqui para cima, mal tem profundidade para uma montaria modesta. A montante estão

onze vapores e lanchas encalhados! As nossas seguiram o destino comum. O deserto agarrou-me covardemente, pelas costas, meu bom amigo! — Mas não vacilo. Hoje conferenciarei com o commissario peruano sobre a situação — e hei de apresentar-lhe o meu alvitre unico: para a frente, mesmo que seja a pé. Felizmente estou forte, ou melhor, com a minha saude invariavel, de sempre. Muitas saudades a todos os seus — e si puder dê estas noticias minhas aos meus. Lembranças aos amigos. Seu sempre — *Euclides da Cunha*.

* * *

Boca do Chandless, 25-5-905.

Meu Pai, — Mal tenho tempo de dizer-lhe que estou bom. Aproveito um portador apressado que desce em canôa para Mauáos, porque o Purús vasou exageradamente, prendendo no seu leito quasi sêco os vapores que aqui estavam. O mesmo succedeu ás nossas lanchas. Tercinos que continuar em canôas. Começam os trabalhos. Felizmente estou bom, assim como todos os companheiros. O clima é benigno, neste ponto; e si não fossem os mosquitos infernais que nos devoram, estaríamos perfeitamente. — Muitas saudades a Adelia e Otaviano. E' impossivel escrever-lhes agora. Ao Sr. mesmo não sei como conseguí mandar estas linhas escritas sobre a bota e diante de um portador que me pede pelo amôr de Deus para terminar. — Saudades, muitas saudades! — Abençõe ao Filho e Am.^o *Euclides*.

* * *

Novo-lugar (Acampamento da Comissão Administrativa brasileira), 5 de junho de 1905.

Meu pai, — desejo-lhe muitas felicidades. Aqui cheguei bem, assim como os companheiros. Vimos em viagem penosissima, de canôas, mas não tenho um só doente, um só escoriado entre a minha gente. Continuo animado, apesar do naufragio do nosso batelão, no dia 21 de maio, que me obrigou a dividir a comissão. Sigo sómente com o Arnaldo (91) e o medico (92). E vamos melhor. Estamos agora em regiões povoadas por peruanos. Mas neste sentir-me fóra da nossa terra tenho novo alento, maior entusiasmo e segura resolução de seguir. Conto com o exito. No maximo em dois mezes atinjiremos as cabeceiras e estaremos de volta. — Não posso, infelizmente, conversar tuais longamente com o Snr. O portador que encontrei vai muito apressado e apenas me concedeu poucos minutos de uma noticia. — Lembranças e saudades a todos. — Abençõe ao Filho e amigo — *Euclides*.

• • •

Manãos, 8 novembro 1905.

José Verissimo. Meu illustre amigo, — Afasto por um momento a papelada que me esmaga, para escrever

(91) Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha, engenheiro, primo-irmão de Euclides e sub-chefe da Comissão.

(92) Dr. Thomas Catunda, amigo de Euclides e Vicente de Carvalho.

lhe esta, num cantinho da minha mesa de trabalho. Mas ainda desta vez nada lhe poderei contar, sinão que estou bom, embora presinta que os longos dias de ansiedade, de misérias e triunfos passados nas cabeceiras do Purús me prejudicaram a vida. Misérias e triunfos... sómente á viva voz lhe poderei contar como fundi aquellas coisas antinómicas, numa batalha obcura e trajica com o deserto. Além disto, estas coisas não se pódem contar quando se tem a cabeça a doer de Logaritmos. — Até breve. Saudades — profundas saudades a todos. Muitas recomendações á sua Exma. familia e recceba apertado abraço do — *Euclides da Cunha.*

No periodo em que viveu no Rio, em trabalhos no Ministerio do Exterior, com o Barão do Rio Branco, após o regresso da Amazonia, a correspondencia de Euclýdes da Cunha é mais abundante.

Rio, 15-1-906.

Firmo Dutra, desejo-te felicidades e a todos os teus.

Cheguei bem — encontrando todos bons. Mal te posso escrever — tais e tantos os trabalhos que ainda me impõem os restos da Comissão. Quando pretendes vir até cá? Talvez eu vá primeiro até lá — em rota para a Venezuela ou para as Guianas. Quem sabe?

Esta aí chegará com o “Jornal do Comercio”, onde está uma “interview” (93) que não pude ferrar. Não tive outro remedio senão referir-me ao maldito engano de latitude, que em má hora encontrei — principalmente por causa de carta daí para o “Jornal do Brasil” em que tratava do caso. Seria tua? Que cupurrão, meu bom amigo! Mas felizmente o ministro me fez justiça de acreditar que era eu o mais contrariado com o sucedido. Agora está desvendada a cousa. Melhor.

Manda-me noticias, tuas. Muitas recomendações ao dr. Agasilão e familia, ao coronel Lisbôa, ao Thaumaturgo, ao Teixeira — em summa, a todos que aí tanto me

(93) Entrevista dada ao “Jornal do Comercio” em setembro de 1905.

cativaram com tantas provas de estima e creia sempre no colega amigo — *Euclýdes da Cunha*.

Rua Humaitá, 67.

* * *

Rio, 25-3-906.

Firmo Dutra, recebi a tua prezada cartinha de 20 de fevereiro, a que sómente hoje posso responder, tão absorvido vivo no meu relatório, cuja impressão se está ultimando na Tipografia Nacional. Obrigadíssimo pelo teu generoso conceito. Ainda bem que soubeste compreender-me, destruindo naturalmente a falsa opinião que aí se formou, dando-me a autoria de alguns artigos que saíram na "Gazeta". Não admira, porque aqui mesmo houve quem pensasse do mesmo modo, o que obrigou a "Gazeta" a uma declaração formal aqúelle respeito. Mas, afinal, toda a gente já deve saber que não sou homem que me esconda para dizer o que penso. Disse-me o filho do Belarmino, que o Amazonas me atacára tambem por causa dos tais informes — o que foi clamorosa iniquidade. Não importa. "Non ragioner di loro..." Desejo tambem a tua vinda — tanta coisa a contar!... Graças aos deuses, aqui estou armado da minha bela energia de caboclo e enfrentando a rir os trambolhões desta vida que afinal são menores que as 73 corredeiras do Cujar. Has de escrever algo sobre o meu

relatorio que aí estará breve. Um abraço no Crespo. Recomendações aos teus. Muitos abraços no Teixeira (94) e no Prager. Creia no — *Euclýdes da Cunha*.

* * *

Rio, 18-4-906.

Escobar, — desejo-te felicidades e que continuem as tuas melhoras. Reccebi o jornal com o lisonjeiro juízo de Gustavo Pena (95). Obrigadíssimo. Continuo ainda muito atrapalhado apesar de já estar impresso o meu Relatorio (96), e além de atarefado, docente. Ha uma coisa pior que a tuberculose, que é franca — é o insidioso impudismo larvado que a medicina não atinge, tão vario é ele e incaracteristico. Estou, por isto, aflito por terminar todas estas coisas, afim de limpar o meu organismo dessa ferrujem que ameaça devorá-lo. — Escrevi-te ha tempos. Mandei, porém, desastradamente a carta para Araguari! Manda-me sempre noticias tuas, desculpando-me o não fazer o mesmo a meu respeito. Mas tarde conversaremos melhor. Dá muitas recomendações nossas a D. Francisca e a todos. — Recebe apertado abraço do — velho au.^o — *Euclýdes*.

* * *

(94) Joaquim Pereira Teixeira, advogado e jornalista de Manaus.

(95) Escritor mineiro.

(96) *Relatorio da Comissão mixta brasileiro-peruana*.

Rio, 13-6-906.

Escobar, — Desculpa-me o longo silêncio. Extinta a minha comissão o ministro não me dispensou, encarregando-me da organização de uns mapas. Assim vivo enleado entre os velhos traços dos velhos cartógrafos, os sujeitos mais desleais e deshonestos que andam pela Geografia: — e no meio desses tratantes, que traçam rios e elevam montanhas á ventura, consoante a estetica dos desenhos, vou atravessando uns dias fatigados e tristes. — Muitas vezes imagino ver-te apparecer, de surpresa, nesta vivenda de filozofa, em que entrarás como um irruão... — Realmente! porque não vens, ao menos por oito dias, contemplar um pouco as transformações do Rio e a Tina de Lorenzo? (97) — Conversaremos longamente — e então, — monotonamente remascando velhas frases e um velho pessimismo, — eu te diria do grande desprezo, crescuta, assoberbador, que ando sentindo pelas coizas deste paiz... — Nuns cavacos trajicos escaipelariamnos algumas duzias de politicões, dando largo curso á nossa bilis vingadora de revolucionarios. Vê se te rezolves. — Felizmente continuo a olhar para o Ministro a quem tenho servido, — o unico grande homem vivo desta terra, — com a mesma admiração e simpatia. E até com assombro: é lucido, é gentil, é trabalhador, e traça na universal chateza destes dias uma linha superior e firme de estadista. Ninguém poderá substituí-lo.

(97) Artista dramatica italiana.

Conheço pela metade as questões que nos ocupam no extremo norte, mas esta meia noção basta-me a garantir-te que a substituição de Rio Branco, por quem quer que seja, será uma calamidade. Ha um baralhamento tal nas pretensões dos nossos vizinhos; incidentes nelas tantos vícios historicos e tantas duvidas geograficas; accumulam-se tantas perfidias nos acordos, convenções e tratados, que vêm de Santo Ildefonso até hoje, - que o destrinçar tais meadas requer conhecimentos de longo curso, difficilmente adquiridos. Não sei quem possa tê-los da noite para o dia nem como um simples decreto de nomeação possa aparelhar quem quer que seja com semelhantes requisitos. Sei que os litijios em andamento são gravíssimos e capazes das maiores e mais dolorozas surpresas para nós. Imagina um caso unico: um quinto da Amazonia opulentissima, que, de uma hora para outra, por um desgarrão de estadista canhestro, ou capricho de um arbitro, vá passando para as mãos dos peruanos. — Não sei si o futuro presidente cojitou dessas coisas. Por mim não vou além desta brevissima expansão com um amigo. De fato tratá-las publicamente, num debate franco, fôra uma infelicidade! A turba dos aduladores inpropriou para tais lutas os sinceros e os dignos; os atos mais nobres são passíveis das interpretações mais deploraveis. A opinião está envenenada; e quem quer que se abalance á luta dezinteressada por uma idéa arrisca-se aos mais deprimentes conceitos. Daí a minha mudcz. Assalta-me o horror de ser emparceirado a não sei quantos vilões que toda gente conhece e toda a gente

respeita. — Em paz, portanto, esta rude pena de caboclo ladino. Ou melhor, que vá alinhando as primeiras páginas de “Um Paraizo perdido”, o meu segundo livro vingador. Si o fizer, como o imagino, hei de ser (perdôa-me a incorrijível vaidade), hei de ser para a posteridade um ser enigmatico, verdadeiramente incompreensivel entre estes homens... — E adeus. Escrevi-te a correr. — Lembraças nos teus, — e dispõe do velho amigo — *Eucllydes*.

* * *

Rio, 7-7-906.

Firmo Dutra, o meu silencio não quer dizer ingratição e olvido; mas muita e grande copia de trabalhos que me esmagam. Ando às voltas com uns velhos mapas indecifráveis. Aproveito, de relance, um momento de folga para dizer-te que recebi a tua gentilissima carta, lida e relida com verdadeira alegria.

Não sei se aí chegou a noticia de que eu ia ser nomeado chefe da fiscalização da Madeira-Mamoré. Realmente as coisas se encaminham para isto — e se obstaculo sério que encontro — a opposição de meu pai — fôr desviado, aí estarei em breve, calçando de novo as minhas botas de sete leguas.

O velho, porém, está aterrado com o meu nomadismo — e não sei se o convencerei de modo que possa partir sem o contrariar.

Devia contar-te algo dos americanos. Vi-os muito rapidamente, no delirio das festas que os rodearam, e ainda não coordenei as disparatadas impressões que me saltaram. Falta-me, além d'isto, o tempo. Noutra carta conversaremos. Esta só tem um fim: dizer-te que não esqueço nunca a tua gentileza e pedir-te que disponhas de mim, com absoluta franqueza.

Muitas recomendações aos teus e aos amigos e creia sempre no teu — *Euclýdes da Cunha*.

P. S. — Um grande abraço, por mim, no Teixeira.

* * *

Rio, 19-7-906.

EXM.^o Snr. Machado de Assis, — Meu presado Mestre, — O meu colega, portador desta, lhe dirá o doloroso motivo que me impede ir á justa manifestação de apreço a Joaquim Nabuco (98). Peço-lhe, num abraço, desculpar-me com o nosso eminente compatriota. — E creia sempre na afeição sincera e no maior apreço do seu — am.^o att.^o venerador — *E. da Cunha*.

* * *

(98) J. Nabuco, nosso embaixador em Washington, viera ao Rio presidir a 2.^a Conferencia Pan-Americana.

Rio, 30-7-1906.

Meu presado Henrique Coelho, — recebi a tua carta de 26, ainda meio convalescente de dolorosa crise. A minha mulher esteve gravemente doente. Para maior tortura tive que harmonizar com as minhas magoas todos os secos deveres da profissão — e durante quinze dias vivi entre as cartas geograficas, as receitas medicas e infinitos cuidados... Felizmente, lá se vão essas horas malditas; e ao tornar á tona da existencia antiga, um dos meus primeiros cuidados é mandar-te estas linhas, repassadas da mais profunda saudade. — Realmente estás na primeira linha desses meus velhos amigos de S. Paulo, dos quais nunca me esqueço, porque fôra esquecer a mesma mocidade. Na vida precipitada em que me arrebatas as minhas *botas de sete leguas*, — você, o Porchat, o Prestes (99), o Mesquita (100), o dr. Cochrane (101) e poucos mais, constituem situações de equilibrio, mecreê das quais harmoniso as minhas recordações, e diviso de um lance as melhores quadras do passado. E' natural, portanto, que cumpra com verdadeiro prazer a tua ordem. Alinharei alguma coisa para a tua *Revista*. Mas peço-te, para isto, um praso razoavel, porque além

(99) Julio Prestes.

(100) Julio Mesquita.

(101) Dr. Wallace da Gama Cockraus, diretor das Obras Publicas de S. Paulo, quando Euclides construia a ponte de S. José do Rio-Pardo.

dos mapas que estou revendo, ando ás voltas com as “instruções da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré”, que vai ser construída sob a minha fiscalização. Assim — muito em breve — estarei de novo reataando o meu duelo trágico com o deserto, a quem (oh! vaidade!) tenho batido tanto. Não sei si ainda triunfarei, mas não importa. Obedeço ao meu belo destino de caçador de perigos e á eterna ilusão de ser útil á nossa terra, que merece tudo — os artigos do Ray estão com o Mesquita. — Lamento não ter tempo para prolongar esta carta. Tanto assunto... Tanta coisa que dizer!... Porque não vens até cá? A quadra é propícia. O Rio de Janeiro está admirável com a sua população adventícia de *yankees* e gringos (102) que, pela primeira vez, estão vendo em segundo plano a epigramática *natureza*, que nos desmoralisava. — Termino mandando-te um longo e apertado abraço, e pedindo-te que me respondas logo, dando notícias tuas e dos teus ao teu — *Euclýdes da Cunha*.

• • •

Rio, 30-9-906.

Firmo, desejo-te felicidades e a todos os teus.

Acabo de receber a tua prezada carta de 10 do corrente, lida sempre com a mais íntima satisfação. Res-

(102) Alusão aos delegados norte-americanos e hispano-americanos á 3.^a Conferencia Pan-Americana.

pondo-a logo, não desejando que se amortença a nossa correspondência. Recusei a fiscalização da Madeira-Mamoré — não só por evitar grande contrariedade a meu pai — como por não perder viagem que me será mais útil: a demarcação dos limites com a Venezuela — que só não terci se o Barão não continuar no governo. Isto, porém, ficará entre nós. Em tal ocasião não me esquecerei de convidar-te, até por egoísmo, porque não se encontram companheiros do teu porte.

Quanto à conferencia: puzeram o meu nome nos jornais sem me consultarem. A minha vida continúa atarefada. Não tenho tempo para essas magnificas diversões.

Não poderei, porém, evitar o discurso academico, que será em novembro. Serei recebido pelo Sylvio.

Mandei, fazem uns dias, meu Relatório ao Constantino, apesar do sigilo que ainda paita sobre êle, por causa da correspondência official. Como todo relatório de comissão mixta, em que se esbarram dois espiritos sempre dissonantes, êle pouco vale. Julgo, porém, que o governo do Amazonas tem interesse em conhecer a planta mais segura do Purús, e em conhecer como se entra no Perú pela sua mais desimpedida porta. O Buenaño tinha razão em irritar-se tanto á medida que avançava, arrostando até fome: num "casus belli" com o Perú (o que não é conjectura ousada) como avançaríamos até lá, estonteados na indefinida trama de "igara-pés" do grande rio?

Peço-te dizer ao Constantino que uão divulgue a correspondencia final, do Relatorio, que é a unica parte reservada, pelo menos enquanto não se publicar o Relatorio Geral do Ministerio.

Já comecei — finalmente — a alinhar “Um Paraiso Perdido” — e a este proposito peço-te que me mandes o “Album do Amazonas”, assim como as melhores observações que obtiveres quanto à borracha em geral, e a sua actual situação mercantil, em Manãos. Além disto manda-me o que eucontrares relativo ao assunto.

Lembro-me sempre dos bons amigos daí: do Teixeira (o meu grande professor de whisky); do Prager, do Crespo, a quem já escrevi, sem obter resposta; do dr. Paulino. A todos, por teu intermedio, mando muitas saudades e abraços.

Escrevo correndo, como sempre acontece, porque os vapores do Lloyd apostaram em sair quasi na mesma hora em que resolvo escrever aos amigos daí.

Lembranças aos teus e disponha sempre do colega e amigo — *Euclides*.

P. S. — Um editor portuguez (do Porto) resolveu reunir alguns artigos meus. Dei ao volume o titulo “Contrastes e Confrontos”. O trabalho está pronto breve. Mandar-te-ei um exemplar. Responda. — *Euc.*

Rio, 17-11-906.

Escobar, — o Clovis (103) é amigo de Azevedo Marques (104), daí o escrupularisar em dar um parecer incisivo. É um belo character, tollido por infinitas delicadezas. Em todo o caso disse-me hoje que já te escreveu dizendo estar de acordo com vocês. Nem ha quem saiba ler e escrever que não esteja. — S. Paulo vai mal! Perdeu o bastão que trouxe ha doze anos (105) e ao envêz de levantar-se ainda descamba. Estes *euzinhos* estapafurdios são um triste sintoma. Ha tanta coiza grande a fazer, e lá estão os homens a destrinçarem fios de linha. Só a pãu! — Continuem. Como sempre acontece nas causas justas, ao envêz do direito individual, vocês defendem os interesses gerais: porque não sei de maior interesse para a comunidade que o do primado incondicional das competencias. — Parece até um sonho falar-se em velhas bujigangas de diplomas neste tempo! — Escreve-me sempre. Dispõe do velho am.º — *Euclides*,

* * *

(103) Clovis Bevilacqua, consultor juridico do Ministerio das Relações Exteriores.

(104) Foi depois Ministro das Relações Exteriores, na presidencia Epitacio Pessoa.

(105) Depois de trez presidentes da Republica, Prudente do Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves, todos paulistas, fôz eleito o mineiro Afonso Pena.

Rio, 9-12-906.

Domicio da Gama, — recebi uma carta de Oliveira Lima, pedindo o meu voto para o Artur Orlando (106), que se apresenta á vaga da Academia! E' que ele não sabia da minha attitude. Já lh'a expliquei. E agora, com mais razão, venho insistir com você para conseguir do nosso eminente chefe uma intervenção que, evidentemente, é indispensavel. Do contrario, uma resolução tardia do Assis (107) talvez seja outra derrota. Nem quero pensar nisto... Serei o unico culpado. Considera esta situação e resolve-a com a tua habitual lucidez. — Já recebi comunicação verbal do Frederico (108) sobre o termo da minha comissão no fim deste mez. Mas não estive com o Ministro, com o qual, entretanto, preciso falar, afim de prestar alguns esclarecimentos antes de entregar á Secretaria a planta e originaes do relatorio. — Como sabes, o *rendez-vous* é difficil. Sempre que peço a intervenção do Frederico, ele segue para o gabinete, demora-se, volta misteriosamente, com o indicador muito esticado, furando o ar, e diz-me num grande abafamento de voz: — Um minuto! Só um minuto!... — Como

(106) Artur Orlando foi o unico candidato á vaga de Franklin Doria, falecido a 28 de outubro 1906, sendo eleito por 19 votos, a 27 de junho de 1907.

(107) Assis Brasil.

(108) Dr. Frederico Augusto de Carvalho, chefe do gabinete do Ministro Rio-Branco.

preciso de dez para mostrar ao Barão os papeis cuja importancia preciso destacar — apelo, ainda neste caso, para a tua intervenção. Manda-me dizer quando será possível. A minha recepção (109) será no dia 18. — Abraço-te cordialmente. — *Euclýdes da Cunha*. — R. Humaitá, 61.

• • •

Rio, 12-12-906.

Escobar, — desejo-te felicidades. Uns mapas intermináveis demoraram esta resposta; e ainda agora mal posso dizer-te que li a tua magnífica replica que até me surpreendeu pelo brilho e, principalmente, pelo desassombro. Magnífico! Um bravo pela attitude corretissima no defender um direito que, afinal, é o direito de todos que têm capacidade propria para viver. — Em carta ulterior serei mais longo. Estou a alinhar as ultimas frases do meu torturado discurso academico — que, por isto é, uma coisa artificial e convencional — não me impressiono. — Dir-me-ás depois a tua impressão. — Sobre o teu pedido — vou agir e peço-te que me mandes mais alguns esclarecimentos, porque, segundo aqui me informam, vão fazer as nomeações parceladamente, de modo que não sei si a cadeira que desejas é preenchida agora. — Responde-me logo — e recebe um abraço do am.^o velho — *Euclýdes*.

• • •

(109) *Euclýdes* foi solenemente recebido em sessão de 18 de dezembro de 1906.

Rio, 26-12-906.

Escobar, — desejo-te felicidades e a todos os teus. — Hontem, entreguei ao Briguict (110) os 30\$ que mandaste. Mas eles disseram-me que nada lhes devias! Em todo o caso lã ficou o dinheiro, para alguma encomenda ulterior, — já recebeste os “Jornais”? — Que tal, o malvado discurso?... (111) Bom. Bom porque me criou alguns pequenos odios. Tu, que sabes ler, já descobriste, certo, ncle, o espinho agudo em que se ferio muita gente. Melhor! Sinto-me admiravelmente com o desquerer de tal gente; e agrada-me um isolamento, que é como o do *poraquê*, cheio de descargas entre os moluscos amazoni-cos. — Hontem saí de proposito para encontrar algum deputado paulista, e tratar do teu negocio. Nem um! Vou renovar a investida, — porque não creio na eficacia das cartas. — Quando deixas este Jaguarí maravilhoso? — Continuo ainda adido á Secretaria do Exterior, na minha austera attitude de cartografo. Isto dá-me um traço antigo magnifico — com a vantagem de isolar-me, refujindo ao contajio perigosissimo de um meio irremediavelmente perdido. Vê como descambo a todo o momento para um desalentado pessimismo?...

(110) Livraria Briguict.

(111) Discurso de recepção de Euclýdes na Academia Brasileira, em 18 desse mez.

— Não quero que esta sombra vá empanar a luz dos teus dias mineiros. Ponto. Ponto. E um abraço do velho am.º — *Euclides da Cunha.*

• • •

Rio, 25-4-907.

Meu caro Alberto Rangel, — Aí vai o exemplar de teu bellissimo livro (112) — que ainda hei de reler aí, em tua casa, para destacar varios trechos. — Vou fazer o prefacio sem constranjimento, e sem precisar do estimulo de uma amizade antiga. Encantou-me o *Inferno*. “*Teima da vida*” é um rude e maravilhoso poema. — Heide mostrar que naqueles capitulos ha uma síntese dos aspectos predominantes da existencia amazonica. — Não me abalancei a emendas. Acho-te admiravel naquelas rebeldias de expressão, que a principio me alarmaram. — Até breve. — Abraço-te — *Euclides.*

• • •

Rio, 14-5-907.

Escobar, — desejo-te felicidades. Reccebi a tua carta e vou providenciar sobre o que desejas. Mas infelizmente não conheço — nem mesmo de vista — aquelles homens. De qualquer modo, dir-te-ei depois o que

(112) *Inferno verde* (cenos e cenarios do Amazonas), para o qual escrevera Euclides um prefacio.

ocorreu. — “Brasileiros” (113) não é livro: é um artigo de “Jornal”. — Manda-me mais noticias tuas, homem! Aqui, ás voltas com exaustivo trabalho, não tenho tempo para escrever aos amigos. Mas não lhe dispenso as novas. — Lembranças a todos os teus. Saudades do — *Euclýdes*.

* * *

Rio, 15-8-907.

Domicio da Gama, - - sômente hoje posso responder á tua presadíssima carta, cheia de misterioso encanto que as distancias dão ás palavras carinhosas dos amigos. Andei e ando muito doente de *mapite aguda*, porque certo ha um microbio sinistro emparecido ás traças vingadoras das velhas cartas geograficas feitas ha trezentos anos para maior tormento dos que hoje as deletream. Quer isto dizer que muito pouco te poderei contar do que vai por aqui. Ando nos seculos XVII e XVIII. Poderia dar-te noticias de d. Gaspar de Muniz Leon Garabit'o Tello y Espinosa, ou dos marquezes de Grimaldi e Floriblanca; mas não sei por onde anda Pires Ferreira, ou o que é feito de Glycerio (114). E' um encanto este exilio no tempo. O pro-

(113) Publicado primeiramente no *Jornal do Comercio*, foi depois incluído no livro “*A' murjem da Historia*”.

(114) General Pires Ferreira e Francisco Glycerio, senadores, já falecidos.

prio Barão, com a sua estranha e majestosa gentileza, recorda-me uma idade de ouro, muito antiga, ou acabada. Continuo a aproximar-me dele sempre tolhido, e contrafeito pelo mesmo culto respeitoso. Conversamos; discutimos; ele franqueia-me a maxima intimidade — e não ha meio de poder eu considerá-lo sem as proporções anormais de homem superior á sua época. Felizmente ele não saberá nunca este juizo, que não é sómente meu — sinão que se vai generalizando extraordinariamente. De facto, é o caso virjem de um grande homem justamente apreciado pelos contemporaneos. A sua influencia moral, hoje, irradia triunfalmente pelo Brasil inteiro. Os efeitos da conferencia de Haya — onde Ruy Barbosa teve o bom senso de reproduzir-lhe o pensar — consagraram-lhe definitivamente o prestígio. E este fato reconcilia-me com a nossa gente, demonstrando sobretudo a persistencia de uma veneração antiga e já agora de todo sobranceira á volubilidade de uma opinião publica tão instavel, como a nossa. -- Não sei si já aí chegaram noticias da *Reforma Orthographica*... (Aí deixo, nestes minusculos e nestes *h h*, o meu espanto e a minha intransigencia etimologica!). Realmente, depois de tantos annos de alarmante silencio, a Academia fez uma coiza assombrosa: trabalhou! Trabalhou de véras durante umas tres dazias de quintas-feiras agitadas — e ao cabo expeliu a sua obra extranhamente mutilada, e penso que aborticia. Ha ali coizas inviaveis: a exclusão systematica do *y*, tão expressivo na sua forma de ancora a ligar-nos com a civiliza-

ção antiga e a eliminação completa do *k*, do hierático *k* (*kapa* como dizemos cabalisticamente na Algebra)... Como poderei eu, rude enjenheiro, entender o *quilometro*, sem o *k*, o empertigado *k*, com as suas duas pernas de infatigavel caminhante, a dominar distancias? *Quilometro*, recorda-me *kilometro* singularmente esmagado ou reduzido; alguma coisa como um rellissimo decimetro, ou grosseira polegada. Mas decreton a eorridade: e terci, d'ora avante, de submeter-me aos ditames dos mestres. — Mas a discussão foi vantajosa. A importancia da Academia creceu. As suas resoluções estenderam-se ao paiz inteiro — da rua do Ouvidor á Amazonia, da porta do Garnier ao ultimo seringal do Acre. — A proxima eleição, a que concorrem Jacaguay, João do Rio e Virgílio Varzea, annuncia-se reuhida (115)... e o achatado palacete do eis da Lapa (116) fez-se, definitivamente a *kaaba* (*caba*, deveria escrever-se pela nova ortografia!!) de todos os neophitos, ou *neofitos*, literarios.

O Rio continua melhorando, aformoseando-se. A concurrencia de estrangeiros, extraordinaria. Os bondes e automoveis apinham-se de rubros saxões espartadissimos e deslumbrados. Resõam, nestes ares, *olus!*

(115) Yaga de Teixeira de Mello, falecido a 10 de abril de 1907. Virgilio Varzea e João do Rio retiraram depois suas candidaturas, sendo eleito Jacaguay, por 23 votos, a 28 de setembro de 1907.

(116) O *Silóju Brasileiro*, antiga sede da Academia.

em todas as linguas. Até em castelhano... Ha dias vinham no meu inaturavel bonde da Gavea nada menos de seis argentinos (seis argentinos, *es una legion!*), e quando voltamos á rua Voluntarios, penetrando na Avenida Beira-Mar, o mais trefego deles, precisamente o que me vinha a envenenar a bilis patriótica com uns instantes *mira! mira!* todas as vezes que deparava uma negra de trunfa escandalosa, — precisamente este gringo irrequieto não se pôde conter: “Pero és hermosa, caramba!! — ruiu, e abalou do bonde, acompanhado dos companheiros eletrisados. Foi um encanto. Quero hoje um bem extraordinario ao anonimo gringo, que nem sei mais por onde anda, mas que é, com certeza, um artista intcligente e entusiasta. — Assim nos rodeiam, cada vez mais belas, as nossas opulencias naturais. Pena é que na ordem moral não se notem identicos primores. Mas não enveredarei por aí. Seria imperdoavel o atixar-te de tão longe os respingos amargos do meu pessimismo e desta melancolia irremediavel. Além disto, ha na tua carta profundos traços de tristeza, que não devo agravar. Ali se dezenha nas entrelinhas a saudade da terra; e fôra impiedade apontar o que esta tem de ruim.

Com esta carta mando um volume dos “Sertões” para a Biblioteca de Linna; e ulteriormente irão os livros de outros autores. Si não te causar muito trabalho, peço-te que me mandes o que aí houver acerca das modernas indagações historicas e geograficas do Perú: folhetos, ou livros. — Ando a pensar num livro, casen-

cialmente sul-americano, e preciso estudar muito; e estou estudando muito. Mas a nossa pobreza de livros correspondentes é absoluta. — Não preciso dizer-te que o teu nome de quando em vez resalta nas nossas palestras: o Machado, o Verissimo, o Gastão (117) e muitos outros, não te esquecem nunca, e harmonizam-se todos na mesma estima e nas mesmas saudades. — Aguardo mais amplas impressões sobre essa encantadora Lima de los Reys, que imagino deslumbrante sob um ceu eternamente limpido. — Até breve. Saudades, saudades e saudades do teu — *Euclides da Cunha*.

P. S. — A breve escala de 4 horas, que aqui fez Guilherme Ferrero, na sua passagem para Buenos-Aires, foi magnífica. O Barão recebeu-o gentilmente. No Itamarati, antes e depois do jantar, que lhe foi oferecido, o extraordinário evocador da velha Roma lendária foi verdadeiramente cativante. E' impressionadora a sua modestia. O genio (118) tem ares tímidos e perturbados de mestre-escola da roça. E a sua Senhora é a mulher mais feia e mais encantadora que ainda viam estes meus olhos selvagens. — Chegariam aí uns artigos, "Perú versus Bolivia", que publiquei no "Jornal do Comercio"? E' uma das minhas quichotadas. Constituiu-me, por satisfazer à indole romantica, um

(117) Gastão da Cunha.

(118) Veja-se adiante o verdadeiro juizo de Euclides sobre Ferrero (carta de 16 de novembro de 1907).

cavaleiro andante da Bolívia, contra o Perú. Porque? Talvez porque a Bolívia... é, mulher. De qualquer modo, manda-me dizer a tua impressão sobre o lance.

* * *

Rio, 27-8-907.

Rangel, — desejo-te felicidades. — Aí vai o prefacio. O teu livro merecia um outro, mais brilhante. Mas irá bem acompanhado pela palavra rudemente sincera de um amigo. — Agora um grande favor: quero que revejas muito cuidadosamente o que escrevi. A letra exajerei-a de proposito para evitar esses terriveis erros tipograficos que tanto nos magoam; confio na tua revisao carinhosa. — Não sei si alteraste o trecho do *Inferno Verde* que extratei. Neste caso, modifique-se o extrato para que saia como estiver no livro. — Adeus. Manda-me dizer, si puderes, a tua impressão acerca daquelas linhas precipitadas. — Recomendações a tua bôa Mãe. Um abraço do — *Euclides*.

* * *

Rio, 10-9-907.

Rangel, — Já leste com certeza o prefacio que alihei nos intervalos das minhas horas fatigadas. — Re-novo anterior pedido: quero que faças pessoalmente a

revisão, duas, tres vezes — respeitando a minha pontuação luxuriosa até com a faculdade de intercalar mais algumas virgulas aceitaveis. — Manda-me noticias tuas. Aqui me chegam apenas uns cartões postais, rapidos, instantaneos, a refletirem impressões fujitivas. — *Un bon mouvement!* Manda-me noticias mais amplas desse Paris mirabolante e fantastico — que eu nunca verei... nem tenho desejos de ver. — Saudades do — *Euclides*.

* * *

Rio, 16 nov. 1907.

Domicio da Gama, — a tua carta de 8 de outubro, recebi-a ante-hontem; e, á parte o eneanto natural, teve um contraste curioso. As letras onde se expõe uma tão ardente afinidade com Você e os belos espiritos que aí teve a ventura de encontrar. li-as através das apreensões, ainda não desaparecidas, relativas ás desordens de Tabatinga. Ainda hoje os telegramas discordantes, de Manaus, nos deixam em expectativa ansiosa: teremos uma guerra com o Perú? Seria o caso do *credo quia absurdum*, ajustado ás coizas internacionais, e, tambem uma das maiores anomalias politicas dos ultimos tempos. De outro lado não sei quantas considerações massiças, e monotonamente sensatas, que me aco-dem, e fôra de infinito mau gosto transmitir, — uma, uma só, escaudalosamente pinturesca, seria o tema da

ironia do historiador futuro: os dois países tão cheios de terras, tão vazios de homens, tão afastados de ermos e despovoados, fariam largo tempo o papel terrivelmente burlesco de dois bravíssimos duelistas, aparelhados de magníficas *épées de combat*, e a esgrimirem-se majestralmente... um de cima do Pão de Açúcar; outro, no alto do Corcovado! — E naquelas solidões encharcadas, que eu conheço tanto... Lembra-te, com certeza, ainda o nosso velho jogo infantil da “cabra cega”... Pois uma tal guerra, que seria uma guerra brutalmente ofenbachiana, -- guerra a que eu procuraria assistir como um derivativo á minha tristeza conjugal, de bugre, -- semelhante guerra seria uma enorme “cabra-cega” internacional, a revoltear, desabadamente, no indefinido de um deserto. Ao cabo, os antagonistas -- suados, esbofados, arquejantes, tontos e exaustos, -- voltariam aos lares, e ela acabaria de um modo paradoxal: sem ter começado nunca! — Aqui me voltam, outra vez, ao bico da pena, impertinentes, as tais considerações massiças. Repilo-as. Atiro-as, violentamente, de banda, embaralhadas ou dispersas:... *interesses economicos... despesas in calculaveis... mobilizações penosas ou impossiveis... conflagração sul-americana... paralisia do progresso... Haia!*... — Para traz! velhas agoureciras! como rujiam cavernosamente os galús de ha cincoenta anos. E, com effeito, afasto-as -- pensando que o caso não é de apelar-se para Bluntschli, nem para o nosso velho La-

fayette; mas para Steinbrocken (119). O caso, Domicio, não é grave... é *excessivamente gravel*

Serio é o que me dizes da forte vivacidade intelectual dos peruanos. Não me surpreendi. No Perú nasceu aquele quasi fantastico Lunarejo, talvez o maior genio das Americas, que lia Homero, no original, aos 15 anos, como si fosse um exemplo tanzível da metempsicose. Aí mesmo em Lima, onde ainda em 1780 se queimavam publicamente os livros de Voltaire, brillou D. Paulo Viscardo y Gusman, que foi o professor de liberdade do novo mundo, e appareceu vinte anos antes de José Bonifacio e de Bolivar. E o bucolico D. Juan del Carpio?... E o extraordinario Melgar, com a tristeza de seus *Yaravis* e a enerjia hugoana de suas canções tiranicidas? E o espirito universal de Paz Soldan?... E Hipolito Unanne?... — Riva Agüero, que me dezenhaste tão cativamente, é o ultimo termo de uma serie de inmortais; e concretisa os unicos adversarios que devemos temer. Os bate-bocas e as refregas dos caucheiros e seringueiros no Alto-Purús e no Alto-Juruá, desaparecerão amanhã... Bastar-nos-á "a guerra de cem anos" pelo primeiro intellectual, que dominará o futuro. Felizmente, antagonistas daquele porte respeitam-se, temem-se, e amam-se. Mandão, através

(119) Bluntchli, historiador e internacionalista suizo (1808-1881); Lafayette Rodrigues Pereira, juriconsulto e internacionalista brasileiro (1834-1917); Steinbrocken, uma das personagens d'"Os Maias" de Eça de Queiroz.

dos tens braços amigos, um abraço “ao jovem historiador que tem talento por todos os peruanos juntos”.

A vida entre nós, como já t'ô disse noutra carta, mudou. Ha um delirio de automoveis, de carros, de *corsos*, de banquetes, de recepções, de conferencias, que me perturba — ou que me atrapalha, no meu *ursismo* incuravel. Dá vontade da gente representar a ridicula comedia da virtude, de Catão, saindo por estas ruas de sapatos rotos, camisa em fiapos e cabelos despenteados. Que saudades da antiga simplicidade brasileira... (Mas isto é um desabafo reles, de sujeito que nunca rezolve o problema complicado de um laço de gravata!...). Adiante. — As conferencias de Ferrero desiludiram-me (120). Sou um maravilhado diante de tudo (disse-o Verissimo ultimamente), e a minha admiração não raro ultrapassa a realidade. Ferrero deixou-me a impressão de ser o Fregoli da historia. Desapontou-me. E na noite em que, com uma seriedade adoravel, declarou haver descoberto uma lei historica (uma lei historica! e não se apagaram as luzes do Palacio Monroe! (121) o auditorio não desmaiou!! o governo não decretou o estado de sitio!!), entrei a desconfiar que ele não conhecia a significação cientifica desta perigosa palavra — *lei*. Quem fará, um dia, a historia da glorificação das mediocridades?... —

(120) V. carta de 15-8-1907.

(121) Onde se realizavam as conferencias de Ferrero.

Dentro de 5 dias, no dia 21, o nosso Rio-Branco será eleito presidente do Instituto Historico. Certo quem fez os melhores capitulos da nossa historia contemporanea, presidirá melhor do que qualquer um outro a mais nacional das nossas instituições. — Hontem, no Garnier, mostrei a sua carta a Machado de Assis. Lemo-la juntos. Ao lado, os mesmíssimos sujeitos que ali viste ha um ano, sentados nas mesmas cadeiras, diziam as mesmas coisas, rindo as mesmas risadas... Nem os presentimos; estavamos em Lima — e pelos olhos meditativos do mestre vi passar um helo lampejo de saudade, tão verdadeira, que muito provavelmente, com esta minha carta, chegar-te-á uma outra dele. — Sou obrigado a terminar, sem dizer um decimo do que tinha a contar-te. Esta carta, faço-a á carreira, com o intuito essencial de impedir um hiato demasiado extenso na nossa correspondencia. Tenho que compor uma duzia de mapas, afim de organizar uma carta, mais ou menos certa, das ecreancias de Tabatinga. Logo que se ultime a tarefa, e não me surja outra por igual urgente, — reatarei o meu noticiário. — Peço-te os boletins deste ano, da Sociedade Geografica de Lima. — Breve ai chegarão mais livros: do Machado, do Verissimo e de alguns poetas. O Gastão (122), manda-te um abraço. Não poderei citar todos os que te mandam lembranças. Afirmo-te que bem poucos deixam de recor-

(122) Gastão da Cunha.

dar-se, com saudades, do excelente companheiro ausente. A simpatia é unanime, e não fôsse esta minha triste profissão de cartografo, absorvendo-me todos os minutos, — que eu t'ò demonstraria com exemplos eloquentes. Ficarâ para outra vez. Manda-te um abraço, um grande abraço (um abraço de nove grãos de latitude!) o teu — *Euclides da Cunha*.

P. S. — Espero o livro de Riva Agüero.

* * *

Rio, 28-11-907.

Escobar, — sómente hoje reccebi a tua carta registrada, com valor, ficando desapontado por ver que mandavas uns dezeseite mil réis, que não me lembravam mais. Que diabo de preocupação foi essa? Então andamos como dois massudos lurguezes a regularer contas? Felizmente o desagradavel incidente foi compensado, porque na mesma carta me dáes noticias tuas, e sei que estás bom, assim como a D. Francisca e todos. — Tambem por aqui me anda a praga dos filhos. Nascceu mais um no dia 16 de novembro. Chamei-o Luiz percorrendo o calendario exausto. Estou ficando patriarca. Apesar disto e das grandes barbas brancas ideais que me andam pelo rosto, lá vou pelo noturno de domingo, 1 de dezembro, a S. Paulo, onde farei no dia seguinte uma conferencia sobre Castro Alves, para auxiliar a construção da herma do poeta.

Andei em talas para arranjar coisa que possa agradar a estudantes. Mas conto com insucesso. Felizmente, de qualquer modo lucrará o poeta. — Obrigado, pelo que dizes do “Perú versus Bolivia”. — Ah! realmente tem razão o João do Rio (vide *Gazeta* de domingo passado) ao proclamar-me o único funcionario publico romantico que ainda houve nesta terra. — Adeus. Porque não nos encontraremos em S. Paulo, no salão..., á noite? — Lembraças a todos. Do teu —
Euclýdes da Cunha.

* * *

Rio, 10-12-907.

Alberto Rangel, — aqui estou a invejar-te a existencia deliciosa — tão diferente da minha triste agitação de servo amarrado pelas linhas geograficas á gleba dos papeis de uma secretaria. Que os deuses propicios te prolonguem os dias de felicidade... — Recebo sempre os teus cartões postais, gentilissimos e breves, e tão sinceramente admirativos ante os encantos do velho mundo. Mas penso, com tristeza, que eles te estejam apagando na alma a lembrança da nossa rude e formozissima terra. Precizas reagir, contra a feitiçaria da Velha toda ataviada de primores — e que, afinal, não vale a nossa Patria tão cheia de robusta e esplendida virgindade. E tenho a esperança que em breve te enjôem essas velharias enganadoras... e não mais te deslumbrará esse relissimo Monaco, que por si só

empesta uma civilização inteira. Que estranheza, meu querido amigo, não estarás sentindo, ao escutar a magnífica sinceridade de nossa robusta alma brasileira, ante o papaguear dos trogloditas cultos que aí andam! Mas escrevo-te como a um irmão mais moço. — Estive ha dias, pela primeira vez, na casa do Cavalcanti (123) — e lá vi os trechos de tua carta em que te referes a varios lances do meu prefacio. Tive imenso prazer verificando que ele te agradou. Quando surjirá afinal o “Inferno Verde”? Espero-o todos os dias. Tenho já tres criticos a postos, de penas perfiladas, prontas á primeira voz. — No teu ultimo cartão referes-te á palavra “comunhão” a proposito da Maibi (124), supondo que deve ser “creatura”. E’ comunhão mesmo. Generalizei a tua idéa. A Mulher torturada — é a Terra torturada. Apenas, esta palavra “comunhão” é medonha. Peço-te que substituas: “comunidade” ou “sociedade”; o que fôr melhor conforme a musica do periodo que não teuo presente porque não tirei copia. — Adeus. Muitas recomendações a todos. Aqui fica cheio de saudades esperando o livro magnifico, o teu — velho colega e admirador — *Euclides da Cunha*.

P. S. — Sei que acrescentaste mais algum capitulo: *Pirites*. Deves num posfacio prometer o reverso

(123) Coronel Almeida Cavalcanti, cunhado de Alberto Rangel.

(124) Personagem feminina do conto que tem por titulo este nome, incluido no *Inferno Verde*.

do quadro: o livro antiteze do "*Inferno*", em que se considere, optimistamente, a nossa prodijiosa Amazonia.

* * *

Rio, 31-12-907.

Eseobar, — ando incorretissimo contigo, e isto provém da minha vida atropelada. Imagina que tenho passado 40 vezes pelo "Jornal" e ainda não fiz a tua assinatura! Depois d'amanhá — infalivelmente. — Um editor portuguez reuniu uns vinte artigos meus, pespegou-lhes o título "Contrastes e Confrontos", pediu um prefacio ao Bruno, e arranjou um livro que dentro de 15 dias aqui chegará. Não será bem um livro, mas agradeço ao Joaquim Leitão (o tal desalmado) o pensamento. Tais artigos são uma especie de filhos naturais do espirito, mais descuidados, talvez; porém, às vezes, mais dignos do nosso amor. — Hei de mandar-te um exemplar. -- Tinha muito que te contar... Mas escrevo-te ás 11 e 3¹/₄ e não quero ouvir as doze pancadas derradeiras deste 1907, em que trabalhei extraordinariamente e vi pular na minha frente quanto felizardo vadio ha por esses Brasis! Ainda bem! — Quero sentir bem fundo, foram bem crucis — talvez consiga alguma coisa em 908... ou 2.000, — 2.000 = Posteridade; afinal o unico premio certo e digno (embora não sentido) dos verdadeiros lutadores. —

Agora, a ti um grande e sincero abraço do amigo, com os votos para que as maximas felicidades te rodeiem e a todos os teus. Vale. — *Euclýdes da Cunha.*

* * *

Rio, 6-1-908.

José Verissimo. Meu distinto amigo, — Depois de ler a sua "Revista literaria" (125), de hoje, onde, sempre coerente, aponta os peccados originaes da minha maneira de escrever — devo repetir o que já tive o prazer de dizer-lhe: não pensei, absolutamente, em fazer-lhe uma aluzão, indirecta ou disfarçada, quando me referi a um "critico reportado e sabedor". — Os que viram em tal expressão uma carapuça, ardilozamente talhada para o meu amigo, conhecem-me muito mal. — Bem se vê que nesta vida, além dos nossos proprios erros, ainda carregamos os que nos inventam. Mas no caso presente, por amor proprio até, insisto na revizão. O sr. merece-me muito, para que eu pensasse em feri-lo, tão de soslaio e traiçociramente. — Com um abraço e os meliores votos de felicidade, sou sempre o mesmo — *Euclýdes da Cunha.*

Rua Hunaitá, 61.

* * *

Petropolis, 12-2-908.

Escobar, — Você deve estar — com razão — surpreendido da minha attitude, não respondendo a sua ultima carta. Explico a demora: 1º) doença — asombroso resfriamento, complicado do meu velho impudismo amazonico. A tua carta chegou; li-a oito dias depois, convalescente. — 2º) Aventuras escandalozas de um caixeiro de venda e de uma negriinha que tinhamos, em casa, alugada: interrogatorios, defloramento unicamente confessado pelos dois interessados, inquerito, Inga do Lovelace, aborrecimentos. — 3º) Vinda a Petropolis, com a familia toda, afim de satisfazer antigo convite de um distinto amigo. — E só aqui, no recanto de uma chacara afastada, posso, afinal, escrever-te. Não fui ao Briguier porque me faltou tempo e dinheiro. Os padres do Colejio Anchieta (126) esmagaram-me com uma conta de fim de ano assombrosa; depois vieram as do medico, do farmaceutico. — Um horror! De sorte que sómente para o mez talvez possa satisfazer a tua ordem. Mandame, por isto, dizer si te convem. — Quando vens, afinal, até aqui? — Precisamos conversar — muito e muito. A viagem não será difficil. Serás meu hospede. Verás o Rio. Admirarás os celebres *melhoramentos*. Fulminaremos, juntos, o pioramento dos

(126) Euclides tinha um filho internado no colejio Anchieta, em Friburgo.

homens. Daremos pasto á nossa velha ironia ansiosa por enterrar-se nos cachuchos gordos de alguns felizes malandros que andam por aí *foufouando* dezabaladamente, de automovel, ameaçando atropelar-nos a nós outros, pobres ativos diabos que teimamos em andar nesta vida, dignamente, pelo nosso pé. Anda-me d'aí, portanto, sem demora! Além disto, falaremos no futuro; e eu te contarei algumas coisas curiosas. Mas é preciso que tomes, decizivamente, uma resolução. — Espero-te, pois. Responda-me logo, dizendo o dia certo da vinda. Manda-me tambem noticias da tua candidatura. — Um abraço do — *Euclydes*.

Amanhã ou depois — voltaremos para o Rio. Escreve-me para lá.

[*Na primeira pajina, no canto*]

Veja-se como anda esta cabeça: encontrei agora, entre outros papéis, esta carta, que imaginava ter seguido o seu destino ha mais de um mez!

* * *

Rio, 8 de abril de 1908.

Escobar.

Ainda não posso marcar o dia da partida. Tenho trabalhos inadiaveis. Mas é certa a viagem. Convém apenas que o jornal daí não anuncie, porque é impossivel marcar uma data. Prevenir-te-ei com 6 a 8 dias de ante-

cedencia. Bem sabes que só tenho a lucrar com ela — por todos os motivos; e sou o primeiro contrariado em não poder realiza-la já. Digo-te mais: a minha maior aspiração seria deixar de uma vez este meio deplorável, com as avenidas, os seus automoveis, os seus “smarts” e as suas fantasmagorias de civilização pestuada. Como é difícil estudar-se e pensar-se aqui!... Que saudades do meu escriptorio de folhas de zinco e serrafos, da margem do rio Pardo! Creio que se persistir nesta agitação esteril não produzirei mais nada de duradouro. Já fiz dois livros e não sei sair, e ainda sou o autor, dos quantos artigos depois dos Sertões! Precisamos converter sobre estas coisas. Responda-me logo. Está aí o Adalgiso? Dê-lhe um abraço. Muitas saudades nossas a todos os teus. — Do *Euclides*.

P. S. — Dize-me algo de tuas impressões acerca do maravilhoso augú politico da Baía.

Li neste momento que o Porchat será escolhido ministro do Interior de São Paulo”.

* * *

Rio, 10-4-908.

Escobar.

Ontem te escrevi. Volto à carga, hoje — atraído pela tua carta de 5, agora recebida.

A minha demora depende apenas de um estudo que está ultimando-se. Creio mesmo que aí estarei ainda

neste mês. Prevenir-te-ei com a antecedencia que de-sejas.

Alegrou-me a tua carta. Já me ia esquecendo a candidatura (a minha candidatura!) (127) onde a principio vi apenas uma inspiração fugitiva da tua velha e inquebrantavel amizade. A tua carta, porém, define-a com uma segurança que me impressionou.

Não resisto à perspectiva que me descerras! Sou o mesmo romantico incorrigivel. A idealização submeto-a aos estudos mais positivos, envolvo-a no cilicio dos algarismos, esmago-a ao peso das indagações as mais objectivas — e ela revive-me, cada vez maior, e triunfante. Ora, nesta quadra de “grandes nivelamentos”, talvez tenha realmente uma função providencial o aprumo de uma intelligencia rebelde e sonhadora. Penso até, num impeto de pecaminosa vaidade, que destruirei a esterilidade de um Congresso de resignados, tolhidos por toda especie de compromissos.

Seja como fôr, a tua carta perturbou-me. E lembrando-me que dentro de um ano o laudo do arbitro argentino (na questão dos limites Perú-Bolivianos) talvez nos lance na mais agitada das nossas controversias internacionais — considero o teu pensamento acerca da minha candidatura uma verdadeira inspiração.

(127) Candidatura de Euclides a deputado federal por Minas Gerais, levantada por Escobar, a que annua Rio Branco, fracassada pela opposição de proceres mineiros, por não ser Euclides mineiro...

Com efeito, qualquer que seja a minha desvalia noutros assuntos, poderei esclarecer em muitos pontos os debates que, inevitavelmente, se travarão no seio do Congresso. Pelo menos serei um franco atirador contra os que arremeteram com a vigorosa politica exterior do nosso unico grande homem. Além disto... mas eu não acabaria se te dissesse quanto me ocorre lendo a tua carta. À viva voz conversaremos mais longamente. Há uma coisa, entretanto, que desinflue um pouco: o caso da Baía demonstrou-nos, exemplarmente, as "fatalidades do poder..." Mas destas a tua lucida e solida experiência dos homens já deve ter-te esclarecido, e acerca dos melhores rumos para flanqueá-las.

Manterei a reserva nos pontos que indicaste. Diria, porém, reservadamente ao Barão do Rio Branco o motivo essencial da viagem.

Um contraste: depois de responder a tua carta, irei responder outra — do príncipe D. Luiz de Bragança!... Recebi-a há dias. Tem oito páginas massiças, escritas num português impecavel e surpreendente. Não preciso dizer-te que ela não me fere a integridade republicana. D. Luiz é sobretudo um escritor. Escreveu ao adversario político — êle mesmo o observa — obedecendo apenas às afinidades de temperamento. De qualquer modo é um compatriota que estuda as nossas coisas e que ama o Brasil. E como, ao mesmo tempo, parece-me ter lucidez bastante para comprehender que a missão de sua di-

nastia está completamente acabada, irrei responder-lhe desafogadamente.

Adeus. Abraço-te. — *Euclydes*.

R. Humaitá, 61.

* * *

Rio, 13 de abril de 1903.

Escobar.

Desejo-te felicidades. Conforme te comuniqui em cartas anteriores, a minha ida depende de trabalhos da Secretaria que podem ultimar-se já, e podem também delongar-se, ou complicar-se.

Assim não posso predeterminar desde já o dia da viagem.

Convém, por isto, que esclareças bem a tal respeito os nossos dignos patricios aí.

Peço-te também (e isto fica entre nós) que impeças qualquer noticia dos jornais sobre a viagem. O artigo do "Clamor", de 3, deixou-me com os cabelos em pé. Salva-se a sinceridade e o cativante entusiasmo do articulista — mas o tom geral é quasi alarmante nestes tempos em que as intenções mais puras estão sujeitas aos piores comentarios.

Mantive — e tenho nisto o maximo interesse — a reserva, que desejas também, acerca da candidatura. Convém que de tua parte faças também tudo para que

ela se não revele. Escrevo-te, à carreira e atrapalhadamente, numa sala da Secretaria, onde tres garrulos diplomatas conversam desabaladamente sobre coisas maravilhosas de Paris e Viena.

Desculpa, portanto, o desalinho.

Por este correio chegaram tres discursos. Distribuirei dois pelas pessoas que escolheres.

Lembranças a todos. Abraço-te. — *Euclides*.

* * *

Rio, 30-6-908.

Coelho Netto, — Elysée Reclus, Aires do Casal, Orville, Varnhagen, Pero Lopes, Capistrano (vai de cambulhada) e todos os fazedores de mapas, e todos os melhores cronistas do seculo XVI, são, com certeza, os sujeitos mais pacientes e sofredores deste mundo! Suportam-me. Aturam-me. Não se rebelam contra a minha curiosidade agressiva e insaciavel! Agora ando ús voltas com um espanhol de nome arrevezado... Em compensação viagam-se tranquilamente tirando-me o tempo para outros deveres. — Como vai o teu filhinho? Ha mais de oito dias que me ocorreu ir pessoalmente fazer esta pergunta. Mas neste adestrar-me em pular por cima dos seculos, já perdi a noção do tempo. As horas andam-me ás disparadas... Desculpa-me, portanto, a indagação

tardia. — Trazia hoje um exemplar do *Inferno verde* para você, mas o Arthur Azevedo tomou-m'o. Levarei breve outro. Manda-me pelo portador o que aí está. — Aguardo o prometido artigo sobre o livro do meu velho companheiro do tempo de "calças curtas". — O Medeiros (128) e outros escreverão; mas não dispense o teu juízo. — Recomendações nossas a D. Gaby e a todos. Abraço-te — *Euclides*.

* * *

Rio, 24 julho 1908.

Osorio Duque Estrada — O nosso espirito é, como a materia, impenetravel. — Creio até que mais facilmente coincidirão dois corpos no mesmo espaço do que duas idéas, ou duas preocupações, no mesmo cerebro. A prova tenho-a agora na impossibilidade invencivel, em que me vejo, para alinhar o preambulo, que prometi, destinado às primeiras paginas do teu belo livro (129). — Certo, para isto não me falta o tempo. Eu o encontraria somando os meus quartos de hora vadios; mas em que peze á maior boa vontade, e á sujeição maravilhosa do assunto, jamais eu conseguiria desenlear-me das linhas

(128) Medeiros e Albuquerque.

(129) Esta carta serve de prefacio ao livro *O Norte (impressões de viagem)*, de Osorio Duque-Estrada, Porto, 1909, Livraria Chardron, de Lello & Irmão.

geograficas, que me manictam, para poder acompanhar-te, aforradamente, nessa peregrinação romantica em que contorneaste um largo trato do nosso litoral vastissimo, e um pouco da nossa alma nacional, primitiva e rude. Além disto, eu planeei, embora numa sintese imperfeita, caracterizar o contraste até certo ponto providencial entre os dois aspectos preponderantes do espirito brasileiro — a reflectir-se no binario constituido, de um lado, pela intelligencia do Sul, mais bem aparelhada de um conceito organico da realidade; e de outro, pela fantasia poderosa dos nortistas, de onde lhes advem, essencialmente, o genio poetico incomparavel. E o explicar semelhante assunto, conjugando duas forças tão ao parecer discordes, mas de extraordinarios efeitos em nosso desenvolvimento historico, não exigiria apenas muitas paginas, sinão tambem um estudo mental que absolutamente não lograria possuir, enquanto perdurar este periodo agudo do dever profisisonal inviolavel e premente. Ha, na verdade, um abismo entre as taboas de logaritmos, ou os calculos massudos das coordenadas astronomicas, e as rimas encantadoras dos nossos patri-cios sertanejos; e até materialmente, as vistas abrevia-das na contemplação dos traços quasi apagados dos velhos mapas, cegam-se, ofuscadas, diante dos esplendores daquela natureza deslumbrante. Daí esse renunciar a uma tarefa que me seria altamente honroza. — Conso-la-me, porém, uma esperança; ficarei entre os que re-

ceberão o teu livro; e nessa ocasião vingar-se-á do cartografo descaroavel e sêco, o modesto escritor e — Teu velho amigo e admirador — *Euclides da Cunha*.

• • •

Vicente, — recebi hontem o convite do Gremio (130); respondi hoje ao Telles (131), confirmando a aquiescencia. — Continuo ás voltas com a vistoria, agravada com os mapas da Repartição. Ao mesmo tempo estudo Logica... (132). Tudo isto é, afinal, ilojico. Você, que já não tem as ansiedade de uma candidatura vacillante (133), bem pode calcular os meus aborrecimentos de candidato distraído pelas occupações do officio. Ha no tal concurso tanto filhote bem amparadinho que certo não me aventurarei ao prelio desigual. Pelo menos, resta-me bem fujitiva esperanza — quatro mezes antes

(130) Gremio Onze de Agosto, da Faculdade de Direito de S. Paulo.

(131) Presidente do Gremio.

(132) Euclides preparava-se para o concurso de logica no Ginazio Nacional, hoje Colegio Pedro II.

(133) A candidatura de Vicente de Carvalho á vaga de Arthur Azevedo, fallecido a 22 de outubro de 1900, á qual eram tambem candidatos os srs. Dantas Barreto e Carlos Porto-Carneiro, já estava assegurada, como de fato aconteceu, sendo eleito por 25 votos, a 1 de maio de 1909.

do encontro. E com tão pouca esperança, não descubro a verdade dos que entendem que

“Só a leve esperança em toda a vida
disfarça a pena de viver, mais nada...”

Não dezejando jogar as cristas com o poeta, passo adiante.

.....
Lembranças a todos e um abraço do — *Euclýdes*.

* * *

Rio, 18 set. 1908.

Vicente, — recebi o teu cartão e fiquei contentíssimo com o prazo que me dás (134). Precizo de tempo — não para escrever — mas para ler-te, e comprehender-te. Nunca imaginei que isto fôsse tão difficil. Quero escrever sobre o poeta, conhecendo-o. O contrario fôra alinhar frases inuteis. Mas para comprehender-te preciso meditar mui demoradamente. E' o que faço — duplicando-me, e, ás vezes, numa oscilação intensa em que passo dos calculos das lonjitudes para os teus versos, ou das mar-

(134) Vicente pedira a Euclýdes que lhe escrevesse o prefacio do seu livro de versos *Poemas e Canções* (Rio, 1908, S. Paulo, XI:219-VIII ps.)

jens emphantanadas da lagoa Mirim para a superficie
desafogada e revolta do

belo mar selvagem
das nossas praias solitarias...
.. atirando
pela sombra das noites sem estrelas
a blasfemia colerica das ondas... (135)

Em todo o caso será com a data de setembro que te mandarei o prefacio. Manda-me um exemplar da "Roza de amor" (136). Duas terças partes dos meus livros estão ainda encaixotados; e no meio deles, ela. Não te zangues: lá estão tambem as melhores paginas da minha livraria errante, desde Shakspeare a Antero do Quental. Ao meu lado — enquanto não se fixar a minha posição no planeta — apenas os estupidos livros profissionais... — A morte de Placido de Castro (137) abalou-me profundamente. Conheci-o e conversei-o largo tempo, quando viajámos juntos, no Purús, em 1904. Era uma alma desassombrada e heroica. Tinha talvez muitos defeitos. Mas não se pôde negar excepcional valor a quem, de fato, dilatou o cenario da nossa historia. — De qualquer modo, merecia outra morte. — Voltando

(135) Versos de Vicente, da poesia "Palavras ao mar".

(136) Poemeta do Vicente, incluido depois nos *Poemas e Canções*.

(137) Chefe do movimento nacionalista no Acre contra a Bolívia.

no nosso assunto: — Para afeiçoar-me ao teu extraordinario idealismo, com a alta complexidade observada pela agudeza intelectual de Bittencourt Rodrigues (138) — estou lendo Emerson. — E' um *training* do espirito. Para desemperrar-me, o trapezio maravilhoso do maior dos metafizicos na Arte. Sômente assim me libertarei por algum tempo da miseravel iluzão científica, onde a hipocrizia da Verdade se mascara de fórmulas presumptuosas e traiçoeiras. E felizmente sinto que a pouco e pouco se me vai despertando a vibração antiga dos bons tempos, quando eu não era obrigado a inscrever a vida universal em algumas linhas duras ou a avaliar em numeros. — Até breve, pois. Muitas recomendações a todos os teus. Saudades aos amigos. — Um abraço do — *Euclydes*.

P. S. — Já leste o "Inferno Verde?" Nesta pergunta ha uma vaidade encantadora: é o livro do meu primeiro discipulo, alentando-me na convicção de que abri uma *picada*, levando a outros rumos o espirito nacional... — Que infinito prazer para um antigo enjaneiro de estradas!

• • •

(138) Medico e literato portuguez, então residente em S. Paulo. Foi depois ministro de Portugal em Paris e ministro das Relações Exteriores.

Rio, 20 setembro 1908.

Alberto Rangel, — desejo ter noticias tuas mais amplas. De mim, nada tenho que dizer. Ha uma pasma-
ceira trajica neste paiz que esperneia, galvanizado, na
Praia Vermelha e morre a fome nos sertões. De sorte
que vivo mais af do que aqui, — fujindo, através dos li-
vros, para o seio de outras gentes. — Ao passo que você
póde contar-me muita coiza da sua Vida, capaz de en-
cantar a minha vida. Assim — conta-me por menor o
teu intento, mal revelado no breve postal que recebi.
Trata-se de um novo livro. Certo, proseguirás na senda
começada. Um desvio, meu Rangel, seria uma traição.
O *Inferno verde* ajitou um pouco o sangue frio destes
batraquios, porque é um parente mais novo e mais vivo
dos Sertões. Disse-o o grande mestre Araripe Junior; e
o parecer do nosso unico ensaista, escandalizando furio-
zamente a cabotinagem covarde, encheu-me do mais ju-
stificado orgulho. Estás lonje. Não podes avaliar a es-
pessura do silencio calculado que o teu livro rompeu.
Mas para isto não coutribuiu o prefacio, sinão a vizão
superior de um Araripe, a alma vibratil de um Felix
Pacheco e a sinceridade de alguns raros plumitivos, que
ainda realizam o milagre da posse de alguma seriedade
neste meio. Quero que escrevas ao Araripe e ao Felix
(*Jornal do Comercio*), agradecendo-lhes porque na rea-
lidade foram os dois maiores reveladores do teu grande
valor literario. — Continuo a desenhar mapas antigos...
Até quando? A's vezes, penso que foi uma fatalidade o

ter caído, como satélite, na órbita maravilhosa de um Imortal. Submeto-me. Mas ainda não sei si rompereí a curva fechada dessa gravitação. Espero dentro de poucos dias — traduzido para o espanhol, em Buenos-Aires, por Eleodoro Villazon, ministro boliviano, — o meu “Perú versus Bolivia”. Como vês, o estrangeiro entendeu que deve aproveitar aquele trabalho, — recebido com indiferença pelos patricios... — A este propozito, uma idéa: Quem sabe si eu não poderia leccionar a historia Sul Americana em Paris? No momento em que a civilização vizivelmente se desloca para o Novo Mundo, não é, talvez, um pensamento muito ousado, este. Entrego-o á tua lucidez e melhor conhecimento das coizas aí. Podes talvez realizá-lo. — Escrevo-te, como sempre, a correr, e com a cabeça a zoar com outras coizas, sem a calma indispensavel a uma conversa pausada e util. Desculpa-me. — Abraço-te. — *Euclýdes*.

• • •

Regueira Costa (139).

É ainda sob a comoção profunda da morte do querido mestre (140) que mando ao meu bom e saudoso amigo esta carta, para agradecer-lhe em nome de to-

(139) Regueira Costa, homem de letras pernambucano, a que Euclýdes se refere em “Castro Alves e seu tempo”.

(140) Machado de Assis.

dos os compauheiros da Academia as generósas palavras que nos mandon em nome do Instituto Arqueologico de Pernambuco.

Elas como tantas outras que nos acudiram provinidas dos mais remotos pontos da nossa terra demoustram que Machade de Assis deixou esta vida como desejávamos que êle a deixasse: dentro de uma grande e nobilitadora comoção nacional.

Realmente êle que sôra esquivo, tão tímido, tão retraído que a multidão parecia começar-lhe a partir de tres ou quatro pessôas: tão recatado no trato dos homens que reduzia em duzia de entes queridos todo o genero humano; tão aparentemente fugitivo à popularidade — teve os funerais de um triunfador.

E a sua morte: — uma resplandescente apoteose — revelou, de golpe, que não foram perdidos os seus quarenta anos de vida literaria — porque nas manifestações que a rodearam, e foram as maiores que ainda fizeram neste país a um escritor — se observou pela primeira vez entre nós, abaçando todas as camadas sociais, o prestígio da magistratura superior do pensamento.

Deste modo o Mestre foi um triunfador: não lhe bastou crear a golpes de talento a propria immortalidade, senão tambem que ao mesmo passo contribuiu para se educar o meio capaz de a compreender e de a conservar.

Com este pensamento consolador mando ao meu prezado amigo o meu agradecimento e as minhas sau-

dades e peço-lhe que mande sempre noticias suas a quem se subscreve com a maior veneração. — *Euclides da Cunha.*

Rua Humaitá, 61.

* * *

Rio, 24 outubro 1908.

Alberto Rangel, — demorei-me em responder-te por atender a coisas menos importantes, menos agradáveis, — e mais urgentes. Toda a nossa vida é feita deste tributo permanente ás frivolidades que a malignam. Gastam-se dias de agitação barbara e inutil, para se ter uma meia hora de felicidade e paz, como esta. Aqui esteve o teu parente e amigo A. C., que além das noticias tuas, me trouxe a bellissima lembrança de um barometro rejistrador. De um lado esta alma de namorado da Natureza exultou, com o aparelhar-se de tão bello recuso para interpretá-la. De outro, o massudo espirito pratico burguez, grunhiu; e com alguma razão, — porque não deves fazer dispendios dispensaveis, principalmente com amigos que se pagam bem da estima que te devotam apenas com a tua propria estima. — Obrigadissimo pela *Revue du Mois*, cujos numeros, de janeiro a setembro, já recebi. Considero-a a melhor revista da França. Dois dias depois de recebê-la, appareceu-me em casa um quarentão de rosto pensativo e olhos profundos. Era o professor George Dumas (141). Calcula o

(141) Foi depois eleito socio correspondente da Academia, em 1922.

meu espanto; e em torturas andou o meu francez barbarizado. Passei com o grande sabio a hora mais illustre da minha vida, com a felicidade de poder marcá-la com expressivo incidente: a revizão, feita pelo proprio punho dele, do seu artigo sobre Joana d'Arc, publicado no n. 29 daquela revista. Na carta anterior, -- asoherbado de uma onda de pessimismo, -- falci-te nuntas coizas extranhas. Uma cadeira de historia sul-americana, em Paris!... Oh! romantico escandalozo e recalcitrante que sou! Felizmente são loucuras e absolutamente passajeiras. — Manda-me sempre noticias tuas. Tens mais tempo do que eu. Entretanto, os teus cartões vão rareando. Protesto e abraço-te. — *Euclides da Cunha.*

Rio, 5 nov. 1908.

Otaviano, — aqui estou cativo da tua bondade. Realmente só o teu belo coração pode realizar o milagre de ver algum brilho nas linhas que uma amizade antiga me ditou para o livro do Vicente. Em todo caso — obrigadissimo! — Ante-hontem te escrevi. Fiquei contente com a proxima vinda do Velho — e sobretudo com a resolução dele de não me esperar aí. E' totalmente impossivel a minha ida. Deves ter lido no "Jornal" o terrivel embrulho arjentino, entredado pela alma dauada do Zeballos (142), que tentou enlecar-me nas

(142) Estanislau Zeballos, então ministro das Relações Exteriores da Republica Argentina, que interpretara falsamente um telegrama cifrado do Barão do Rio-Branco, ha uma publicação official, do Ministerio das Relações Exteriores, que elucidá o fato.

suas traficancias, ou transformar-me em Capitão Dreyfus do Ministerio do Exterior!... Dei-lhe, como viste, a pancada bem no alto da cuia, e o bruto (por um telegrama que me mandou, lamentoso) gemeu deveras! Mas são tão inopinadas as arrancadas do maluco que precisamos estar atentos — mesmo os que, como eu, deviam estar garantidos pela propria desvalia. — Além disto, de um momento para o outro, o Barão pôde precisar de alguma informação urgente, que o meu afastamento perturbaria. Diga isto ao meu pai. Noutra carta direi mais sobre a vida triste deste caboclo maleriado e teimoso no seguir uma linha reta no meio das contorções e tortuosidades dos canalhas felicissimos que o rodeiam. Verás então que o teu nobre sacrificio — relegado numa cidadezinha do interior, quando o teu espirito e o teu character te apontam maior cenario, — não é isolado. Tambem eu que já rompi 500 leguas de desertos, vejo na minha frente os que até hoje só realizaram expedições nos gabinetes dos ministerios! — E' um contraste de tal porte que está me tornando espirituaalista. Por força deve haver um *au-delá*, onde se corrijam tantos absurdos e tanta miseria... — Adeus. Abraça-me a Adelia e os sobrinhos. Dispõe sempre do cunhado e amigo — *Euclides*.

R. Humnýtá, 24.7.

Rio, 13-11-908.

Oliveira Lima.

.....

Já lá se vão dois anos de expectativa, e maravilham-me a paciência com que os tenho suportado, embora ela se explique pela própria opposição manifestada ás minhas tentativas de seguir novo rumo. Não me arrependo disto... — Enquanto isto succede, crescem e multiplicam-se os filhos... Como traçar-se a linha recta da vida com tantas mãozinhas e nos puxarem pelas abas do cazaco? Julgo, porém, — e digo-lhe isto reservadamente — que não poderei continuar a ser vencido pelas comodidades desta situação até além do fim deste ano. Felizmente é vasta a nossa terra, e julgo que não precisarei de acolher-me sob as azas de nenhum amigo poderoso (o Calmon e o Carlos Peixoto (143), por exemplo) para amparar a familia e proseguir dignamente na vida. A minha resignação — é a de todos os que, tendo adquirido uma reputação, ás vezes bem falsa, de impulsivos ou de inconstantes, não querem aumentá-la com atos que pareçam precipitados. Mas ela não será ilimitada. — Descambei com infinito mau gosto para este assunto tão pessoal, porque os amigos como o senhor, clejo-os sempre incorruptiveis confessores desta vida.— Para ainda mais entristecer-me — partirá dentro de pou-

(143) Miguel Calmon, então ministro da Viação; Carlos Peixoto, deputado *leeder* do governo Afonso Pena.

cos dias para Assuncion o Gastão da Cunha, que, na enorme decrepitude desta gente, realizava ainda o grande milagre de ter espirito. Isto me faz o efeito de um despovoamento. Sinto-me cada vez mais solitario no nicio de uns sujeitos, nos quais pouco mais distingo do que os accidentes geometricos e mecanicos de formas em movimento...

* * *

Rio, 15 nov. 908.

Otaviano — recebi a tua carta contando-me o lamentavel incidente que impediu meu pai de vir até aqui. Felizmente, pela mesma carta, vejo que não houve maior consequencia além daquelle transtorno que nos privou de tê-lo aqui em nossa companhia por algum tempo. Eu — si não fôsse a dolorozissima, a torturante situação em que estou, dubia e incharacteristica, de engenheiro á disposição — já estaria aí. Mas fôra uma loucura. A licença só poderia obtê-la pela *bondade* de alguem e não em virtude de *lei*. Ainda não saí disto, por duas razões unicas: 1^o porque o Barão continua a tratar-me com a mesma simpatia, e falta-me animo para (pela 4^a vez!) observar-lhe a inconveniencia desta posição; 2^o porque si eu tomar uma resolução deciziva e deixar a secretaria, não faltará quem reprove mais esse atestado de inconstancia ou falta de persistencia. Mas tudo isto constitue para mim, ás vezes, uma tortura tão grande que sou obrigado a apelar para o teu caracter. Dize-me com franqueza: deverei continuar numa pozi-

ção, não prevista ainda em lei (embora o Ministro até hoje me retivesse despertando-me a esperança do cargo que se criaria?) ou deverei, inflexivelmente, vencendo todas as solicitações, deixá-la? — Octaviano, responde-me logo, com a mais completa franqueza. Não confio em mim só, para resolver este caso; posso estar iludido, ou posso estar exajerando inconvenientes que não existem. — Lembranças do — *Euclides*.

1908.

Oliveira Lima.

.....

Volvendo á terra, desejo saber si o senhor recebeu um bellissimo livro, *Poemas e Canções*, do mais robusto poeta que hoje temos, Vicente de Carvalho. O Verissimo já lhe escreveu acerca da pretensão dele á cadeira vaga pela morte de Artur Azevedo, e eu venho reforçar o pedido daquele digno amigo... Julgo que o senhor não pôde vacilar na escolha. Vicente de Carvalho, além de poeta, que avaliará, é um prozador magnifico; e liga estes attributos á consciencia superior de um juiz entre os que mais elevam, hoje, a magistratura em S. Paulo. Já somos dez no lado dele: Verissimo, Araripe, Salvador, Lucio, Rodrigo, Mario, Filinto, Garcia Redondo, Afonso Celso e eu. Espero poder incluir breve o seu nome nesta lista, a não ser que alguma compromisso anterior nos prive dessa felicidade...

1908.

Oliveira Lima.

.....
Não sei como lhe agradecer a remessa do livro de E. Prost, que vou ler atentamente, embora esteja ainda muito vacilante no aquiescer ao pedido do Calmon. Julgo-me sem competencia para o assunto; sem competencia e, o que é pior, sem entusiasmo ante esta Exposição, com E grande, a contrastar com a exposição permanente do nosso desfalecimento nacional. Em todo o caso o livro não será perdido; é um bom livro, claro, pratico e sempre util.

* * *

Rio, 4-12-908.

Vicente — o voto do Heraclito Graça fortaleceu o juizo que sempre fiz daquele belo espirito — que a idade e a gramatica não conseguiram empanar. Deves estar satisfeitissimo. Vencemos. Com os votos — que considero certos — de Oliveira Lima, Arinos e Donicio, seremos 17 para a 1.^a refrega; com os do Barão e o Neto, 19 para a 2.^a. Isto sem contar outros que ainda podem vir. Ha ainda isto: o Salvador de Mendonça comunicou-me rezervadamente que conseguiu o voto do Jacquay em teu favor, — devendo ficar sómente *sob absoluta reserva*, até o dia da votação. Ainda mais: hontem no bonde o Paulo Tavares me garantiu que o Sylvio

não votará no Emilio. Deste modo, enquanto nós subimos eles descem. — Voltando ao Salvador: ele está encantado com o teu livro. Em conversa, na ultima sessão da Academia, resumiu a sua opinião, dizendo-me: “Tres ou quatro poetas brasileiros escreveriam o “Fujindo ao cativeiro”; nenhum o “Pequenino morto”, porque neste poemeto se alia á inspiração de Junqueiro o idealismo sombrio de Edgar Poe...” E na verdade eu julgo que, num prodijio de synthese, o velho romantico fez a mais verdadeira critica daquella concepção encantadora. Ali se patenteia um momento critico da tua inspiração, fundindo maravilhosamente os genios mais representativos das duas raças, diametralmente opostas. Mais tarde, quando tivermos um critico, á feição de Johnston ou mesmo Taine, ele quedará atonito, largo tempo absorto deante daqueles versos excepcionais que partem de um modo tão violento os moldes vulgares da nossa poesia. Mas, evidentemente, não serci eu esse critico. Sofreie-se, pois, o arrastamento da pena. *Revenons!* O Medeiros nada diz quanto ao prefacio, talvez porque o aficie a velha ortografia — a velha ortografia com a qual o ingrato arranjou a sua invejavel notoriedade. De qualquer modo fez bem. Quando considero os “Poemas e Canções” e aquelo adminiculo preambular, lembro-me sempre das velhas historias das nossas amas — falando-nos dos tremendos caninhos cheios de calhaus e espinhos, que conduzem ao eccu. — Veremos o que diz o Neto. O cahoclo magnifico vai montar o alazão da sua fantazia incomparavel. — Até o dia 9 ou 10. Previne-me com

antecedencia. Continuo meio adoentado, mas não creio que as molestias niuguem na aridez maninha deste meu organismo asperamente sêco, dõnde o proprio heri-beri aereano já fujiu espavorido (sem remedio!), para nunca mais voltar. — Saudações do — *Euclides*.

* * *

Oliveira Lima.

Recbi, sim, as *Cousas Diplomáticas* (144) ; reli-as com o maior prazer e posso garantir-lhe que elas cauzaram o melhor effeito entre os que nesta terra praticam o heroismo de leituras sêrias. Na verdade — para mim — o livro tem a valia de ser muito pouco diplomatico, e mais uma vez aplaudo sinceramente a galhardia desasomburada de um espirito vivaz e enerjico a que não entibiam as artificiozas convenções de uma carreira que só se sabe exprimir verbalmente por meio de meias palavras traiçoeriras e, graficamente, pelas cifras obscurecedoras. — Tambem compreendo a sua diplomacia em Vienna (145). A rezolução que o meu amigo ali fez que se firmasse, vale por um tratado, entre os mais pre-uma-

(144) Livro do Oliveira Lima, Lisboa, 1908, "A Editora".

(145) Oliveira Lima, nosso delegado no Congresso de Americanistas, reunido esse ano em Vienna, propôz, e foi aprovado, se considerasse como uma das linguas officiais do Congresso a lingua portugueza. A Academia, por proposta de José Verissimo, aprovou uma moção do aplauzo o Oliveira Lima.

psuozos que por aí se citam. Num belo lance, saltando sobre as nossas fronteiras, foi tão grande o triunfo, que nobilitou o proprio fragmento de superficie européa, onde nasceu a nossa historia. — Como já deve saber pelos jornais, a Academia não foi indifferente áquella medida, — primeiro ato exterior de propagação de nossa lingua — e avaliou-lhe o alcance numia moção lucidamente redijida por José Verissimo (a qual, entre parentezis, ainda não lhe foi remetida por indesculpavel dezidia do secretario interino, eu). — Pouco importa que — oficialmente — não se tenha dado o devido relevo a um ato que foi a expressão mais eloquente da nossa incorporação definitiva na civilização. Bem sabe que a gratidão official não vai além da orbita apertada dos satélitezinhos, que giram submetidos inteiramente ás forças centrais dos grandes astros... Talvez por isto mesmo ando eu perdido numa parabola, perenemente indefinida, de cometa. Mas não prolonguemos este aspecto transcendental da psicologia astronomica e imaginosa...

* * *

Rio, 5-1-909.

Porchat, — o teu cartão de festas veio demonstrarme mais uma vez que valho menos do que os amigos que tive a fortuna de adquirir. Como sempre, tiveste a primazia nesta manifestação superior do coração e do espirito. — Tanto pior para mim; tanto pior para este espirito eternamente distraído e instavel, sempre a trocar não sei quantas idealizações impossiveis pelas melhores

realidades da vida. — Peço-te que transmitas, em nome de todos os meus, sinceros agradecimentos a D. Maria Julia e a todos os teus. — A ti não preciso dezejar felicidades. E' coiza que possues demais tanto que, com duas palavras num cartão impresso, a repartiste magnificamente com o teu velho amigo. — *Euclides.*

* * *

Rio, 10-2-909.

Vicente, — felicidades. O Quidinho continua docente. — Fôra uma temeridade e uma impiedade sair de casa. Ante-hontem escrevi ao Silva Telles, expondo bem as coizas. Escrevi-te tambem pedindo-te para o avizares do meu endereço. Renovo hoje o pedido, porque recebi uma carta do Porchat em que ele incididamente me diz que me esperam aí. — Não te esqueça, pois. Seria lamentavel que me considerassem incorreto. E escreve-me logo a respeito. Tranquiliza-me, hontem! Imagina as atrapalhações em que vivo... — Nem de proposito. Quem definirá um dia essa Maldade obscura e inconsciente das coizas que inspirou aos gregos a concepção indeciza da Fatalidade? A's vezes, julgo necessario um Newton na ordem moral para fixar numa formula formidavel o curso inflexivel da Contrariedade. — Mas, ponto. Sinto que vou escorregando por uma metafizica horrozoza abaixo, e, cedendo ao declive, não sei onde irei parar. — Adeus. Lembranças a todos e saudades do — *Euclides.*

* * *

Rio, 5-5-1909.

Oliveira Lima.

.....

Meu amigo, o motivo essencial da falta de minhas cartas é este: andei perdido, dentro da caverna de Platão... Conhece com certeza a alegoria daquele maximo sonhador, — de sorte que bem pode avaliar os riscos que passei. Volto á claridade embora ainda sinta a repercussão formidavel das rixas interminaveis dos filozofos e os ultimos écos irritantes da algararra das Teorias. Tudo isso quer dizer que me preparei para o concurso de lojica. Mas surge um contratempo: a mesa examinadora demittiu-se ha um mez, e até hoje não foi possível organizar-se outra! De sorte que o problema se complicou singularmente. Hontem: serei feliz no concurso?? Hoje... e haverá concurso? — Nesta situação de espirito, não ha alinhar-se idéas para uma conversa calma com um bom amigo auzente. — Escrevo-lhe apenas para que o senhor e d. Flora não nos incluam entre os ingratos.

.....

P. S. — Muito agradecido pela lembrança a proposito das terras do alto Paraná. Logo que me desembarace do Kant, de Spencer, de Spinoza (o mais maravilhoso dos malucos) e não sei mais quantos sujeitos que vieram a este mundo apenas para tortura e desespero humano, — logo que me veja livre desses felizes medalhões, irei dedicar-me de corpo e alma á tarefa. — Mas

ao falar nos sujeitos precipitados, não tenho meios de conter uma expansão de sinceridade: que desapontamento, lendo-os detidamente! Até então eu rodeava-os de uma veneração relijoza, e perto, vi-lhes a inferioridade. Kant, sobretudo, assombra-me, não já pela incoerência (porque é o exemplo mais escandaloso de um filósofo a destruir o seu próprio sistema) — sinão pelos exajeros apriorísticos que o reduzem. A minha opinião de bugre é esta: o famoso solitário de Königsberg, diante do qual, ainda hoje, se ajoelha a metade da Europa pensante, é apenas um Aristoteles estragado. Comte (que eu só conhecia e admirava através da mathematica) revelou-se-me, no ajitar idéas preconcebidas e prenoções, e principios, um ideólogo, capaz de emparecear-se ao mais vezânico dos escolásticos sem distinção de nuances, em toda a linha ajitada que vai de Roscelino a S. Thomaz de Aquino. E quanto a Spinoza, surpreende-me que durante tanto tempo a humanidade tomasse ao serio um sujeito que arranjou artes de ser doído com regra e metodo, pondo a halucinação em silojismo! — Mas faço ponto. Não pararia mais se dêsse curso á onda de rancor que me abala diante destes nomes outróra tão queridos. Felizmente aí estão Georges Dumas, Durkheim, Poincaré, e, na Austria, o lucido e genial Ernesto Mach — almas novas e claras, que nos reconciliam com a filozofia.

.....
— *Euclides.*

* * *

Rio, (25-6-1909).

Coelho Neto, — um bravo pela tua delicadeza moral! — Seria cruel si eu recebesse á noite aquele telegrama... — Mas não seguirei o teu conselho. O revêz dezafoja-me: merecido castigo ao dealize de haver tentado deslocar um concorrente oficialmente mais amparado pelo Direito. — A minha reta, diante das vacilações do Governo, é esta: renunciar. E' o que vou fazer já, por telegrama. — E sinto-me verdadeiramente feliz, porque nesta longa *fox-hunting*, que principia no voto do X... e termina nas tendencias simpaticas de alguns poderosos — em tudo isto, descobri uma alma honesta e perfeitamente clara, a tua. — Logo ou amanhã te abraçará, agradecido, o teu — *Euclýdes*. (146)

• • •

Rio, 18-6-1909.

Oliveira Lima.

Soube por José Veríssimo que estranhou a auzencia de cartas minhas. Pudera! Imagine um modesto estudante de filozofia natural, enlcado durante cinco mezes nas formulas embrulhadas do que se diz simples-

(146) Na versão dada por C. Netto, em "Livro do Prata" ha equívoco. O telegrama, que Euclýdes encontrou em casa do grande Amigo, era do Ministro Esmeraldino Bandeira, dando conta das vacilações do governo em nome-lo.

mente filozofia... — A verdade é que o concurso, como se annunciou, era de lojica — e que esta, consoante a direção extremamente lucida que lhe traçou Stuart Mill, está de todo a cavaleiro das indecifráveis divagações metafizicas. Succedeu, porém, que o unico discipulo do incomparavel lojico, fui eu. O simples enunciado dos pontos que me tocaram (*A Verdade*, na prova escripta; a *Idêa do Ser* (!), na prova oral) é bem eloquente no declarar quão aberrados andaram os homens da verdadeira lojica. Eu não sei que idéa formariam da nossa cultura, os mais modestos normalistas da Belgica, se soubessem desse estranho caso de desvio filozofico. — Neste momento consigo um exemplar do *D. João VI*, que vai ser a minha primeira leitura encantadora depois de tão longos mezes de silojismos e abstratos devaneios. E si por acazo as atrapalliações desta vida me permitirem algumas horas tranquilas, direi sinceramente as minhas impressões. D'ora avante terei mais tempo para escrever, mais de pauza e tranquilamente... Por ora ainda vacilo nos ultimos reflexos da agitada aventura em que andei.

Felizmente mudei-me para Copacabana (147), onde estou numa situação maravilhosa... para ver navios! A ver navios! Nem outra coiza faço nesta adoravel Republica, loureira de espirito curto que me deixa sistematicamente de lado, preferindo abraçar... — *Euclides*.

* * *

(147) Rua Nossa Senhora de Copacabana, n.º 23 H.

[junho] 1909.

Oliveira Lima.

.....

O meu fim principal é dizer-lhe que terminei hontem á uma e meia da madrugada o primeiro volume de *D. João VI*, e que não resisti, absolutamente, á ansiedade de mandar-lhe o meu primeiro aplauzo. O primeiro capitulo dezagradou-me; todos os outros, porém, cativaram-me, surpreenderam-me, e alguns, sobre tudo aquellos onde revivem apagados aspectos do velho Rio de Janeiro, revelaram-me inesperados tons de estilo descriptivo com que eu, de todo em todo, não contava. Deve comprehender que dou, nestes dizeres, uma impressão incompleta — capaz de ser retificada mais tarde. Mesmo o primeiro capitulo, que a massa dos assuntos torna pouco atrahente, talvez se mostre sob uma outra forma com a segunda leitura. Penso, por ora, o seguinte: si todo o livro progredir no crecente do primeiro volume, será, inegavelmente, um grande livro. — Infelizmente o Felix Pacheco, julgando-me tolhido pelo celebre concurso, encomendou a José Verissimo o juizo critico que apparecerá no *Jornal*. Digo “infelizmente”, para mim; porque o senhor realmente tem tudo a lucrar com a substituição. Dizei o meu juizo pelo *Estado de S. Paulo*. Por ora, os outros jornais permanecem mudos; e não maravilha tal silencio. Estamos num periodo de estercis e exclusivas preocupações politicas. Só se lêem — verdadeiramente — os entrelinhados do *Jornal*, onde se de-

zenha com a maior fidelidade, neste momento histórico, a fisionomia real da nossa gente. Ninguém lê; ninguém escreve; ninguém pensa. A mofina literatura nacional traduz-se, naturalmente, numa vasta poliantéa, a 100 réis por linha, de mofinas. De todo absorvidos no presente, ás voltas com os seus interissículos, estes homens, tão desuadados do futuro, ainda menos curam do passado; e de certo não escutarão a grande voz do historiador que nos revela uma das fazes mais interessantes deste ultimo. Entretanto, quero crer que ainda haverá meia dúzia de espiritos capazes do esforço heroico de um rompimento com tanta frivolidade. E entre estes me alinharei. — *Euclides*.

. . .

25 junho 1909.

Oliveira Lima.

.....

O meu *D. João VI* mandei-o encadernar na Imprensa Nacional. Li-o; e o crecendo, a que me referi em carta anterior, manteve-se até ao fim. Vou relê-lo; e penso que até farei as pazes com o primeiro capitulo, tão brilhantes e admitaveis se me afiguram os demais. Não é minha esta opinião. Outros já lhe devem ter dito que o successo foi excepcional; e si o espirito nacional não estivesse tão escravizado a uma dolorosa e nefasta preocupação... — o efeito seria muito maior. A prova

— e é uma prova massiça, tanjivel, — é que o Briguiet está encantado; e a alegria de um livreiro, diante de um livro de alto preço, vale dez artigos de critica encomiastica. Eu espero que se aplaque um pouco a historia politica para dizer o que penso a respeito. O mesmo esperam Coelho Neto e outros. — Si o senhor aqui estivesse, e visse, como vemos, que se lêem *interviews*, ou intrigas de politicajem, comprehenderea a nossa attitude. Não é o tempo que nos falta — é a serenidade para pensar noutra coisa além do alarmante assunto de todos os dias. Os mais indifferentes, como eu, estão contajados do mal. Porque é uma doença, isto que aí está, nas ruas, na imprensa e nas camaras, a agitar a nossa fraqueza irritavel... — *Euclydes*.

* * *

Oliveira Lima.

.....

E' o eterno conflito de Ramus e dos escolasticos recalcitrantes. Si o senhor por acaso leu a dissertação acerca do singularissimo ponto que me coube para a prova de improvizo (a *Idéa do Scr*) e que o *Jornal* mandou taquigrafar, já deve ter um juizo claro da minha attitude e dos rancores que despertei. Não importa! Prefiro o ranjir de dentes desses coitados aos seus apertos de mão. O senhor e mais alguns bem poucos amigos — são os meus unicos juizes. - De qualquer modo estou tranquilo. Sinto mesmo esse placido e magnifico bem-

estar soberano de uma alma inteiramente a cavaleiro da fortuna, para o qual os gregos criaram o vocabulo *ataxía*. Digo-lhe mais: sou absolutamente indiferente ao que acazo o governo rezolva. Andam nesta terra tão ao nível das maiores mediocridades as mais altas posições, que fôra, na verdade, ridiculo o entristecer-me com o não conseguir o modesto lugar de professor de lojica... E deixemos de lado a desvalioza *affaire*...

Vai-se prolongando a carta, que planeei rapida. E neste momento, ameaçando torná-la interminavel, aco-dem-me numerosas considerações acerca da nossa instavel e problematica situação politica interna. Mas, temendo menos a infidelidade dos meus proprios juízos, — inaptos a serem definitivos, ou rigorozos, neste largo balanceamento de todas as opiniões, — vencerei o desejo que me arrasta para o nebulozo assunto. Além disto, vão-se-me alongando muito no passado os belos dias de temeridade e franqueza romantica. Já titubeio, considerando as pequeninas vidas que me rodçam, e vacilo cheio de assombro no definir-me sobretudo quando o definir-se a gente contra a mais poderosa corrente dos fatos, equivale a... Silencio, portanto...

Entro nestas rapidas explicações porque o senhor muito naturalmente, ao receber cartas do Brasil, aguarda noticias sobre os fatos capitais que se desenrolam. Explico a minha abstenção. Noutra carta talvez consiga ser mais expressivo. Não posso, entretanto, deixar de dizer-lhe que mantenho intactas as minhas velhas relações de sincera amizade com dois vencidos — Calmon e

Carlos Peixoto. Ou melhor, frequento-os hoje mais assiduamente do que nos tempos de felicidade. E considero, melancolicamente, que disso talvez me rezulte algum mal. Felizmente esta terra não tem mais nenhuma lugar, ou cargo, capaz de desafiar a ambição de qualquer espirito, mesmo medianamente aparelhado. Consola-me a certeza de que nada perderei, porque não ha, por aí, coiza alguma que eu dezeje adquirir... — *Euclides*.

* * *

Rio, 1909.

Oliveira Lima.

Nem faço outra coiza sinão entristecer-me nesta nossa pobre terra. Lamento até que a natureza ingrata me fizesse insidiosamente, barbi-raro, — impedindo-me de ajitar apavoradamente, por aí além, umas grandes barbas de Jeremias. Invejo-as em F..., que chora todas as manhãs sobre a decadencia da Patria e dos costumes politicos, debruçado — um Mario de olhos escuros — sobre as ruinas do Bloco.....

Não preciso dizer-lhe que continuo na angustioza posição de commissario *in partibus*, á espera de uma reforma, ou de uma comissão. Num paiz em que toda gente acomoda a sua vidinha num cantinho de secretaria, ou numa apozentadoria, eu estou, depois de haver trabalhado tanto, galhardamente, sem posição definida! Reivindico, assim, o belo titulo de ultimo dos romanti-

cos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitarios! Julgo, entretanto, que hei de arrepende-me muito, mais tarde, desta vaidade... Em todo caso, si no correr deste ano não se me abrir de novo a trilha do deserto, terei de dar outro rumo á vida, para que os filhos, que vão crescendo, não paguem os juros de tanta imprevidencia — *Euclides*.

* * *

Rio, 3-7-909.

Otaviano, — escrevo-te de cama. Ante-hontem á noite tive uma hemoptizis e continuo mal, ameaçado de outra. -- Ao receber a tua carta e telegrama resolvi partir, mas o medico, o Dr. Cunha Cruz, garantiu-me que seria esforço inutil, porque eu não chegaria a S. Paulo, — No desespero em que o estado do velho me deixou, resolvi que a Saniinha fôsse com o Solon, — de modo que si o velho melhorar possa vir com eles. Deus queira que assim seja e se resolva a dolorozissima situação em que me acho. -- A Saniinha e o Solon contarão do meu estado. Um apertado abraço no velho, em Adelia. Saudades do -- Cunhado e am.^o — *Euclides*.

* * *

Rio, 5-7-909.

Otaviano, — a Saniinha já deve ter exposto a situação dolorosa em que recebi a noticia do estado do meu pai. Estou muito e muito doente. Nada me dizem

de positivo os medicos; mas das proibições ou recommendações que me fazem deduzo outra coiza, além dos escarros de sangue, que sómente hontem cessaram — não sei si definitivamente. E como um deles — o Cunha Cruz — já me aconselhou passar as ferias na ilha da Madeira, não será difficil concluir-se o diagnostico. — Será verdadeiro? Não me impressiono. Já dei o que tinha de dar. Entre as minhas bem poucas preocupações resta-me esta: dezejo que meu pai venha passar os ultimos dias ao meu lado. Neste sentido conversei hontem com o Arnaldo que está pronto a ir buscá-lo desde que ele esteja em condições de vir — e se rezolva definitivamente a deixar uma fazenda, que nos ultimos tempos só tem servido para amargarar-lhe a existencia. Peço-te, por isto, que me auxilies — sinão no sentido de fazer com que ele se liberte de uma vez da ilusão da Trindade (148), ao menos no de convencê-lo da necessidade imperioza que ele tem de vir passar uma grande temporada aqui, deixando lá qualquer pessoa de confiança. Infelizmente não posso ainda viajar, para ir á viva voz demonstrar-lhe a conveniencia da mudança. Peço-te, porém, que lhe fales por mim. - - Num bilhete a lapis que te escrevi, e a Saninha levou, — creio que me referi a este ponto, e á probabilidade de vir o meu pai com ela e com o Solon. De qualquer modo estamos entendidos: tenho o maior dezejo que ele venha para mi-

(148) Fazenda do pai de Euclides, em Belem do Descalvado, Estado de S. Paulo.

na companhia; e não podendo ir pessoalmente buscá-lo, pedi a pessoa de toda a confiança que o fizesse. Resta-te convencê-lo da necessidade da vinda, que, a meu ver, deve ser definitiva. — Não tenho grandes recursos; continuo — felizmente — a ser o mesmo heroico pobreirão de sempre; mas agora, com um lugar fixo (149) e a minha velha disposição para a luta, posso fazer a proposta que não devera fazer hontem, em que eu me submetia a todas as eventualidades ou hipotезes de comissões lonjínquas. — Lembranças a todos. Muito especialmente quero que me recomendes ao Dr. Deolindo (150). — Um abraço do *Euclides*.

P. S. — Por um telegrama da Saninha sei que não chegou o dinheiro (300\$000) que ela levou para a viagem. Por isto telegrafei pedindo-te para adiantares a quantia de que ela carecer. Manda-me dizer onde poderei pagar aqui — ou si devo restitui-la pelo correio. — *Euclides*.

* * *

Rio, 6-7-909.

Otavianio, — hontem te escrevi ainda de cama. Renovo hoje o assunto, melhor esclarecido, pela Saninha que acaba de chegar. Assim está decidida a vinda do

(149) Euclides fôra nomeado, a 14 de julho deste ano (1909) professor da cadeira de "Lógica" no Ginázio Nacional, hoje Colégio Pedro II.

(150) Medico em S. Carlos do Pinhal (S. Paulo).

Velho, sinão definitivamente, ao menos por algum tempo. Acordamos então no seguinte: ele que se prepare, de modo que possamos ir buscá-lo na ocasião oportuna. Diz-me a Saninha que as bôas almas Sancarlenses extranham, comovidas, — (Santas almas!) — a minha *pecaminosa indiferença*, diante da molestia do meu pai. Mas esta indiferença é *uma fantazia* dessas almas caridozas, sempre muito prontas a derramarem lagrimas sobre os nossos defeitos, — mas no geral cegas, surdas e mudas diante das nossas dificuldades. Felizmente estou bem certo que terás esclarecido as coizas. Ainda *convalescente* do mais atrapalhado e traçoiteio dos concursos (é *uma historia* que te contarei mais tarde), diante de *uma congregação* na sua maioria comprometida com outro candidato — é claro que eu não poderia seguir logo para aí — no meio do ano — quando o proprio ministro, ao nomear-me, me recomendava que rezarcisse, tanto quanto em mim coubesse, o tempo que se perdera. Sobre tudo isto — e exatamente na ocasião mais critica, veio a *debacle* pulmonar, cujos efeitos ainda estou sentindo. Como deliberar e viajar no meio de tanto embrulho? Quero que sejas o meu advogado perante os amigos desconhecidos, que tanto se alarmam com a *secura* dest'alma descaravei. A Saninha contou-me os desvelos e cuidados com que Você e Adelia rodciam o *Velho*; e não me disse nenhuma novidade. Também nós os prestariamos, si o destino não andasse até hoje a jogar-me como peteca, por esse mundo além. Sómen-

te agora descansou, o barbaço (151). Quando meu pai puder vir — si por acaso eu não puder ir buscá-lo, irá a Saninha; mesmo porque elle lucrará com a troca. — Resta-me pedir-te desculpas de não haver mandado a carta noticiando a minha mudança (A carta escrita ha dois mezes, encontrei-a hoje no meio de umas cartas geograficas, sobre a estante! Como anda esta cabeça!). Adeus. Um abraço na Adelia e no meu Pai. Recomendações ao Deolindo e amigos. — Dispõe do — *Euclýdes da Cunha*.

Rua N. S^a. Copacabana, 23H.

• • •

Rio, 10-8-909.

Otaviano, — recchi a tua carta de 5, que muito me satisfez dando-me noticia das melhoras de meu pai — assim como da rezolução em que elle está de vir já para aqui. A vista disto, falei com o Arnaldo que está pronto a seguir á primeira voz. Si, entretanto, elle não puder vir já e sim em principios de setembro, irá a Saninha, ou irei eu, si os medicos suspenderem a prohibição de viajar. De qualquer modo estamos entendidos; e eu aguardo a tua resposta, ou a de meu pai, para rezolver. -- Ul-

(151) Descansava... para fuzilá-lo no mez seguinte.

teriormente responderei a outros topicos da tua carta. Muitas saudades e lembranças ao meu pai, Adelia e sobrinhos. — Abraço-te cordialmente. — *Euclýdes*.

* * *

Rio, 12-8-909.

Otaviano, — ante-hontem te escrevi. Renovo hoje o velho assunto: manda-me dizer quanto antes si o velho quer vir já, ou em principio de setembro. No 1.º caso, irá o Arnaldo buscá-lo; no 2.º, eu ou a Saninha. Esta ultima alternativa provém do meu estado de saúde, que me impossibilita dizer desde já si poderei ir ou não naquella ocasião. Sei que aí não se acredita nisto; sei ainda que umas boas almas sancaulenses extranham e criticam muito o que chamam a minha indiferença ou ingratição. Paciencia... A pobre humanidade é frágil, e para os seus juizos despropozitados e injustos resta-nos a instancia superior da consciencia, que realmente nos absolve ou condena. — Não é de todo verdadeiro o teu optimismo. O haver dobrado o cabo melancolico dos 40 não remove inteiramente o espantalho da tizica. A prova está em que sómente hoje deixei de acordar com febre; e estou plenamente certo de que si abandonar o rejimen que me impuzeram, não rezistirei — tal o depauperamento e miséria organica a que cheguei. Felizmente me sinto cada

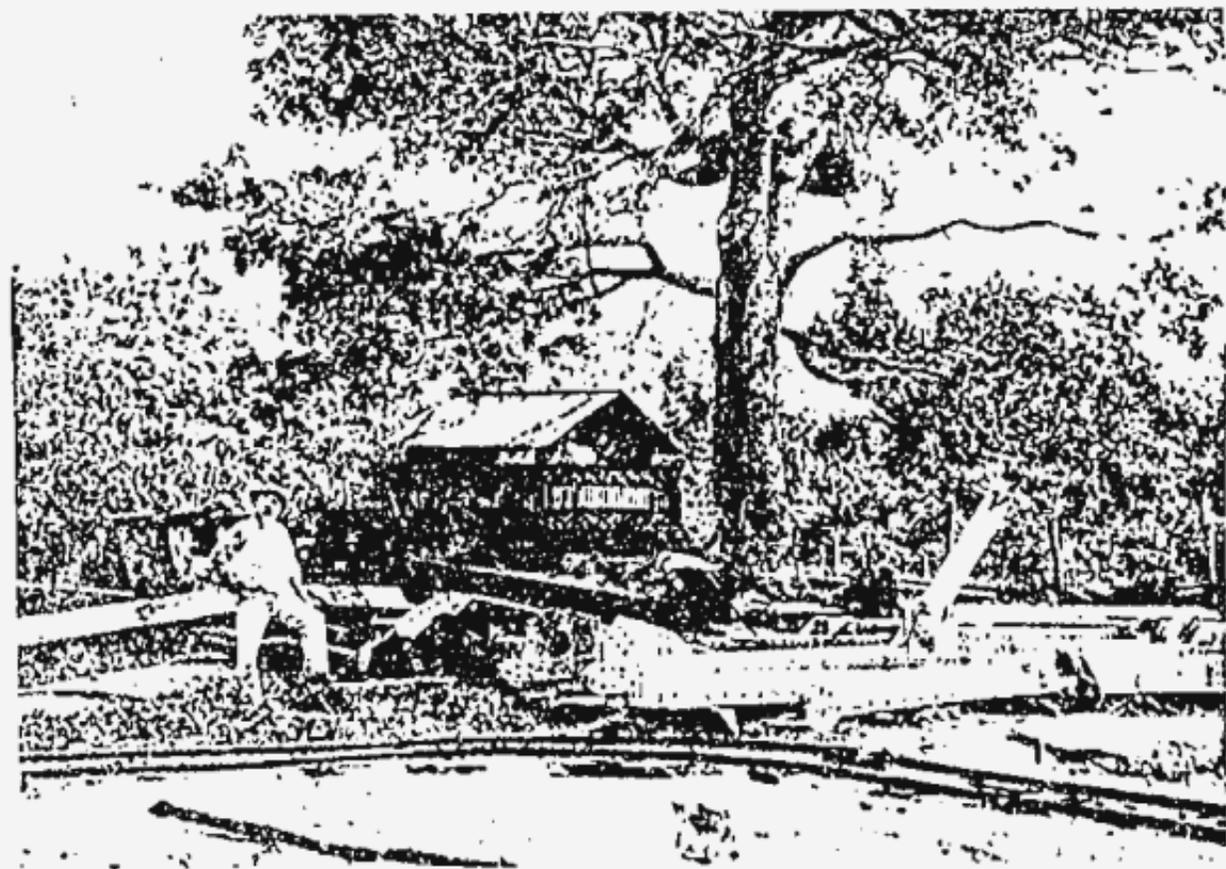
dia melhor e penso que em menos de um mez (152) terei readquirido a robustez antiga. — Não tenho cartas do meu pai. Acompanhará ele também o falso conceito dos espontaneos e numerosos juizes que aí tenho? Neste caso peço-te que sejas o meu advogado. — Muitas saudades a todos e escreve logo ao teu amigo — *Euclides*.

(152) Tres dias depois, na manhã de um domingo chuvoso, a 15 de agosto, — dia de N. S. da Gloria — era Euclides assassinado na casa n.º 214 da Estrada Real de Santa Cruz, estação da Piedade, hoje Quintino Bocayuva, suburbio do Distrito-Federal.

** Este livro foi composto e impresso na
Empresa Graphica da "Revista dos Tri-
bunaes", á Rua Xavier de Toledo, 12,
em São Paulo, para a Companhia Edi-
tora Nacional, em novembro de 1938.*

INDICE ALFABETICO

Affonso Arinos	112.
Affonso Celso	103, 104.
Alberto Rangel	162, 186, 192, 199, 216, 219.
Alberto Sarmiento	67, 68.
Araripe Junior	85, 87, 89, 94.
Coelho Netto	106, 111, 120, 129, 152, 209, 232.
Domicio da Gama	141, 157, 183, 187, 193.
Edgard Jordão	143.
Egas Moniz	96.
Firmo Dutra	171, 172, 176, 179.
Francisco Escobar	69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 81, 105, 113, 173, 174, 182, 184, 195, 196, 198, 201, 203, 204, 205, 208.
Gazeta de Notícias	56, 58.
General Solon	60, 62.
Henrique Coelho	127, 137, 150.
José Veríssimo	79, 99, 102, 110, 125, 126, 128, 132, 133, 115, 150, 155, 160, 165, 167, 202.
Lurio de Mendonça	92, 104.
Luiz Cruzs	82, 83.
Machado de Assis	102, 104, 106, 108, 116, 118, 158, 177.
Manuel R. Pimenta da Cunha	83, 84, 100, 107, 131, 141, 166, 167.
Max Fleiúis	97, 101, 109, 114.
Octaviano Vieira	228, 223, 239, 241, 243, 244.
Oliveira Lima	222, 224, 225, 227, 230, 232, 234, 235, 236, 238.
Osorio Duque Estrada ..	219.
Regueira Costa	217.
Reynaldo Porchat	147, 150, 228.
Rodrigo Octavio	109.
Vicente de Carvalho	77, 123, 134, 212, 213, 225, 229.



Euclydes junto da ponte desmontada, no lado do velho Matens



Vila Glicina

deu a ditoniu, la uniu" etc sau la totu
Votul 21 (adinea sau de Tancuasi, etc...)
L'adoncuia - marea de munda 14 uniu
Scurdada - de munda munda 14 uniu
L'adoncuia - marea de munda munda 14 uniu
L'adoncuia - marea de munda munda 14 uniu

Aditi de segun, fidele de
L'adoncuia - marea de munda munda 14 uniu
L'adoncuia - marea de munda munda 14 uniu
L'adoncuia - marea de munda munda 14 uniu

Aditi, Rangel Rangel de munda
L'adoncuia - marea de munda munda 14 uniu
L'adoncuia - marea de munda munda 14 uniu
L'adoncuia - marea de munda munda 14 uniu

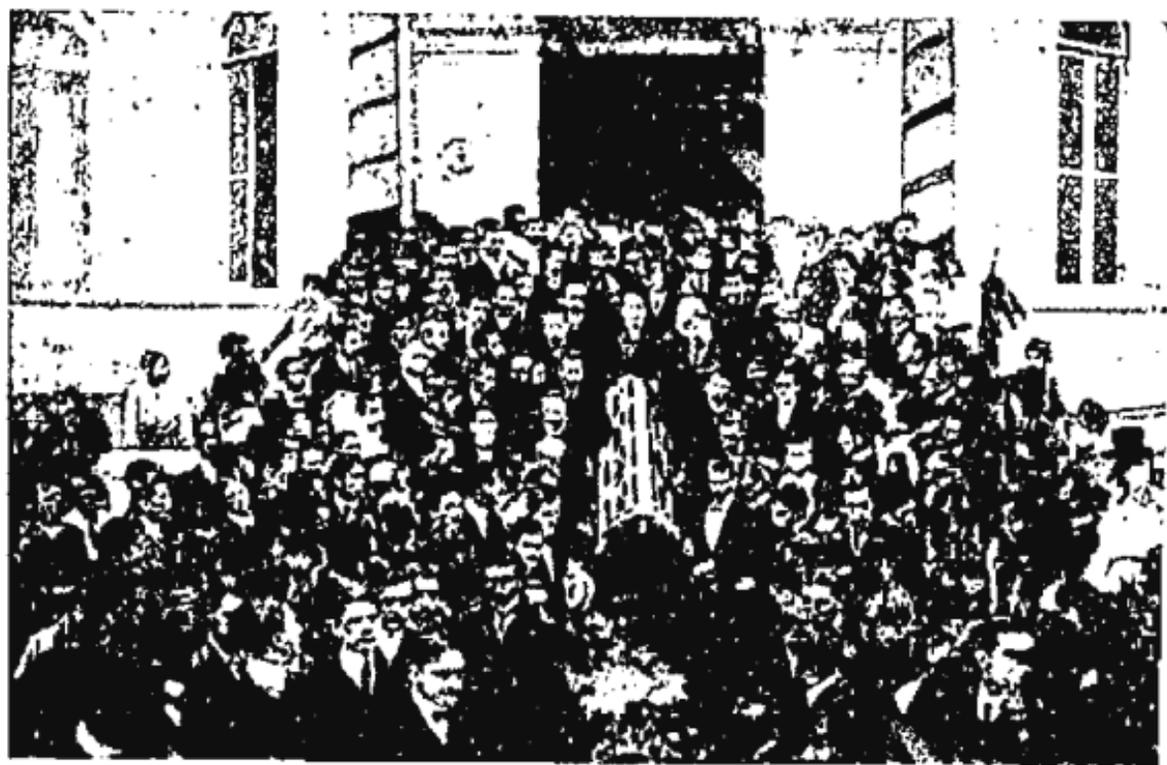
Emiliana de Rangel

Autografo de carta a Alberte Rangel



NO ITAMARATI

Senhores: Afonso Arinos, Barão Homem de Melo, Rio Branco, Gasão da
Cunha. — Da pd: Euclides da Cunha, Araújo Jorge, Graça Aranha, Percebio
de Aguiar — como representantes dos estudantes insatisfeitos



Enterro de Machado de Assis



Euclides e Euclides da Cunha Filho, (Quidinho).



José Pimenta da Cunha, tio de Euclides, Manoel Pimenta da Cunha, pae de Euclides e o Ministro Octaviano Vieira, cunhado.